

PEQUENOS PAZES

ENCONTRO DE AMOR NUM PAÍS EM GUERRA

LUIZ SEPÚLVEDA



WOLFF
ASA

Wook



Encontro de amor num país em guerra

Luis Sepúlveda

Colecção Pequenos Prazeres

Edições ASA

Digitalização e arranjo: Agostinho Costa

Luis Sepúlveda nasceu em Ovalo, no Chile, em 1949. Toda a sua obra, traduzida nos quatro cantos do mundo, está publicada em Portugal pelas edições ASA: “O velho que lia romances de amor”, “Mundo do fim do mundo”, “Nome de Toureiro”, “Patagónia Express” e “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.”

Com este novo livro orgulhamo-nos de continuar a apresentar aos leitores portugueses um dos seus autores mais queridos.

Pequenos prazeres

O presente livro reúne um conjunto de narrativas que se encontram dispersas por edições há muito esgotadas ou que permanecem inéditas nas gavetas do autor. Com a sua publicação, Luis Sepúlveda quis, de certo modo, encerrar o capítulo da sua vida literária anterior a “Um velho que lia romances de amor”, obra que, de um momento para o outro, em 1992 se transformou no caso mais sério da nova literatura latino-americana.

A aventura e a política, o amor e a guerra, a viagem e a utopia, a ironia e o mistério, todo um mundo do autor, com as suas paixões e os seus temas, «alguns como o tema amoroso presentes pela primeira vez com tanta intensidade». Como parece, este notável livro de relatos vem confirmar a mestria do grande escritor chileno e a sua incontornável presença na primeira fila dos grandes contadores de histórias dos nossos contemporâneos.

Título original: Desencuentros

Traduzido do espanhol por:

Pedro Tamen

ASA literatura

Direcção gráfica da colecção

João Machado

1ª Edição: Abril de 1997

Edições ASA

R. Mártires da liberdade, 77

Apartado 4163 - 4004 Porto CODEX

Delegação em Lisboa

Av. Dr. Augusto de Castro, lote 110

1900 Lisboa

Portugal

Índice

Amores e desamores

Encontro de amor num país em guerra.....	9/0
Desencontro do outro lado do tempo	21/0
História de amor sem palavras	33/1
Formas de ver o mar	49/1
Café	61/1
Alguém lá em cima está à espera de gardénias	64/1

Heróis e canalhas

Parou um carro a meio da noite	69/2
Um homem que vendia doces no parque	76/2
O campeão	81/2
Actas de Tola	100/3
Desencontro pontual	115/3
Do jornal de ontem	121/3
Recordações patrióticas	127/3
Pequena biografia de um grande deste mundo	130/4
O bibliotecário	142/4

Imprevistos

Mudança de rumo	148/4
Casa em Santiago	159/4
Rolando bar	191/5
Quando não tiveres um sítio para chorar ...	197/6
“my favorite things”	201/6
O último faquir	206/6
Notícia de um lugar desconhecido	214/6
Uma outra porta do céu	221/6

AMORES E DESAMORES

Encontro de amor num país em guerra

“Sou um honrado decente. Tenho medo.”

José Martí

Estava contente. Tinha um encontro para aquela noite. Alguém a quem tocar, ver, falar. Esquecer a morte pão de cada dia.

Gostava da mulher. Gostei dela desde a primeira vez que a vi num café da cidade do Panamá. Nessa ocasião estava acompanhada pelo homem maciço que nos dera as instruções necessárias e as contra-senhas para seguirmos para a costa rica e, de lá, continuarmos até à fronteira norte, onde nos juntaríamos ao grosso da brigada.

A mulher não falou durante a conversa. Mesmo à despedida manteve-se no seu silêncio. Um forte aperto de mãos e nada mais.

O Pablo estava comigo nesse dia e, depois de os contactos se terem ido embora, bebemos várias rodadas de cuba-livre.

- Gostaste dela - disse-me ele.
- É claro. É normal, não? Há sempre mulheres de quem a gente gosta.
- É preciso olho, irmão. O melhor é esquecê-la.
- Não me confessei apaixonado.
- Melhor assim. Não penses mais nela.

O Pablo morreu escassos dias depois de atravessar a fronteira e fiquei contente por não estar com ele quando aquilo aconteceu. Foi horrível, como todas as mortes. Vim a saber por um comunicado de guerra e, mais tarde, pela boca de um companheiro que me contou os pormenores.

A coluna do Pablo conseguira avançar vários quilómetros a partir de Peñas Blancas na direcção de Rivas. Anoitecia quando descobriram uma cabana abandonada e, depois de fazerem uma inspecção, decidiram pernoitar nela. O único sobrevivente, o que me contou a história, conseguiu salvar-se apenas devido a um golpe de sorte. O comandante da coluna ordenou-lhe que ficasse de guarda fora da cabana. Tudo se passou muito depressa. Lá dentro encontraram um pouco de lenha, e entre os paus a guarda deixara uma armadilha de caçar lobos. Alguém da coluna quis fazer uma fogueira e, ao levantar uma acha, a explosão matou-os a todos.

Não ia a pensar no Pablo enquanto me dirigia para o lugar combinado. Pensava na mulher.

Havia muitos meses que não abraçava um corpo morno, um corpo macio, alguém que fizesse perguntas, alguém que respondesse às minhas. Era tempo de mais sem dar nem receber um pouco de ternura. O tempo justo para uma pessoa se transformar num animal no meio da guerra.

Estávamos em Rivas, e era a terceira vez que tomávamos a cidade em menos de dois meses. Ao que parecia, a guarda estava agora bastante enfraquecida e ficaríamos ali um breve período antes de seguirmos para Belén, onde nos dividiríamos para o ataque simultâneo a Jinotepe e a Granada.

Ela falou-me quando estávamos na fila do aviamento.

- Nós conhecemo-nos. Lembras-te?

- Claro que me lembro. Posso dizer-te quantas pernas tinha a mesa do café na cidade do Panamá.

Riu-se.

- Às vezes a memória não é boa companheira. É preciso saber esquecer rapidamente.

Depois de termos recebido o equipamento fomos sentar na praça num lugar à sombra.

- Esta cidade deve ser lindíssima quando não há guerra. Uma cidade para gozar o pôr-do-sol sentindo nas costas a brisa do lago.

- É uma cidade bonita. Eu sou daqui.

- Tens família aqui?

- Prefiro não falar disso.

- Está bem. Se preferes assim... uma última pergunta. Onde está o companheiro do nosso encontro no Panamá?

- Morto - respondeu.

O homem recebera instruções para avançar para leste, a sua coluna devia apertar a tenaz que cercava Bluefields. As forças de pastora atacavam a partir de San Juan del Norte, e o homem conhecia muito bem a zona depois de sete anos de luta naqueles montes. Passadas algumas escaramuças ocuparam Juigalpa, e de lá seguiram até Rama, onde a guarda lhes armou uma cilada obrigando-os a refugiar-se numa zona pantanosa. Depois de vários ataques da aviação somozista, ele acabou por ser capturado juntamente com outros poucos sobreviventes. Antes de acabarem com eles, foram todos esfolados vivos.

- Lamento - foi a única coisa que pude dizer.

- Eu também. Apesar de já não sermos companheiros - disse-me ela com palavras muito pausadas.

- Estás sozinha?

Sem palavras deu-me a entender que sim, e quando lhe fiz uma festa na cara fechou os olhos.

O sol batia com força quando cheguei ao meu posto, e era melhor assim. De outro modo, os insuportáveis mosquitos teriam dado comigo em doido.

Era um quarto construído com pranchas metálicas, dantes usado pela guarda para os prisioneiros incomunicáveis. Nós dávamos-lhe o mesmo fim e lá dentro devia fazer um calor sufocante.

Tinha de vigiar o prisioneiro que tínhamos julgado durante a manhã. Tudo o que sabia dele é que era um bufo", um informador da guarda, e que por sua culpa muitos dos nossos tinham caído e muita gente sem outra razão além da de viver em Rivas. Encostei a espingarda à parede de zinco e sentei-me no chão de cascalho. Tinha sede e, procurando não ser visto por ninguém, puxei de uma garrafa de rum de um bolso da camisa.

O álcool estava proibido entre os combatentes, pois muito bem, formalmente proibido, mas havia sempre uma maneira de arranjar qualquer coisa para beber. Era bom o rum da Nicarágua. Forte e um pouco adocicado, com um sabor a cana que se prolongava no paladar. Gostava do rum, mas não gostava de estar ali. Pouco restava na

garrafa. Era uma daquelas garrafas achatadas que as pessoas das cidades tranquilas usam quando vão ao hipódromo ou em viagem. Não. Não gostava de estar ali, de guarda ao prisioneiro e a divagar acerca da garrafa.

Sentado, pensei que onde eu queria estar era no Manolo, naquele café do princípio da avenida amazonas, em quito.

Lá estava-se bem. Podia-se ocupar uma mesa debaixo de um guarda-sol com propaganda dos cigarros camel, um whisky com gelo, e ficar longas horas a ler o jornal, ou simplesmente a ver passar gente. Às vezes aproximava-se um conhecido e perguntava do passeio:

"Que tal? que é que fazes esta tarde?"

"Não sei. Não tenho planos."

"Formidável. Então encontramos-nos no Charpentier ou mais tarde no urso polar."

"Pronto. Lá estaremos."

Comia-se bem no Charpentier, e o urso polar era um escuro tugúrio frequentado por cantores e toureiros em desgraça. Era um bom lugar antes de fechar a noite com um canelazo de aguardente, canela e açúcar.

Acendi um cigarro e o homem falou comigo.

- Não te importas de me dar um, irmão?

Amaldiçoei o olfacto do tipo. Restavam-me muito poucos e quem sabe se encontraria alguma coisa para fumar quando se acabassem estes. Mas não se pode negar um cigarro. Eu também conhecia a prisão e sei a vontade de fumar que dá. Além disso, eram as suas últimas horas.

- Toma.

Passei-lhe um aceso pela ranhura inferior da porta.

- Obrigado, irmão.

- Não me chames irmão.

- Todos somos irmãos. Caim e Abel também eram irmãos.

- Cala-te.

O prisioneiro não tornou a falar, e melhor assim.

Pensava na mulher. Tínhamos almoçado juntos. Levou-me a uma casa por onde se entrava pelo buraco de um tiro de canhão. Lá dentro estavam duas velhas desdentadas que me olhavam com um sorriso velhaco.

- O compadre não é destas bandas - comentou uma delas.

- Não. Sou de um pouco mais ao sul - respondi-lhe.

Fizeram omeletas e num jarrinho de barro puseram os feijões cozidos. Deixaram-nos sozinhos.

- É pena não haver nada para beber, a não ser água.

- Eu tenho sede - respondi puxando do meu resto de rum.

- Podes beber rum com a comida?

- Não. Mas água também não. Enche-me as tripas de parasitas.

- Espera. Acho que ainda há um pouco de café.

Enquanto se inclinava sobre o fogão abracei-a pela cintura.

- Cuidado que as velhas podem voltar.

- E que importa? É suposto fazermos esta revolução para sermos livres. Toda esta guerra porca é para isso, ou não?

- Não percebes.

- Mas que raio é que tenho que perceber?

Beijou-me, e fez-me prometer que voltaria à noite.

O sol continuava a bater com força. Às vezes pensava no prisioneiro que estava ali dentro a ser cozinhado e imediatamente afastava os meus pensamentos. Não era assunto meu e não gostava de estar ali. Amaldiçoava aquela guerra em que estava voluntariamente envolvido, aquela guerra maldita que se prolongava mais e mais do que se tinha pensado. Acabei por falar com ele.

- Queres fumar?

- Se me convidares para um, irmão.

- Já te disse que não me chames irmão.

Acendi dois e passei um por baixo da porta.

- Obrigado, irmão.

Deu-me vontade de rir.

- Está bem, irmão. Toma. - Meti a garrafa pelo espaço de luz que havia entre a porta e o chão. - Bebe uma golada, mas não todo.

- Obrigado, irmão. Mas não bebo.

- E pode-se saber porque é que não, irmão?

- Porque sou evangélico, irmão.

- Ora bardamerda!

Tinha a camisa colada ao corpo e as botas torturavam-me como sempre. Tentava pensar noutras coisas, noutros lugares, para não sentir o castigo do sol. Pensava, por exemplo, em como seria bom pegar num bote e remar pelo lago dentro até às ilhas Solentiname, mas isso era uma coisa absurda. A guarda patrulhava o lago de dia e de noite, e lá das lanchas costumavam ter uma pontaria do demónio. Transporteiei os meus pensamentos para a costa rica, para o cantinho europeu que Esteban me mostrara uma tarde a poucos quilómetros de Moravia. O cantinho era um meio hectare de bosque atravessado por um regato cheio de trutas. Sempre que podíamos íamos à pesca e, à sombra de frondosas árvores, fartávamo-nos de trutas fritas e de vinho chileno.

- irmão...

- Que queres tu?

- Quando me vão fuzilar?

- Não sei. Não te disseram?

- Não me disseram nada, irmão. Mas não interessa. Eu sei que vão fuzilar-me não tarda, e mereço.

- Ora porra. Se queres um confessor posso fazer com que te chamem um padre.

- Não, irmão, obrigado. Já te disse que sou evangélico.

O tipo devia estar meio louco. Talvez o cérebro já estivesse cozido. Nunca o tinha visto, mas o timbre da voz indicava ser um homem novo.

- Sabes porque é que me têm aqui, irmão?

- Porque és um bufo.

- Certo. Mas tudo o que fiz foi por amor.

- Por amor? Foi por amor que denunciaste e mandaste para a morte dezenas de pessoas? O teu conceito de amor é bastante estranho.

- Às vezes o amor confunde-se com o ódio e não há ninguém que nos possa apontar a diferença. Não me odeies, irmão.

- Eu não te odeio. E, com mil diabos, não tornes a chamar-me irmão.

A conversa com o prisioneiro pôs-me de mau humor e, para cúmulo, a garrafa tinha-se esvaziado. O cair da tarde trouxe um pouco de brisa do lago e, a mim, a rendição.

- Novidades?

- Nenhuma.

- Se fores depressa consegues comer um pouco de carne de porco.

Olá, se me apressei. Havia semanas que não provava um pedaço de carne. Estava eu a comer quando um homem com distintivo de comandante se sentou ao meu lado.

- Está bom?

- Razoável. De certeza que no intercontinental se come melhor.

- De certeza. Vamos a ver se tiramos isso a limpo quando chegarmos a Manágua.

- Vamos a ver.

- Estavas de guarda ao prisioneiro?

- Estava. Toda a tarde.

- Disse alguma coisa?

- Nem meia.

- É um filho da puta, garanto-te, irmão.

- De certeza, irmão.

Terminado o jantar, procurei conseguir alguns cigarros e tive sorte. O quiosque da praça estava aberto e iluminado como se a guerra se passasse num lugar muito distante dali, e não só me venderam cigarros, mas também uma garrafa de rum e um frasco de sumo de manga. Depois de equipado, o meu humor melhorou e bebi uma cerveja gelada conversando com duas mulheres combatentes. Esquisitamente, a guerra desapareceu no meio da noite estrelada e as mulheres falaram do futuro com uma desenvoltura que ao princípio me surpreendeu e que acabou por me desagradar. Eram odiosamente optimistas, e eu sempre me pus a pau com gente assim. Aprendi com o Pablo que acabam por trazer má sorte.

A obscuridade decidiu-me a pôr-me a caminho da casa das velhas. Uma delas recebeu-me com um risinho velhaco.

- Voltou o camarada do sul.

- Sim. Voltei.

- Entre, entre, que estão à sua espera.

A velha desapareceu sem abandonar o seu risinho. Lá dentro, a mulher pendurava um mosquiteiro por cima da rede de dormir.

- Que tal foi a tarde? - Perguntou.

Encontrei num móvel dois copos e preparei uma golada de rum com sumo de manga.

- Má. Estive de guarda ao prisioneiro.
- Conhece-lo? Disseram-me que também é daqui.
- Prefiro não falar disso.
- Tens razão. Não se fala dele. Toma. Pode dizer-se que é um cocktail equatoriano. Gostas de cocktails? Se chegarmos vivos a Manágua convido-te para um martini seco e deixo-te comer a minha azeitona, prometo.

Ao passar-lhe o copo agarrei-a pela cintura e, quando tentei beijá-la, descobri que estava a chorar.

- Não te importas de me dizer que raio é que se passa?
- Nada. Não se passa nada.
- Nada? Olha. Vamos esclarecer as coisas. Eu quero estar contigo, percebes? Gosto de ti e quero estar contigo esta noite. Nem tu nem eu sabemos o que nos acontecerá amanhã, percebes? A única pessoa que conhece o seu futuro nesta maldita cidade é o prisioneiro, sabe que o vão matar antes de o sol nascer. Estou farto desta maldita guerra e não tenho outro desejo além do de estar contigo, mas bem, e se possível com uma migalha de alegria. És capaz de perceber isto? Agora, se queres que eu me pire, basta dizeres e não aconteceu nada.

Senti vontade de ir-me embora, mas a mulher conteve-me.

- Está bem. Senta-te aqui ao meu lado. Eu também gosto de ti. Gosto de ti desde o dia do nosso primeiro encontro, apesar de não termos dito nada um ao outro. Também estou cansada e não me importa o que me possa acontecer amanhã. Também quero estar contigo esta noite, mas antes tenho que falar, tenho que falar com alguém, perdoa-me que te utilize, mas é uma espécie de vômito, o que vou dizer-te é assim como um vômito, mas às vezes é necessário vomitar o que nos apodrece por dentro.

Ouve-me sem me interromperes. Repito-te que é um vômito. Esse homem, o prisioneiro, é meu marido. É ainda meu marido. Não o amo, nunca o amei. É um pobre diabo que nem sequer tem a inteligência necessária para ser um homem mau. Abandonei-o há quatro anos. Incorporei-me na luta e abalei com o companheiro que conhecestes no Panamá. Quando fiz isso, o prisioneiro, meu marido, enlouqueceu e começou a denunciar todo aquele que lhe parecia ser colaborador da frente. Hoje vi-o pela primeira vez depois de quatro anos e sabes o que me disse? Que tinha feito tudo por amor, pelo seu amor por mim. Estás a ver? Percebes o que eu sinto?

- Disse-me o mesmo a mim - consegui eu dizer quando soaram os disparos e a mulher me olhou com olhos avermelhados de viúva.

Desencontro do outro lado do tempo

O livro esperava-me num recanto de uma pequena loja de alfarrabista em praga. Aquela era a minha última manhã na cidade aonde fora participar numa homenagem a Jaroslav Seifen, e, como a obra de Seifen não se encontra nem nos ensaios eruditos nem nos discursos laudatórios, decidi dedicar essas horas finais a vaguear pelas imediações de São Venceslau, sem rumo fixo, divagando acerca da origem das estreitas ruas que às vezes parecem criadas pelos desejos do poeta.

Fazia um frio que me obrigava a caminhar meio encolhido, de mãos nas algibeiras, em busca do calor das pequeníssimas lojas de artesanato e dos antiquários. O

livro esperava-me numa montra, e o seu primeiro sinal foi saltar-me aos olhos na minha própria língua. Não é comum encontrar livros em espanhol nos países do leste europeu, e menos ainda nas livrarias de livros em segunda mão.

Era um livro fino, encadernado a tela escarlate, com a capa engalanada por uma orla dourada, que em parte perdera a cor, a qual emoldurava duas filigranas, também douradas, que terminavam os seus caprichosos traços em forma de cardos, e outras flores que recordavam as pinturas de Jerónimo Boch. Na parte inferior do frontispício, entre as filigranas, havia um oval horizontal com a legenda: biblioteca selecta para a juventude. Ao centro, numa espécie de pergaminho meio desdobrado, estava impresso o título: história da máquina a vapor, e, mais abaixo, uns caracteres grossos identificavam a editorial: Garnier irmãos, Paris.

Não me considero um cínico, mas sei que me coube viver numa época que considera a ingenuidade uma causa perdida, e o acaso é apresentado como um sucedâneo da vontade. Tudo parece programado de antemão e lentamente perdemos a capacidade de nos deixarmos surpreender, de aceitar que o insólito é possível. Os meus planos daquela manhã contemplavam um passeio por praga em busca dos versos de Seifen, a seguir iria para o aeroporto, e nessa tarde jantaria com uns amigos em Barcelona. Mas o livro de capas escarlates continha um chamamento e, ignorando a tendência da época, empurrei a porta da livraria.

O delicado tilintar de umas varinhas metálicas penduradas anunciou a minha entrada. O lugar era estreito e pouco iluminado. Cheirava a espaço fechado, a gatos urinando sobre séculos de erudição e mistério, a papel, a pó, a tempo depositado nas estantes. Por uma porta do fundo, talvez da habitação, apareceu um ancião muito agasalhado.

Comuniquei-lhe em alemão o meu desejo de ver o livro da montra e, quando lho disse, o velho sorriu antes de me falar com uma entoação doce e estranhamente familiar, com uma entoação tanto ou mais antiga que os seus livros: era um judeu sefardim e mostrava-se feliz por poder falar em ladino.

- Ah! El libro en espanyol. Qué de anyos que está en la vitrina! - Disse ao entregar-mo.

A contracapa estava protegida por um papel ocre e a primeira folha tinha a mesma cor. Ao ver a caligrafia despreocupada da dedicatória, traços que evidentemente não procuraram o efeito de uma surpresa, percebi que não teria de avançar na leitura para compreender o silencioso chamamento que aquele livro me lançara da sua clausura.

Não posso definir com precisão o que senti ao percorrer aquelas palavras escritas com tinta, talvez azul, e que ora se confundia com a cor brumosa da folha. Ou talvez o possa fazer, minimamente: senti compaixão por um certo velho de barba rala, que morrera havia mais de trinta anos, de quem gostei e que acompanhei em longínquas tardes chilenas de espesso silêncio.

As recordações rápidas devem ter modelado no meu rosto uma expressão preocupante, pois o livreiro pegou-me por um braço, levou-me até uma cadeira e ali me ofereceu um cálice de licor.

- Pilar Solórzano existiu, - ouvi-me a mim mesmo murmurar.

- Não te angusties. Tudo é possível nos livros - disse o velho.

Agradei o facto de o livreiro compreender a minha asfixiante necessidade de falar e comecei a fazê-lo, enquanto repassava os olhos uma e outra vez pela dedicatória: "dedico este livro a Genaro Blanco como homenagem aos seus sonhos e a tudo o que nos une. Pilar Solórzano, 15 de Agosto de 1909."

Genaro Blanco. Don Genaro. Assim se chamou um velho andaluz cheio de sonhos que um dia foi adoptado pela minha família como mais um parente. Segundo a minha mãe, estava ela no quinto mês de gravidez quando ele apareceu na sala de estar da casa pendurado num braço do meu avô, carregando uma mala desconjuntada e um guarda-chuva preto.

"Este é Genaro, meu companheiro e irmão. Perdeu a companheira há três semanas e acha que está só. Nós lhe demonstraremos que, na grande fraternidade dos homens livres, nunca se está sozinho. Sê benvindo, companheiro. Partilha connosco o vinho, o pão e o carinho," dizem que disse o meu avô, apontando-lhe o seu lugar na mesa da família. "Desejo-vos a todos saúde e anarquia", dizem que respondeu don Genaro, de tal modo que, quando vim ao mundo, quatro meses mais tarde, tive dois avôs espanhóis e um chileno.

Pelo conteúdo da mala, muito pouca roupa e muitos papéis que revia pacientemente, os meus pais souberam que, tal como o meu avô, era um inimigo de todos os governos e que correra mundo antes de acabar como um pitoresco e extemporâneo acrata na rigorosa legalidade da sociedade chilena.

Pouco é o que sei dele, porque morreu quando eu tinha doze anos e, desses, os últimos passou-os sumido em longos silêncios que a família interpretou como depressões normais num aventureiro reformado, ou ataques de senilidade de modo algum preocupantes.

Tudo quanto me lembro é fragmentário, e a memória apenas me traz a certeza de uma frase que lhe ouvi dizer muitas vezes quando, da beira do seu abismo de silêncio, me convidava a sentar-me junto de si. "Vem cá, vou falar-te de Pilar Solórzano"; mas nunca me disse mais nada.

Don Genaro viveu até aos noventa e dois anos, e a sua evocação de Pilar Solórzano foi tomada como a decrepitude de um velho solitário, viúvo, e que às vezes confundia as personagens de zamacois com as da vida real. Depois da morte do meu avô, o seu grande companheiro, deu a don Genaro a mania de fugir à tutela familiar e reaparecer horas mais tarde escoltado por dois carabineiros. Este senhor chegou ao palácio de La Moneda insultando um tal largo caballero. É favor que não repita isto, porque, senão, ver-nos-emos na obrigação de o prender. Don Genaro escutava cabisbaixo as recriminações da família, bebia um gole de anis e, em vez das esperadas desculpas, soltava o seu axioma moral: «todo o poder corrompe.»

Contrariando as indicações do médico, acendia um caliquerco, arrastava a sua cadeira de palhinha até junto do metro quadrado de ervas medicinais que cultivava e a que chamava o seu «carmelo» e, de lá, formulava-me o convite sempre inconcluso: "vem cá, vou falar-te de Pilar Solórzano.", Aquele nome transformou-se num divertido estribilho, num lugar-comum sem importância. Por exemplo, se o meu pai ou algum dos meus tios se aperaltava antes de sair, perguntavam-lhe: "tens um encontro com Pilar

Solórzano?", ou então, quando alguém estava distraído, recebia imediatamente um: "deixa lá de pensar em Pilar Solórzano.", Terá sido don Genaro um homem feliz? sei pelos meus pais e pelos meus tios que foi um desafortunado inventor de máquinas. Quando as terminava, ou já estavam inventadas ou não encontrava aplicações para elas. Por isso, em princípios do século, andou pelas filipinas e pela América central à procura de lugares onde as suas invenções fossem apreciadas. Pelo menos uma vez terá regressado a Espanha. Ali conheceu a que seria sua mulher, uma catalã que só vi em fotografias que mostravam o casal com outros milicianos da CNT. Não tiveram filhos, e o fim da guerra civil arrastou-os até Trompeloup, perto de Bordéus. Em 1939 conseguiram embarcar no Winnipeg com outros dois mil derrotados, e a última coisa que viram da Europa foi o perfil de Neruda despedindo-se deles no cais...

- Não te angusties. É uma história bela e triste - disse o velho livreiro.

- Não sei que pensar. ,Será tudo isto uma coincidência sem sentido? Terá havido outro Genaro Blanco ditosamente acompanhado de outra Pilar Solórzano? Ora veja, na página seguinte, o selo violáceo que diz: «e. Goubaud & co. Libreros, Guatemala». Talvez naquele tempo o Genaro Blanco que eu conheci estivesse na América central. Que estranho e confuso tudo isto é.

O livreiro olhou para mim com uma atitude de compreensão, como se tais encontros fossem inteiramente normais no seu mundo de papel e de ideias organizadas pelo tempo. Antes de falar, tirou os óculos e limpou-os com o cachecol.

- Leva o livro. Estava à tua espera.

- Ainda não lhe perguntei o preço. Nem sequer sei se posso pagá-lo.

- Leva o livro. Há nele uma dúvida longínqua que está à espera de solução. Se não o lebares, há-de perseguir-te como um golem. Lembra-te de que sou judeu e sei do que estou a falar. O livro é teu. Pertenceu a Genaro Blanco e tu foste da família dele.

- Está bem. Aceito-o, embora com uma condição: não sei como, mas vou procurar Pilar Solórzano. Se descobrir que tudo isto é um equívoco, devolvo-o.

O livreiro olhou então para mim com benevolência, talvez desculpando a minha ignorância do inevitável.

Durante o voo para Barcelona não larguei o livro. Procurei mais qualquer coisa além da concisa dedicatória.

O seu autor chamava-se Elías Zerolo e era publicado pela livraria espanhola de Garnier & Irmãos, rue des Saints-Pères 6, Paris. Ao folheá-lo, encontrei um parágrafo que podia muito bem ter sido dito por don Genaro quando limpava o pó às suas ideias libertárias: "... e verá que só no trabalho livremente escolhido se encontra a satisfação, e que só por ele se adquire o apreço da humanidade."

Ao aterrar em Barcelona levava esboçado um plano mínimo de investigação que começava por um telefonema para a minha mãe no Chile. Foi o que fiz logo que cheguei ao hotel e, sem mencionar o achado do livro, perguntei-lhe se por acaso alguma vez don Genaro lhe contou em que países esteve em princípios do século.

- Como queres que me lembre? Sabes quantos anos passaram desde a morte do velhote?

- Por favor, tenta. É muito importante para mim.

- Ainda estão cá em casa os papéis de don Genaro. Tinha vários passaportes, mas não sei onde diabo os guardámos. Telefona amanhã que eu entretanto vou procurá-los.

- Não, mãe. Tem que ser agora.

- Que calvário. Está bem, telefona daqui a umas horas.

Por sorte, a minha mãe encontrou os documentos, e fiquei assim a saber que, entre 1907 e 1909, don Genaro vivera em Oviedo. Entre os papéis encontrou várias cartas de empresas mineiras em que lhe recusavam invenções. E um passaporte que assinalava a sua saída de Espanha por Santander em 1910.

Seguiu-se uma longa noite insone e, quando consegui dormir um pouco, tive um sonho que quase me pôs feliz. Nele, via don Genaro, o meu avô e o velho livreiro de praga. Bebiam licor e conversavam como se fossem amigos de toda a vida. De repente don Genaro chamou-me: "vem cá, vou falar-te de Pilar Solórzano", mas a chegada do alvorecer levou consigo outra vez o seu segredo.

Ao cair da tarde do dia seguinte o comboio deixou-me na capital asturiana. Procurei um hotel nas imediações de La Jirafa, pedi que me mandassem ao quarto uma lista telefónica e anotei todos os números dos Solórzano. Felizmente não havia mais que uns vinte, e comecei as chamadas.

- Desculpe o incómodo, mas eu preciso de informações urgentes acerca de uma senhora chamada Pilar Solórzano que em 1909 visitou a Guatemala. Sei que parece esquisito, mas, repito, trata-se de um assunto urgente.

As quinze primeiras chamadas não encontraram outro eco além da surpresa ou de frases evasivas. Talvez me tenha exprimido mal, talvez devesse ter inventado que andava à procura de herdeiros, enfim, um argumento coerente qualquer. Cheio de dúvidas, marquei o número seguinte, e uma voz de mulher pôs-me a suar de emoção.

- É de casa da senhora Solórzano, mas ela não está. Mudou-se para um lar de idosos. É que está sozinha e já não pode bastar-se a si mesma. Não. Não se chama Pilar. Tinha uma irmã, sim, espere um momento, José, lembras-te do nome da irmã da senhora? Tens a certeza? Diga? Sim. A irmã chamava-se Pilar. Sim, se quiser vir... amanhã? É que durante o dia não estamos. Se não se importar com a desordem, pode vir agora. Estamos a renovar a casa e o senhor sabe como são estas coisas. Alugámo-la há pouco tempo e ainda restam muitas coisas pertencentes à senhora Solórzano. Muito bem. Cá o esperamos.

O casarão cinzento era muito perto da estação, e fui recebido por um simpático casal entregue às tarefas de renovação. Depois de pedirmos mútuas desculpas, eu pela intromissão e eles pelos baldes de tinta que se viam por toda a parte, confessei-lhes que não sabia o que estava ali a fazer, que ignorava aquilo que procurava, mas que para mim era de vital importância encontrar alguma coisa, fosse o que fosse, que me aproximasse de Pilar Solórzano.

- Que dizes, José? Não me parece que seja chanfrado - disse a mulher.

- Pelo menos não parece perigoso - foi a opinião do homem.

Deixaram-me sozinho num quarto repleto de quadros, livros, candeeiros, tapetes e álbuns de fotografias.

Não levei muito tempo a descobrir a existência real de Pilar Solórzano. As organizadas fotografias de uma vida solitária mostraram-me a lenta transformação de uma mulher que em momento algum deixou de ser bela, transformação visível, à medida que passava as folhas dos álbuns, no embranquecer da cuidada cabeleira, nas manchas que lhe tomavam conta das mãos e do rosto.

Abri um, datado 1908-1911. Vários postais sépia mostravam países tropicais, e numa fotografia reconheci os traços de don Genaro. Ele e Pilar estavam juntos numa espécie de atalaia, talvez numa fortaleza espanhola construída para defesa contra os piratas. Ela tinha um longo vestido, porventura de algodão, muito leve, pois o vento imobilizado na fotografia empurrava-o para um dos lados colando-o a um corpo esbelto. O homem vestia um fato talvez branco, talvez de linho, ostentava na cabeça um chapéu panamá, e apertava um livro contra o peito. Era o mesmo livro que naquele momento, oitenta anos passados, me inchava uma algibeira do casaco.

Ciente do que ia encontrar, descolei a fotografia. Nas costas, a data: 15 de Agosto de 1909.

Ignoro quantas horas permaneci naquele quarto passando em revista as fotografias e as cartas remetidas do Chile. Numa delas, datada de 1949, don Genaro falava do meu nascimento com palavras em que reconheci o tom que utilizava para explicar as suas ideias libertárias, ou para me chamar para a beira da sua oferta inconclusa. "Vem cá, vou falar-te de Pilar Solórzano.", "Se pudesse vê-lo, Pilar... um pequeno ser que consegue povoar o universo. Berrador, indefeso, caprichoso, mas capaz de até nos mais rudes fazer despertar o sentimento filial que faz de todos os homens uma grande família. Se pudesse vê-lo, Pilar...", não quis continuar a ler. Não consegui. Tinha vergonha de espiar aquela secreta, aquela secretíssima intimidade.

Estava-me despedindo do casal quando a mulher se lembrou da existência de uma caixa com documentos importantes que tinha de levar à senhora Solórzano. Nela fui encontrar a certidão de óbito de Pilar. Morrera muitos anos antes de don Genaro, e, pela data de nascimento, deduzi que fora uns quinze anos mais velha que ele.

Apertando o livro entrei num bar, e o calor do conhaque encheu-me de perguntas: terá don Genaro conhecido os mistérios do amor guiado por aquela mulher? Tê-lo-á ela seguido até à América central? Terão tentado ser felizes lá nas Caraíbas? Quando se terá interposto entre eles a distância? Terão descoberto de repente que a armadilha dos anos se abria sem misericórdia por sobre as juras de amor, por sobre a febre da felicidade tão rapidamente nublada pela mesquinha razão? Terão pronunciado antes de se separar as palavras-expressões nunca te esquecerei? Ou terá sido a guerra civil a causa de tal separação? E, do livro, terão lido juntos, por exemplo, "... De todos os inventos de Blasco de Garay o mais notável é a máquina que faz andar as naves sem remos e sem velas, antes comandadas pela domada vontade da água ...?"

As páginas do livro tinham marcas deixadas pela humidade e manchas ocreas que ameaçavam invadir os textos. Em don Genaro, a memória de Pilar Solórzano não teve manchas nem sombras.

Quero crer que aquele amor, como o livro, sobreviveu à noite do olvido, que no ocaso da sua vida Pilar Solórzano telefonou à irmã dizendo-lhe: "vem cá, vou falar-te de Genaro Blanco," - e, ao calar-se debruçada sobre o abismo dos anos, o silêncio

compartilhado foi uma imaculada linguagem de amantes, mais podeRosa que todas as ausências, que todas as dores, e que a força daquele amor se manteve alimentada pela certeza da minha inevitável chegada, prevista por uma inexplicável vontade que me escolheu como testemunha daquele desencontro no outro lado do tempo.

História de amor sem palavras

“Não preciso de silêncio, já não tenho em quem pensar.”

Atahualpa Yupanqui

Conheci a Mabel por causa dessas coisas da moda e não se vá pensar que sou um seguidor muito assíduo dos estilos em voga, mas às vezes, já se sabe, é incômodo estar sempre a nadar contra a corrente, e uma pessoa sucumbe sem comentários de maior à ideia de vestir umas calças um pouco mais largas ou um pouco mais aflautadas. Mas é da Mabel que eu quero falar, e não da moda. Da Mabel, agora tão distante da hecatombe de recordações e calendários abandonados.

Era a mais nova de três irmãs, todas mudas de nascença, que dirigiam um pequeno negócio num bairro de Santiago.

Tinham preparado o local ocupando por causa do comércio a ponta do salão, embora, para ser fiel às recordações, devesse dizer do living, porque os chilenos têm living, que é o que chamam ao conjunto de dois cadeirões, um sofá e uma mesa mal amanhada, faça o favor, entre, não fique aí fora,

Vamos conversar um bocadinho no living, instituição quadrúpede que atribui à casa inegável estatuto.

Uma grossa e berrante cortina vermelha isolava o living da parte destinada ao atendimento do público, e a primeira vez que atravesssei esses limites pareceu-me transpor os umbrais de outro mundo, de um universo comprimido em tempo, de uma atmosfera quieta, povoada de palmeiras anãs, fetos, lâmpadas cobertas com grandes quebra-luzes de cretone grenat, mesas redondas e cadeiras que permitiam manter as costas muito direitas. Agora que penso nisso - porque a recordação não existe a não ser relacionada com outras -, poderia dizer-se que era uma atmosfera proustiana perdida num bairro proletário. Não é elogio para ninguém nem para nada, mas atrevo-me a dizer que era uma atmosfera proustiana desprovida de tédio.

A Mabel e as irmãs ganhavam a vida arranjando gravatas e chapéus. Por muito pouco, punham em acção os seus três pares de mãos portentosas e, num abrir e fechar de olhos, a gravata vergonhosa de um magarefe transformava-se, perdia a largura de remo para se transformar numa fita delgada que estava mesmo a pedir uma etiqueta italiana. Além disso, como cortesia da casa, ensinavam o magarefe gordo e suado a fazer como deve ser o nó príncipe de gales e por sinais indicavam-lhe que esse nó triangular que ele faz já não se usa, é ordinário, olhe, para não dizer ofensivo.

Outros chegavam com um chapéu de abas largas estilo lucky luciano e, depois de umas tesouradas certas, elas entregavam-lhes um tirolês que o chanceler austríaco bem podia ter querido usar. Entender-se com elas, e em especial com a Mabel, não constituía qualquer problema.

Se é certo que não podiam falar, podiam, em contrapartida, ouvir perfeitamente. Tratava-se apenas de elevar um bocadinho a voz, sem chegar ao escândalo do grito, e de modular bem as palavras, embora percebessem com os olhos

tudo aquilo que não captavam bem com os ouvidos, e respondiam movendo os lábios com delicadeza, enfatizando com o apoio das mãos.

Gostei desde o primeiro momento daquela atmosfera de silêncio, e não é por ironia que o digo. Gostei e, portanto, comecei a levar-lhes uma a uma as minhas gravatas.

As duas irmãs mais velhas tinham aqueles movimentos enérgicos que caracterizam os mudos. Mas, pelo contrário, a Mabel era muito suave. Movia os lábios e as mãos com a ternura de um bom mimo, e a intenção das suas palavras podia medir-se no brilho do seu olhar. Tinha qualquer coisa que me atraía, e não era amor, disso tenho eu toda a certeza. Tão-pouco me movia qualquer intenção mórbida. Não. Era o facto de saber que a Mabel pertencia àquele mundo de realidades estáveis, e esta permanência suspensa no tempo e tão ao alcance das minhas mãos. A Mabel era o feitiço de transpor a cortina de cor vermelha berrante e, uma vez do outro lado, sentir que a vida podia ter algum sentido. Como dizer? Sentir-me a salvo. É isso. Sentia-me a salvo do outro lado.

Quando se me acabou a existência de gravatas dediquei-me a visitar as lojas de roupa usada e comprava as mais largas que me apresentavam. Cheguei a adquirir algumas realmente arrepiantes, gravatas com paisagens campestres - com vaca e tudo -, com paisagens marinhas. Com monumentos nacionais dedicados a ilustres vencedores de batalhas perdidas, com vedetas do desporto, com retratos de cantores fora de moda, de antes de eu nascer, e nem se imaginem os vendedores. Olhavam para mim como para um maluco caído do céu a quem podiam impingir toda a merda que a traça ia roendo nas montras.

A Mabel não tardou a descobrir o meu truque.

Nenhum homem podia ter tantas gravatas, e muito menos aqueles modelos tão exclusivos que eu submetia às hábeis mãos das três irmãs.

Uma tarde disse-me que não precisava de me arruinar a comprar mais gravatas. Que, se queria visitá-la, que fosse simplesmente visitá-la. Disse-me isto com a boca, com os olhos e com as mãos.

A minha vida mudou notoriamente. Deixei de ir ao bilhar, onde não me portava mal de todo; naquela altura eu era já um dos trunfos do grupo quando se tratava de ganhar umas cervejas a algum palerma ali caído de repente. Todas as tardes saía do escritório e, dando uma grande volta para evitar encontros com os meus compinchas, dirigia-me para a loja das mudas. Tomávamos chá com bolachas e entendíamos acerca de muitos temas com origem nos mexericos da vizinhança, até chegar a hora de acender a telefonia. Ali, em silêncio, mamávamos a audição de tangos, as palavras pausadas e sentidas de outra Mabel, Mabel Fernández, que nos apresentava uma voz, uma melodia e uma recordação através das ondas da rádio nacional e, mais tarde, bebendo uns discretos copinhos de vinho velho, seguíamos atentamente as histórias de a terceira orelha.

As irmãs possuíam um receptor como nem Marconi sonhou. Era um Errecéa Victor, grande, com o desenho do cãozinho inclinado junto do gramofone, e ao qual o mestre Pepe, o electricista do bairro, fizera alguns acrescentos que permitiam ligar três pares de auscultadores, daqueles usados nos velhos rádios de Galena.

Os cabos dos auscultadores não eram suficientemente compridos, de modo que as irmãs tinham de aproximar as cabeças do receptor adoptando o mesmo gesto atento do cãozinho, e eu divertia-me a vê-las apertar as mãos de cada vez que o vilão estava quase a alcançar os seus perversos propósitos e sentindo como se distendiam quando o herói se aproximava a toda a velocidade para salvar a rapariga.

Histórias de gangsters na Chicago da lei seca, do oeste, com Búfalo Bill como protagonista, as mais variadas versões de Romeu e Julieta, as proezas de Hercule Poirot e de Miss Marple, histórias de Sandokan, o tigre da Malásia, e imagine-se quando chegava a semana santa: vida, paixão e morte de Nsjc e seus companheiros - tudo passava pelos corpos das três irmãs.

Passado pouco tempo estava transformado numa espécie de pensionista vespertino e, depois de uma breve discussão, as irmãs aceitaram que pelo menos eu pusesse o vinho para acompanhar as ceias e que aos domingos trouxesse as empadas.

Passavam-se os meses. À despedida, depois de ouvir as histórias do sinistro doutor Monis, a Mabel acompanhava-me até à porta e ali permanecíamos uns minutos vendo passar os raros automóveis. Eu, fumando um liberty e ela tomando o fresco. Foi numa dessas despedidas que me indicou que desejava falar comigo a sós e me propôs que nos encontrássemos ao meio-dia do dia seguinte nas portas da fancaria alemã, aonde tinha de ir para comprar certos materiais.

Assim fizemos. O encontro tinha qualquer coisa de clandestino e eu sentia vergonha perante a possibilidade de ser visto por algum dos meus camaradinhas. Imaginava os comentários no bilhar, as piadas que teria de aguentar no dia em que regressasse aos tacos e, acima de tudo, temia a possibilidade de acabar ao soco com alguns deles. Levei-a a um café afastado do centro, pedimos leite com baunilha e então disse-lhe que era a vez dela.

Aproximou a cadeira e com os seus lábios silenciosos foi-me dizendo palavras que eu entendia com toda a claridade no brilho dos seus olhos.

Estimava-me muito e alegrava-se por me ter como amigo - porque somos amigos, não é?" disse que sabia que era uma mulher feia, sim, bem, não tão feia como outras que andam por essas ruas, mas sabia que era magra, que não sabia andar daquela maneira que agrada aos homens, e sabia também que eu olhava para ela, não como quem olha para uma mulher qualquer, mas como para uma amiga. Depois de hesitar por uns segundos, acrescentou que eu era o primeiro amigo que tinha na sua vida.

Peguei nas mãos dela entre as minhas. Senti que os olhares admirados que os criados nos dirigiam já não me importavam.

Era esta a primeira vez que se encontrava na rua com uma pessoa sem ser uma das irmãs, e esta primeira vez fazia-a sentir-se bem. Confiança. Era isso que sentia comigo. Confiança. Repetiu-o várias vezes. E como sentia essa confiança, desejava pedir-me uma coisa e, se eu lha negasse, graças a essa mesma confiança, a nossa amizade não sofreria o menor dano. Toda a sua vida consistia apenas em estar na loja, em casa, ir ao fanqueiro, às vezes tomar um gelado e visitar uma vez por mês a companhia da electricidade para pagar a conta da luz. Tinha trinta e cinco anos e durante toda a sua vida nunca fizera mais que isso.

- Um momento. Então nunca foste à escola, por exemplo?

Não. Os pais tinham considerado desgraça suficiente terem três filhas mudas em casa e negaram-se a exhibi-las na vizinhança; além disso, na escola pública teriam sido objecto de brincadeiras - bem sabes como as crianças são cruéis -, e os colégios especiais ficavam muito longe em distância e em dinheiro.

- Ainda não me disseste o que me queres pedir.

que a levasse um pouco a ver o mundo. Não todos os dias, é claro. Supunha que eu devia ter outras amigas, uma noiva, era um rapaz bem parecido e respeitoso. Não todos os dias, só de vez em quando. Que a levasse, por exemplo, ao cinema, onde nunca tinha entrado, e a brincar acrescentou que, quando muito, um dia havia de me atrever a convidá-la para um baile. É claro que não me devia assustar com as despesas.

Ela dispunha do seu dinheiro e, se eu achasse bem, podíamos pagar as contas a meias.

Deixou-me gelado.

- Tu nunca foste ao cinema, ao circo, ao teatro?

Negou com a cabeça e ficou-se a observar-me.

Disse-lhe que sim, que evidentemente. Que convidá-la para ir ao cinema era uma coisa em que eu pensava havia muito tempo e só por timidez me não atrevera a dizer-lho. Sem lhe largar as mãos disse-lhe além disso que não era verdade aquilo de ser uma mulher feia, e cometi até a obtusidade de lhe dizer que não aparentava os seus trinta e cinco anos.

Olhou para mim com ternura, inclinou-se e beijou-me suavemente na cara.

A Mabel e eu. Em pouco tempo nos tornámos devoradores de filmes em castelhano. Dispúnhamos dos cinemas Santiago e Esmeralda para nós. Não perdíamos nenhum com Libertad Lamarque, Mercedes Simone, Hugo del Carril, Imperio Argentina, Lucho Córdova, Sarita Montiel. Os filmes mexicanos, achava-os excessivamente lacrimejantes, com excepção dos de Cantinflas, é claro, e terminada a função atulhávamo-nos de lombinhos com abacate no bahamondes e subíamos ao morro de santa Lúcia debicando um barquilha com amendoim. A Mabel nunca foi um ser triste, e com as nossas saídas transformou-se numa pessoa alegre.

A Mabel mudava em pormenores que não eram fáceis de entender à primeira vista. A Mabel mudava perante a estupefacção das irmãs mais velhas.

Um dia insistiu em que a acompanhasse a um cabeleireiro e transformou o seu cabelo de risco ao meio num penteado alto, "à Brenda Lee", segundo nos confessou a cabeleireira, e cortou uns centímetros aos vestidos. Uma tarde apareceu a tapar a boca com as mãos e só as retirou depois de estar ao meu lado. Tinha os lábios pintados e nos olhos um brilho que nunca me mostrara antes.

A Mabel estava a mudar, e a sua mudança não deixava de me agradar. Talvez por isso, tive a ideia de a convidar para um baile.

Santiago dos anos sessenta. Todos os sábados se podia escolher de entre uma vintena de festas organizadas por clubes ou colégios. Bailes para recolher fundos para o lar dos órfãos.

Bailes para reunir pontos a favor desta ou daquela candidata a rainha de beleza. Bailes pelas vítimas do último terramoto. Baile para ajudar o benemérito corpo

de bombeiros. Baile para recolher fundos para a viagem de estudo ao estrangeiro - quer dizer, a Mendoza - deste ou daquele curso de liceu. Bailes.

Decidi-me por um lugar aonde nunca iam os membros do meu antigo grupo. O centro catalão. Um velho casarão da calle Compañia que se caracterizava pela observância dos bons costumes e do manual de boas maneiras exigidos a toda a concorrência. A Mabel estava feliz. As irmãs, que não viam com muito bons olhos as nossas saídas, trabalharam como anãs de branca de neve na confecção do vestido. Durante uma semana estiveram dobradas diante da Singer, dá-que-dá ao pedal, e, no fim de tudo, a Mabel - como esquecê-la?

A Mabel vestida de organdi cor-de-rosa, sapatos da mesma cor e uma carteirinha de lantejoulas na mão.

Entre uma dança e outra bebíamos copinhos de ponche, evitávamos os atrevidos que nos ofereciam as suas garrafas de aguardente de pisco introduzidas clandestinamente e púnhamo-nos de acordo acerca de qual a candidata a rainha da festa que contaria com o nosso apoio. Nem lhe dava tempo para respirar, nem um minuto de pausa, para não me arriscar a que ela desse de caras com algum matulão que lhe pedisse para dançar. Nunca fui bom dançarino, e a Mabel é claro que era a primeira vez que dançava, mas a orquestra tocava um mambo e lá estávamos nós, um pasodoble, vamos lá, uma cumbia, vamos lá, um tango, vamos lá, faz-se o que se pode. Por volta da meia-noite a orquestra fez uma pausa e foi substituída pelos discos, e lá estávamos nós no meio da pista, com Los Ramblers, Los Panchos, Neil Sedaka, Bert Kaempfer, Paul Mauriat, Adamo, abraçados, acariciados brandamente pela voz de capado de Elvis Presley que chorava na capela. A Mabel suave debaixo do organdi e eu sentia a brilhantina a escorrer pelo pescoço.

- Estás muito bonita, Mabel, mesmo muito bonita - consegui eu dizer-lhe antes de sentir que uma mão me remexia no ombro.

Empalideci. Era o salgado, um dos chefes do bilhar.

- Meu velho, agora já percebo porque é que desapareceste. Caladinho, sem dar cavaco. Vê lá se és educado e se me apresentas a tua noiva.

Não sabia o que havia de responder, e o salgado, com toda a sua experiência, afastou-me para o lado e pegou na mão da Mabel.

- Muito prazer, Guillermo Salgado, memo para os amigos. E a menina, minha querida, como é que se chama?

A Mabel olhava para mim de olhos muito abertos. Sorria.

- Que se passa, minha querida? Os ratos comeram-lhe a língua ou foi este lagartão que a acompanha que lha mordeu?

A Mabel deixou de sorrir e a mim custou-me abrir a boca para dizer:

- Não se passa nada. Já te apresentaste e, portanto, esfuma-te e deixa-nos em paz.

O salgado pegou-me no braço com força. Eu insultara-o na presença do seu par e aquilo não podia ficar assim.

- Meu velho, que maneiras são essas de tratar os amigos? Se a tua garina é muda, pois bem, é problema dela, não é razão para te chateares.

Rebentei-lhe o nariz com um murro, e foi um enorme erro. O salgado era muito mais forte e corpulento que eu. Ainda surpreendido, mais pelo sangue que escorria abundantemente e lhe sujava a roupa que propriamente pelo murro, levantou-se e, no meio da gritaria, atirou-me uma direita que não consegui esquivar e que me atingiu em cheio num olho.

Fomos expulsos do baile, mas cuidando de que a Mabel e eu saíssemos primeiro enquanto tratavam o salgado para lhe conterem a hemorragia. Através do olho fechado passavam dolorosas chispas de luz e pelo outro também não via muito, nublado que estava por umas lágrimas de escândalo e de vergonha.

Já na rua, tentava desculpar-me, e a Mabel aproximava-me um dedo dos lábios indicando-me que não devia falar. Apertava-me o braço com força, acariciava-me a cabeça, e não sei como fez, mas a verdade é que enquanto esperávamos por um táxi entrou numa cafetaria e regressou com um saco de cubos de gelo.

No táxi segurava-me a cabeça no colo com o saco de gelo sobre o olho fechado. Eu sentia-me estranho. Sentia-me cavaleiro andante. Sentia-me membro da tábua redonda do rei Artur. Sentia-me, ao fim e ao cabo, macho, e lamentava não ter dinheiro suficiente para dizer ao taxista: vá andando e não pare até eu mandar.

- Perdoas-me?

- chhh!

O vestido da Mabel era delgado. Podia sentir-lhe o calor do corpo.

- Perdoas-me?

- chhh!

O seu corpo era morno. As mãos revolviam-me o cabelo. Sentia na cara a dureza dos seus seios.

- Perdoas-me?

- chhh!

Ergui o braço. Passei-lhe a mão pelo pescoço e puxei-lhe a cabeça.

Primeiro a Mabel permaneceu com a sua boca sobre a minha boca, surpreendida, sem reagir, mas ao esgravatar-lhe entre os lábios, quando senti a minha língua entre os seus dentes, fechou os olhos e procurámos os recantos mais recônditos das nossas bocas. Beijámo-nos longamente, não sei por quanto tempo. Só sei que fomos interrompidos pela carraspeira discreta do condutor. Olhei para a rua e o mundo pareceu-me vazio e sem sentido. Estávamos parados pela luz vermelha de um semáforo num ponto da cidade que nunca tínhamos percorrido.

- Deixe-nos aqui. Quanto lhe devo?

Caminhámos abraçados, sem fazermos um ao outro um só sinal no nosso íntimo código. A única coisa que fazíamos era parar de tantos em tantos metros e beijar-nos, beijar-nos até sentirmos que era impossível sustentar a necessidade de respirar.

Assim, caminhando, chegámos a uma pequena praça deserta. Ocultos pela sombra de uma acácia, abracei-a com força e estiquei para baixo uma das minhas mãos. Toquei-lhe nos joelhos, nas suas pernas macias, finas e firmes. Continuei para cima. As coxas apertavam-se-lhe, tremiam. Meti os dedos debaixo do elástico do slip e fui percorrendo a superfície das suas nádegas duras como pedra, sentindo na ponta dos dedos o formigueiro produzido pela pelosidade do seu púbis e o calor húmido que lhe

denunciava o sexo. De repente senti-a chorar. Estava escuro e ela não podia ler o movimento dos meus lábios perguntando se se sentia mal. Tentei afastar-me, mas a Mabel abraçou-me com força e com toda a decisão levou-me a mão à zona entre as pernas.

Aconteceu tudo muito depressa. O hotel, as luzes à altura dos sapatos, a cara invisível do recepcionista, os pés da criada que nos entregou as toalhas, a cama grande, o espelho na parede, a música absurda que nos chegava de orifícios secretos, o telefone inútil em cima da mesa-de-cabeceira, as caixinhas de fósforos com o logótipo do hotel, o vestido de organdi flutuando em cima da cadeira, a Mabel na semipenumbra, os seus seios pequenos, o seu cheirinho a colónia inglesa, o seu queixume sufocado pela almofada, o meu desbarato de esperma e sono e, mais tarde, o olho a doer-me outra vez, aguilhoado pela pungente claridade do alvorecer, o despertar na cama alheia, o procurar às apalpadelas uma Mabel que já não estava lá.

Ao enfrentar o espelho, vi que o olho era uma enorme mancha azul que me cobria quase um terço da cara. Por sorte, era cedo e aos domingos não é costume haver muita gente nas ruas. Fui num táxi para o meu quarto, confiado em que, com o auxílio de um pedaço de carne, o inchaço havia de diminuir, e à tarde, então, poderia sair ao encontro do meu mundo oculto atrás da cortina vermelho-viva. Mas o maldito inchaço não diminuía, antes pelo contrário, o olho começou a supurar uma substância leitosa. Fiquei todo o dia na cama, às escuras, e no dia seguinte dei baixa de doente no escritório. Com a ajuda de um médico amigo que me diagnosticou uma gastroenterite fulminante, consegui três dias de baixa, que passei entre compressas de água com mostarda, a fumar e a pensar na Mabel.

Ao terceiro dia o olho estava a recuperar a normalidade e, pela tarde, munido previamente de óculos de sol, pus-me a caminho da casa das mudas.

Fui recebido pela irmã mais velha, que, como sempre, me convidou a passar para trás da cortina. E a Mabel? Ofereceu-me uma chávena de chá, dizendo-me que tinham do bom, do ratampuro, e bolachas. E a Mabel? Respondeu-me por sinais que não estava, que tinha ido para o sul, para casa de uns parentes, que se tinha sentido subitamente mal dos brônquios e que o ar do campo é muito bom nesses casos não é?

Foi uma tarde comprida. As duas irmãs penduradas nos auscultadores. A audição de tangos, o repórter Esso, o estúpido cão do Errecêá Victor inclinado sem olhar para mim, a versão radiofónica do assassinio da rua morgue. A sopa de miúdos, a omeleta de aipo com arroz sarapintado, o leite queimado, o vinho velho. E a Mabel? Não. Não temos a direcção. São uns parentes distantes. Só a Mabel mantém contacto com eles.

Não. Não disse quando volta.

O segundo, o terceiro, o quarto dia. As mesmas respostas esboçadas vagamente, mas para que cidade é que ela foi? Não sabemos. Só a Mabel é que sabe onde vivem. Ela não disse nada? Não disse nada da data de regresso. E se lhe acontecer alguma coisa? Que é que lhe pode acontecer? Ao menos não sabem em que província está? Não. Já lhe dissemos que...

Deixei de entrar em casa das mudas. Limitava-me a passar em frente da loja e por entre os clientes que entravam ou saíam com as suas gravatas e chapéus espreitava à procura da presença da Mabel.

Depois, nem sequer me chegava à porta da loja. Servia-me de uns rapazes que, a troco de umas moedas, me mantinham informado. Nada. Da Mabel nem o rasto. Nada. Nenhuma notícia da Mabel.

Uma pessoa acaba por conformar-se. Resigna-se a perder o nirvana. O pior castigo não é entregar-se sem lutar. O pior castigo é entregar-se sem ter podido lutar. É como atirar a toalha para dentro do ringue por ausência do contendor e, embora levantem a mão ao pugilista entre bocejos, a sensação de derrota perdura até se transformar em resignação.

Regressei ao bilhar, aos tacos, a ganhar uma dúzia de cervejas ao primeiro incauto. O salgado estava à minha espera e repetimos a função do nariz esmurrado e do olho fechado, duas, três vezes, até que terminámos com um apertão de mãos declarando que a amizade tinha de ser assim, discutida.

A Mabel.

Com a passagem do tempo aprendi a esquecer as suas palavras olhos, a dimensão dos seus adjectivos lábios, a nitidez das suas mãos substantivos. Com a passagem do tempo, passou o tempo sobre os meus passos, e eu fui-me enchendo de esquecimentos que me foram esquecendo. A cidade de que falei já não existe, nem as ruas, nem a loja das mudas, nem as gravatas largas como remos, nem as palmeiras anãs, nem a atmosfera proustiana livre de decadências. Tudo sucumbiu. A música, o salão de bailes, o cão inclinado junto do gramofone. Tudo se perdeu, perdi. Perdeu-se há que tempos o inchaço do meu olho, mas permanece o hematoma da alma e alguma coisa falta, Mabel, alguma coisa falta, e por isso uma pessoa anda

Pela vida fora caminhando como um insecto coxo, como uma lagartixa sem rabo, ou coisa assim.

Formas de ver o mar

O carro entrou na curva a mais de noventa, as rodas deixaram escapar um queixume de borracha e a mulher agarrou-se ao assento sem perder a expressão de tédio.

- Que diabo se passa agora contigo?
- Preciso de mijar.
- Não podes esperar pela próxima estação de serviço?
- Gosto de mijar ao ar livre.

Depois de sair da estrada nacional, o carro continuou a marcha por um caminho estreito e pouco depois desapareceu debaixo do arvoredor.

- Aqui está bem - disse o homem.

Deteve o veículo, desligou o motor, abriu a porta e pôs-se a caminhar entre as árvores.

A mulher viu-o avançar, parar, levar as mãos à braguilha, abrir as pernas, e por entre elas viu cair o jorro de urina.

Era o primeiro acto consequente realizado pelo homem havia muito tempo. Manifestou o desejo de urinar e fê-lo. O que já era alguma coisa.

Iam com dois dias de viagem. No assento traseiro do carro descansavam vários objectos: um mapa de Espanha, um cavalete, três telas virgens, vários blocos, uma caixa de lápis e outra de óleos e pincéis. Havia também uma garrafa de conhaque comprada numa paragem do caminho.

O veículo era incómodo, excessivamente funcional, impessoal como todos os automóveis de aluguer, mas o homem não se importava com isso. A verdade é que parecia não se importar com nada.

Três semanas antes caíra a primeira neve em Estocolmo, e a mulher tinha ido dar com ele no seu atelier, de gatas, a limpar entre maldições o fogão de aquecimento a carvão. Empilhavam-se por toda a parte copos e chávenas sujas, garrafas vazias e telas por engradar. O ar viciado levava a abrir as janelas de par em par.

- Não trabalhaste - cumprimentou a mulher.

- E para quê? Não gosto do que tenho. A falar verdade, não tenho nada. Se mostro este lixo, a exposição será um fracasso.

- O director da galeria não é da mesma opinião. Gosta dos teus quadros, por isso é que programou a mostra, e faltam menos de dois meses.

- Preciso de ver o mar. O mar. Merda de fogão.

- Pois chega-te à janela. Ali o tens.

- Falo do mar. Do mar verdadeiro. O báltico é um poço de podridão. Está tudo morto. Isto não é o mar - disse o homem pondo-se de pé.

Ela tirou-lhe das mãos a pá e a vassourinha. Ajoelhou-se e em breves segundos o fogão de aquecimento estava limpo, com os primeiros carvões do inverno a arder. Depois parou e abriu as janelas indicando que o ar ajudaria a tiragem.

Lá fora nevava suavemente, caíam flocos grandes como penas de cisne, e a mulher pensou que devia ir-se embora de vez, definitivamente, desaparecer e deixá-lo para sempre.

Sabia que já não o amava e que só um ressaibo de afecto a obrigava a ficar junto dele, espicaçando-a a cumprir.

Depois da exposição seria diferente. Pensava desaparecer sem explicações nem despedidas. Programava havia bastante tempo uma desejada solidão em Oslo, diante de uma chaminé, bem agasalhada, bebendo vinho rosé entre página e página de todos os livros que planeava ler. Do outro lado da janela, o báltico parecia um lenço ondulante e logo sentiu que o insulto àquele mar lhe fora dirigido a ela.

O homem aproximou-se. Acariciou-lhe a cabeça e começou a beijar-lhe o pescoço. A mulher voltou-se e, quando o teve de frente, recebeu o seu hálito fétido, uma mistura de álcool e tabaco.

- Deixa. Não me apetece - murmurou ela.

O homem pôs-lhe as mãos em cima dos ombros e baixou-as percorrendo-lhe o corpo. Quando chegou aos joelhos meteu-as debaixo do vestido e subiu-as acariciando-lhe as coxas.

- Disse-te que não me apetece - repetiu ela transtornada, mas o homem dobrou-a para trás abraçando-se-lhe à cintura. Caiu por cima dela e, no chão, com movimentos brutais, tirou-lhe as botas, os collants e as cuecas.

- Larga-me! - Gritou a mulher, e o homem estendeu-se ao seu lado. Tinha nas mãos as cuecas brancas, observou-as demoradamente e pô-las em cima da cara como uma máscara.

- Quero ver o mar. O mar - disse ele, e afastou-se para contemplar a sua máscara num espelho.

Aterraram em Madrid e no aeroporto alugaram o carro. Durante os dias anteriores à viagem o homem decidira que iriam a Cádiz descrevendo uma curva, ao longo da fronteira de Portugal, e ela pensou que talvez lhe fizesse bem, que a presença de um mar a seu gosto lhe devolvesse a vontade de trabalhar.

Em Salamanca, depois de jantar, ela fez-lhe algumas perguntas sobre Cádiz, mas a única coisa que conseguiu saber foi que Rafael Alberti era de lá. Depois disso, o homem caiu num abismo de silêncio procurando afanosamente qualquer coisa no fundo do seu copo.

- E agora, que se passa contigo?

- Nada. Amanhã seguimos para o norte.

- Cádiz é no sul.

- Não estou a pensar ir a Cádiz.

- E o mar? Não querias ver o mar?

- Quero ver um mar mar. Além disso há coisas de que não gosto.

- Quais, por exemplo, diz-me se não te importas. Já basta de brincares comigo.

- Não gosto da comida andaluza - indicou o homem, e encomendou outra garrafa de vinho.

Duas horas mais tarde ela esperava-o na cama, e, contra o que previra, o homem apareceu falador.

- Amanhã já vejo o mar. É muito importante para mim ver o mar. Quero as suas luzes, as suas cintilações, percebes? Quero mostrar coisas novas, e não o mesmo lixo que todos pintam.

- Os teus quadros são bons.

- Essa é a opinião dos imbecis da Escandinávia e da Alemanha. Não têm olhos. Vêm com as algibeiras. Tudo o que pinte até agora não passa de lixo, de objectos para decorar interiores de idiotas endinheirados.

- Mas é disso que vives e não o fazes mal. Porque é que me atormentas? Fiz tudo o que pude para que tivesses a tua exposição, visto que a quiseste. Sonhavas com aquela galeria, a melhor de Estocolmo, e agora que a tens parece que me culpas disso.

- Não sejas estúpida. Quero mostrar coisas novas, é só isso. A irritação assenta-te bem, sabes? Um dia faço-te um retrato.

- Porque não agora mesmo?

- Agora? Não. Vou retratar-te quando fores velha, cheia de rugas, com vida na cara, com sulcos móveis, como o mar. E com o cabelo embranquecido. Tal como és agora não me ofereces nada, apenas uma beleza perfeita.

- Obrigada, é o piropo mais doce que jamais ouvi.

No dia seguinte saíram cedo de Salamanca. O homem insistiu em ser ele a conduzir, evitando as estradas nacionais e tomando antes por estreitos caminhos

serpenteantes, desesperando ao verificar que desembocavam em vias mais largas e acelerando então como que para fugir de um perigo qualquer.

"Macho de merda. Merda de macho. Hei-de ver-te triunfar, porque hás-de triunfar. Estás condenado a isso. Então deixarás de saber de mim e poderás ficar a sós com o teu instinto, a única coisa que tens.", O homem aproximou-se abotoando a braguilha.

- Continuamos? - Consultou a mulher.

- Não. Gosto de tudo isto. Olha para os fetos. Vê que verde tão delicado. Vê como se combina com o musgo, com as folhas podres. Dá-me o bloco e as tintas, aqui há qualquer coisa que eu sempre procurei.

Entregou-lhe os materiais e, recostada no carro, viu-o afastar-se uns metros, acocorar-se com o bloco nas pernas, enquanto rebuscava na caixa de lápis.

"Bem, parece que lhe passou a menstruação. O animal artista no seu elemento.", Os pensamentos da mulher não dispuseram do tempo necessário para enveredar por um caminho optimista, porque uns poucos metros mais além o homem despedaçava o bloco e com uma palmada atirava a caixa de tintas para as moitas.

- Merda. Vim ver o mar e distraio-me como um cretino esquecendo-me que vim para ver o mar.

Pouco tempo restava de luz de dia, e por entre a folhagem coava-se uma brisa fria. Todos os tons de verde se amalgamavam num cinza uniforme, e, vindo de algures, chegava o agradável aroma da madeira a arder.

- Então continuamos? - Perguntou a mulher.

O homem tomou uma golada de conhaque e pôs o automóvel em marcha.

- Sabes aonde vamos?

- Ao mar.

- Ao menos sabes onde estamos?

- Nas Astúrias.

Seguiram viagem em silêncio. Só quando a escuridão se tornou total e já não se podia ver o caminho, só então o homem acendeu as luzes.

Numa curva, o feixe dos faróis iluminou uma edificação de madeira erguida sobre Pilares. A luz agressora banhou centenas de maçarocas cujos grãos brilharam como pepitas de oiro acabadas de polir.

O homem pisou o travão e a mulher agarrou-se ao porta-luvas.

- Que é agora? Queres matar-me?

- Olha para aquilo. É impossível obter aquela luz, sabes? É impossível. É antinatural, violatória, bela.

- Tenta.

- Tentar o quê?

- Pinta aquilo. Uma adega na noite.

- Não é uma adega. É um celeiro.

- Como é que sabes?

- Vem do latim. Conheci lá muitos asturianos chegados depois da guerra civil.

A mulher quis dizer: pinta aquilo, um celeiro na noite", mas o homem tinha pronunciado o lá no mesmo tom dilacerado que pressagiava as piores crises, e portanto

preferiu não dizer nada. maldito «lá» das comparações desproporcionadas. Maldito «lá», das bebedeiras e dos tangos. Maldito «lá», território do instinto.

Continuaram pelo caminho estreito, interrompendo às vezes a marcha para dar passagem a um esquilo assustado ou a um rato de olhos atentos, ferindo com os feixes de luz a intimidade dos bosques, das casas de muros espessos, de mais celeiros, irmanados na borbulha que envolvia o grande silêncio nocturno.

Quando entraram em Villaviciosa deram com as ruas vazias. O frio fechava as pessoas nas suas casas ou nos bares mornos de vozes. Não lhes foi difícil encontrar um hotel e, já instalados, o homem decidiu que deviam beber um aperitivo e estender as pernas.

Fizeram uma caminhada. A solidão das ruas, apenas interrompida pelo passo apressado de uma ou outra mulher ou pela corrida de uma criança, conferia aos passos do casal um eco uniforme, porque a solidão acaba por irmanar tudo da mesma maneira, como mísscaros se irmanam silenciosamente com os cogumelos venenosos.

A mulher ia à frente. Com as mãos enfiadas nas algibeiras do anoraque, procurava indicações que falassem da proximidade do mar, mas apenas encontrava dados históricos e, nas fachadas de antigas casas de beleza irreal, rectângulos de pedra contavam a pétrea idade dos cimentos.

O homem alcançou-a quando estavam diante da praça.

- Vamos entrar e tomar uma sidra.

- Com este frio?

- Vais gostar. Entremos.

Quando abriu as portas de molas a mulher teve a sensação de entrarem num lugar inundado. Três homens calçados com botas de borracha chapinhavam entre os fregueses.

O homem mandou vir uma garrafa e acomodou-se ao balcão. Então a mulher viu o escanção no seu ritual. Com uma das mãos colocou um copo afastado quase à altura da metade da coxa e com a outra ergueu a garrafa por cima da cabeça.

O líquido saiu como um jorro de mel, descreveu um arco perfeito e chocou contra a borda do copo. O ritual durou apenas uns segundos e a mulher compreendeu a razão das botas de borracha.

O homem bebeu com gosto, de olhos fechados, e, quando no copo apenas ficou um resto, atirou-o para o chão molhado com um gesto de distância. A mulher soube que mais uma vez ele não estava ali, que o que permanecia era apenas um resíduo corporal, um espaço ocupado, e saiu do bar sem dizer nada.

Ao chegar à rua alegrou-se por não desejar que o homem a detivesse. Caminhou. Jantou num restaurante próximo e seguidamente encaminhou-se para o hotel.

"Basta. Nem sequer me odeia. Não sente nada. Pobre homem. Não está aqui, nem em Estocolmo, nem no seu «lá». Porque não terei eu percebido que a ideia de ver o mar, que a obsessão de ver o mar não passa de uma justificação para procurar as sombras que o perseguem? E procura-as com desespero, porque já não se lembra sequer das formas. Pobre homem. Pobre amor. Pobre artista. Pobre amor. E eu já não o amo. Sou salva por essa certeza. Não posso amá-lo. Ninguém pode amar um doente sem

mentir a si mesmo. Ninguém pode ignorar a palavra compaixão indefinidamente. E quando por fim se impõe, uma mulher envergonha-se de ter aviltado o verdadeiro amor. Pobre homem. Renuncio e não te deixo nada, nem sequer a solidão que tão afanosamente procuras. Inútil procura, pois tens a visão nublada por farrapos de recordações que não te deixam consegui-la. Pobre homem. Pobre amor. Deixo-te e não darás por isso. Serei uma ausência mais, e, como estás tão cheio de ausências, não perceberás a minha. E o mais triste de tudo é sentir que te entendo. Eu sou para ti a ausência das mulheres que amaste ou das que quiseste amar. Eu sou para ti o objecto de uma paixão desesperada. Pobre homem. Pobre amor. Sabes o que procuras no mar? A mínima certeza de que existe um outro lado onde as tuas derrotas continuam à tua espera. As tuas derrotas, a única coisa que queres. A única coisa que tens. Pobre homem. Pobre amor. Deixo-te. Amanhã regresso a Estocolmo, liquidarei as tuas contas, regarei as tuas plantas, e deixarei a chave na caixa do correio. Depois vou para Oslo para me embebedar durante muitos dias com a satisfação do pranto libertado e do direito à esperança. Pobre homem. Pobre amor. Deixo-te e, no entanto, ainda quero ajudar-te."

A mulher deu consigo fitando sem ver o ecrã do televisor ligado. Era quase meia-noite e, amaldiçoando a sua vocação de samaritana, saiu à procura do homem.

Abriu as portas do bar e viu-o ainda encostado ao balcão, com uma longa fila de garrafas vazias à sua frente. Aproximou-se e abraçou-o pelos ombros.

- Gostas? - Disse o homem.

Apontou para uma folha de papel colada ao espelho.

Nela, reconheceu o traço dele. Era um desenho que mostrava o escanção no seu ritual, mas o jorro de sidra não caía no copo, mas sim no chão.

- Não é mau. Mas muito simbólico.

- Merda para os símbolos. Vês? É por isso que quero ver o mar. Estou farto de interpretações. Sabes porque é que a sidra cai no chão? Porque a mão me tremeu. Porque desenhei com uma dessas esferográficas nojentas. Não há outra razão, não há símbolos, nada de nada.

- Como queiras. Apetece-te comer alguma coisa?

- Vamos sentar-nos. Outra garrafa, se faz favor.

Sentaram-se a uma das mesas e o homem começou a desenhar com um dedo na superfície molhada. Tinha os olhos perdidos e a voz era pastosa.

- Vamos. Já bebeste o suficiente.

- Nunca beberei o suficiente. Talvez de mais, mas nunca o suficiente, - desculpa. Vou corrigir o meu espanhol. Vamos?

- Pedi outra garrafa. Vai-te embora, se quiseres.

- Está bem. Bebe tudo o que quiseres. Vim dizer-te que me vou embora. Pensei ir amanhã, mas é melhor ir hoje mesmo. Estás a ouvir-me? Vou-me embora. Regresso a Madrid e de lá a Estocolmo. É claro que levo o carro; desculpa, mas fui eu que o aluguei e, como sabes, sou eu a responsável. É um problema meu. Não precisas de o dizer. Estás de acordo? É o que querias? Deixo-te no hotel todas as pesetas que cambiei, já não preciso delas. Estás a ouvir-me? Percebes o que estou a dizer-te?

O homem continuava de cabeça inclinada sobre a mesa, seguindo as deslocações do seu dedo na superfície. De repente cerrou o punho e apagou todo o traçado.

A mulher estendeu um braço e, agarrando-lhe pelo queixo, obrigou-o a olhar para ela.

- Vou-me embora. Nunca mais tornarás a ver-me. Acabou-se, percebes?

O homem afastou-lhe a mão, quis dizer qualquer coisa, mas naquele momento aproximou-se o escanção.

Então o homem interrompeu-se, com movimentos desajeitados arrastou a sua cadeira até a colocar junto à dela e ordenou ao escanção que servisse.

A garrafa ergueu-se, inclinou-se ao chegar à altura própria e o jorro de sidra descreveu o arco dourado em busca da boca sedenta do copo.

- Estás a vê-lo? - Perguntou o homem.

- Que queres tu que eu veja? Por amor de deus, que queres tu que eu veja?

- Outro, se faz favor.

O escanção recebeu o copo e apressou-se a executar novamente o seu ritual.

O homem pôs um braço sobre os ombros da mulher e, no instante em que o jorro voava, apontou para um ponto invisível debaixo do arco de sidra.

- Estás a vê-lo? Lá, como nas histórias. Atravessando o arco de entrada do templo dos sonhos, lá, lá está o mar.

Café

** Ela está debaixo do duche. A água cai-lhe sobre o corpo e e detém-se na formação de repentinhas estalactites no abismo daqueles seios que beijaste durante tantas horas. Pões café no filtro, calculas a quantidade de água para quatro chávenas e carregas no botão encarnado.

Ouves o som da água que ferve electricamente e que gota a gota vai caindo sobre o café, formando aquele lodo aromático. Argamassa que une os tijolos da manhã.

Ela aparece com o seu roupão de banho atado descuidadamente. Podes ver-lhe as coxas reluzentes, ainda húmidas. Retiras a cafeteira, leva-la para a mesa, dispões as chávenas, verificas que os cravos persistem na sua agónica estatura rósea. Não são tão puramente perecíveis como as Rosas de Maio.

Aparece agora com uma toalha atada como um turbante, podes ver-lhe a nuca, o pescoço liso e fresco, a cheirar a pó de talco. Debaixo do turbante uma pequenina mecha de cabelo escapa às intenções da secagem e adere à pele com aquela estranha presença de loira petrificação. Ela senta-se, tu também, e, à vossa frente, ocupa o seu lugar o silêncio de sempre. Serves o café lentamente, estendes a mão para ela com a chávena servida, enches a tua, ofereces-lhe com o olhar as coisas que estão em cima da mesa. Pão, manteiga, marmelada e outros alimentos que àquela hora e naquelas circunstâncias te parecem absolutamente insípidos. Verificas que ela não aceita, que simplesmente acende um cigarro e deita umas gotas de leite na sua chávena de café.

Com a colher realizas breves movimentos giratórios que vão formando espirais, até que verificas a total dissolução do açúcar, que se desfez como pó de

espelhos num poço, silenciosamente, respeitando assim o carácter intocável desta manhã - silêncio que começa.

Ela é finalmente a primeira a provar o café, e a sua primeira ideia é que talvez a chávena estivesse suja. Ergue os olhos, fita-te sem recriminações no mesmo instante em que tu bebes o primeiro sorvo e pensas que talvez seja o cigarro o responsável por aquele sabor por enquanto inqualificável, mas

É ela que o diz: - este café sabe a fracasso. Então levantas-te, tiras-lhe a chávena da mão, pegas na cafeteira e deitas todo o líquido no lava-louça.

O café desaparece entre bolhas quentes e fica apenas uma obscura presença em redor da saída por onde desaguou. Abres um novo pacote, calculas água para quatro chávenas e estás de pé à espera de que, gota a gota, se vá formando outra vez aquela porção de lodo matinal.

Serves. Ela prova. Olha para ti tristemente. Não diz nada. Bebes da tua chávena e olhas para ela. Agora és tu que dizes:

- Pois é. Sabe a fracasso.

Ela diz, benevolente, que pode ser coisa do açúcar ou do leite, e tu gritas que não puseste nem leite nem açúcar na tua chávena.

Acende outro cigarro e empurra a sua chávena até ao centro da mesa, enquanto tu tiras todos os pacotes de café que guardas na despensa e com a ponta de uma faca os vais abrindo, vais apalpando frenético a sua fina textura com os dedos, provas, cospes, amaldiçoas, verificas que todo o café da casa tem o mesmo inevitável sabor a fracasso.

Ela não provou nenhum e também o sabe.

Diz-to sem palavras. Diz-to com o olhar perdido nos desenhos poliédricos da toalha. Diz-to com o fumo que se lhe escapa dos lábios.

Regressas à cadeira sentindo uma espécie de tijolo na garganta. Queres falar. Queres dizer que tomaram juntos muitos cafés com sabor a esquecimento, com sabor a desprezo, com sabor a ódio amável e monótono. Queres dizer que esta é a primeira vez que o café tem este desesperante sabor a fracasso. Mas não consegues articular uma só palavra.

Ela levanta-se da mesa. Vai ao quarto ao lado. Veste-se lentamente e chega-te aos ouvidos o clique da pulseira dela. Avança até à porta, pega nas chaves, na carteira, no pequeno guia turístico, pensa em qualquer coisa antes de abrir a porta e volta para trás até ao teu lugar para te estampar na boca um beijo frio, que, acredites ou não, tem o mesmo sabor a fracasso do café.

Alguém lá em cima está À espera de gardénias

Estou diante da tua porta, impecavelmente vestido e com um ramo de gardénias na mão.

Tenho a intenção de tocar, esperar uns segundos e ver aparecer a tua cabeça na moldura da entrada com uma expressão de cínica surpresa, pois ambos sabemos que estás à minha espera. Tenho a intenção de entrar, boa tarde, como estás, dar o primeiro passo, a alcatifa branca, o cadeirão, um café, cigarros turcos em cima da mesa, louvores pelo bom gosto na escolha dos cinzeiros, e as abomináveis reproduções de Picasso.

Há como que uma atitude marcial no acto de procurar com o dedo indicador o botão negro da campainha, entrar em contacto com a baquelite, carregar com uma certa sensualidade e verificar que não se ouve qualquer som.

Um pouco mais veloz, o dedo repete a operação, carrega desta vez com mais força na campainha, permanece uns segundos a carregar, mas não se ouve nada. Dedução imediata: paranóia dos fios.

Então retrocedo vinte centímetros, componho o nó da gravata, verifico a simetria do ramo de gardénias que já começam a dar sinais de instabilidade no seu invólucro e dobro os dedos da mão direita num movimento que começa nas primeiras falanges, até que a mão adopta a atitude de um caracol voluntarioso.

Tomo balanço, isto é, a mão retrocede até ficar paralisada como que por uma parede de ar que impede uma maior deslocação e se prepara para cair contra a superfície branca da porta.

Quando a mão está a escassos milímetros, detém-se, e penso então em todas as possibilidades.

Poderia dar-se o caso de o ruído imprevisto, toc toc, te provocar um repentino pavor. A terrível sensação de pensares num hóspede inesperado, o pressentires a chegada de uma recordação enterrada há muito e a possibilidade de largares a jarra de cristal que por certo tens nas mãos à espera da chegada das gardénias prometidas.

Poderia também acontecer que a minha mão adquirisse uma força infinita e ao segundo toc perfurasse a porta com o conseqüente ruído de lascas de madeira a caírem no linóleo, ou simplesmente que, devido a imperfeições da empresa construtora, a porta se desmoronasse no meio das recriminações dos teus vizinhos, que sairiam para o passeio com os seus pulcros pijamas, e entre maldições me recordariam que esta é uma hora de decente descanso.

No meio destas reflexões a mão começa a tremer-me, entra em convulsões de incerteza, parece-me pressentir no pulso algo como um esgar de terror, que no fundo é medo e pena de mim

Mesmo, porque isto acontece-me de cada vez que tento bater à tua porta. Assim, as gardénias envelhecem em poucos segundos no invólucro transparente e, quando parto atravessando os umbrais do edifício, aquela boca que me cospe para a solidão húmida da rua, e início a minha caminhada com a cabeça entre os ombros sentindo uma vez mais a vergonha da derrota, acontece-me escutar nitidamente, lá em cima, o teu pranto de gardénias ausentes.

HERÓIS E CANALHAS

Parou um carro a meio da noite

Parou um carro lá em baixo. Posso ver daqui as luzes que se reflectem no tecto. Posso ver também como as grossas gotas da última chuva começam a deslizar e iniciam os caminhos de descida.

O carro está ali parado há uns minutos, mas as portas não se abrem. O automóvel permanece quieto junto do passeio, em frente da entrada deste edifício onde vivo ainda.

Ninguém desce do carro. Chegou, parou, desligou o motor e ficou-se simplesmente imóvel, tão imóvel como a noite, mas ninguém saiu.

Quando o carro parou, a primeira coisa que fez foi apagar as luzes. Também eu.

O carro é preto, ou assim parece, visto cá de cima. Pode ser que não seja inteiramente preto, não sei, há pouca luz na rua, e também não sei por que é que insisto em ter nas mãos este livro de capa amarela. Não me lembro de quem é o autor nem do enredo, nem sequer me lembro de o ter lido, mas insiste em ficar nas minhas mãos.

Na rua não há ninguém. Nenhuma pessoa sai para passear o cão ou comprar qualquer coisa, e sei muito bem que isso é normal a estas horas, mas gostaria de ver passar alguém, alguém com um saco na mão, alguém que parasse uns segundos diante da porta; assim poderia ver-lhe a cabeça e a ponta dos pés, ou as abas do chapéu e a ponta dos pés, que é o que sempre vejo desta perspectiva. Gostaria que fosse uma pessoa jovem. Que parasse e que olhasse também para o carro. Mas não passa ninguém. Ninguém transita por esta rua e eu sei que é perfeitamente normal.

O carro é comprido, ou assim parece visto cá de cima. Tem uma parte dianteira e, por cima do motor, suponho eu, uma longa e rectilínea vareta cromada que se perde na sombra projectada contra o chão. Tem duas meias argolas metálicas, brilhantes, que se apagaram quando o carro parou. Na parte traseira tem uma franja um pouco menos escura que marca os limites do porta-bagagens. Observei-o bem e, de cima, era capaz de reconhecer aquele carro em qualquer parte, mas é sempre difícil ver os carros de um quinto andar.

Estou parado ao pé da janela, e no andar de cima há barulho. Preferia que tudo fosse silêncio, como este silêncio que eu mantenho e que me envolve agora que estou parado ao pé da janela sentindo no ombro a superfície fria da parede.

Tento permanecer quieto, porque se não me mexer, se não respirar, se não disser nada, se não pensar sequer, se não tentar largar este livro de capa amarela que insiste em permanecer nas minhas mãos, então é provável que o carro acenda as luzes, active o ronronar do motor e se vá embora. Então poderei descer, comprar cigarros e ir a casa do Braulio. As únicas coisas de que preciso são que os de cima entendam também esta necessidade de silêncio e que o carro se vá embora.

Depois de o carro se ir embora, parto para casa do Braulio e conto-lhe que um carro parou diante da minha porta. Digo-lhe também que tive muito medo e o Braulio diz que não tem importância, já que ambos sabemos que são muito poucos os dias que me restam na cidade.

Eu sei que o Braulio me vai deixar viver na casa dele durante os quatro dias que me faltam. A casa do Braulio é segura. Nunca um carro pararia em frente da casa do Braulio.

Mas o automóvel continua lá em baixo e parece-me que estão a fumar lá dentro. Cá de cima posso ver como no interior se ilumina brevemente uma luzinha amarela. Luz de fósforo ou isqueiro, não sei, é-me impossível precisar. É muito difícil desta altura distinguir os pormenores.

E assim estou, muito quieto e muito calado, ao pé da janela, quando um relâmpago irrompe no quarto de dormir e eu sobressalto-me, olho para o carro que

continua parado lá em baixo e de luzes apagadas, e todo o apartamento se enche de ruídos de guinchos, como de um grilo gigantesco, e sinto vontade de gritar que preciso de silêncio, de silêncio e tempo. Mas as facadas do telefone perfuram-me a pele, as paredes, rasgam tudo, e em pontas dos pés vou até à mesa-de-cabeceira e atendo. É a Alicia.

A Alicia não sabe que está um carro parado lá em baixo junto da porta. A Alicia não sabe que estou há várias horas parado ao pé da janela. A Alicia não sabe que o telefone me fez pele de galinha. A Alicia não sabe que estou a tremer, que me escorre pelas costas um suor muito frio, e talvez por isso, pergunta-me que se passa comigo, porque é que estou a falar tão baixo e, quando lhe digo que lamento mas que terá de desligar, que estou muito ocupado, a Alicia pergunta-me se estou com mais alguém em casa e eu digo-lhe que não. Só que estou muito ocupado, e então a Alicia fica triste na outra ponta da cidade e diz que tem a certeza de que estou com mais alguém em casa, daquela maneira dela de erguer a voz sem a erguer, de tal modo que o seu grito mais parece um sussurro forte. E eu digo-lhe que não, que não é verdade, que o que acontece é que estou à espera de uma chamada importante.

A Alicia começa a soluçar e eu colo o auscultador ao ouvido porque preciso de silêncio, de silêncio e tempo, pois há muito que um carro está parado lá em baixo.

Custa-me a convencer a Alicia de que lhe telefono mais tarde, depois de ter recebido a chamada que espero, e digo-lhe que amanhã sem falta iremos ao teatro e compraremos o disco do Harry Belafonte que ouvimos em casa do Braulio. A Alicia pergunta-me se gosto dela e eu respondo-lhe que sim, que gosto, porque é verdade, apesar de ela me telefonar neste momento e a esta hora em que a única coisa de que preciso é silêncio, silêncio e tempo, apesar de não lhe ter dito nada ainda acerca da minha viagem.

Quando a Alicia desliga, regresso à janela. Lá em baixo continua o carro de luzes apagadas e, quando me inclino para acender um cigarro, oiço abrir-se uma das portas. Sopro o fósforo e encosto-me à parede quase sem respirar, para poder assim ouvir melhor.

Estou colado à parede como uma mosca, quase a tocar nas estantes que, em baixo, têm os discos que também darei de presente ao Braulio, pois sei que vai deixar-me ficar em sua casa durante os dias que me faltam. Sei que amanhã o Braulio me vai ajudar. Sei que estacionaremos o automóvel dele precisamente no lugar onde agora está este, e donde saíram alguns homens, e carregaremos os discos e os livros e a minha roupa grossa, porque preciso de roupa de inverno visto que de certeza que lá faz frio nesta época. Assim estou colado à parede, e agora posso ouvir que os homens estão a subir a escada. Oiço os passos, caminham lentamente e consigo adivinhar quando chegam ao patamar, porque chegados lá, mudam de ritmo.

Chegaram agora a este andar e vêm pelo corredor. Vêm de certeza a olhar para os números das portas. Pois, tenho a certeza. Por isso param por um instante depois de três ou quatro passos. Acho que lhes custa a ver com a luz da escada, que é tão fraca. A lâmpada é tão pequena.

Sei que neste momento chegaram diante da minha porta, sei que estão a olhar para o número e um deles inclina-se para ler o meu nome inscrito na pequena placa de

bronze. Acho que se calhar continuarão a andar até ao fim do corredor, é possível que, vendo que está tudo às escuras e em silêncio, julguem que não há ninguém, que lhes deram uma morada errada, e que talvez voltem a descer a escada, talvez tenham ouvido a campainha do telefone que estremeceu a casa quando a Alicia ligou.

Estão agora diante da minha porta, consigo ver uma sombra que se move e interrompe o raio de luz que se estende pelo chão. É uma sombra que quase não se mexe, uma sombra que pode ser fruto do meu nervosismo, sei lá, a imaginação a fazer das suas, não sei, ou antes, sei, sim, que enquanto estou aqui calado, muito calado e colado como uma mosca à parede, alguém está do outro lado da porta.

Tudo é um enorme silêncio e, através dos vidros posso ver o vento entre as árvores. É possível que verifiquem o número da porta, é possível que liguem para o chefe com um pequeno telemóvel, é possível que falem com a central a pedir instruções, é possível que digam que está tudo às escuras e em silêncio, é possível que fumem um cigarro e dêem meia-volta indo pelo mesmo caminho, é possível que, depois de chegarem ao carro, eu possa ouvir o motor a pegar e eles a afastarem-se. Então espero uns minutos antes de descer, compro cigarros e vou a casa do Braulio e conto-lhe que parou um carro lá em baixo, diante da minha porta, e que alguém subiu e que eu fiquei calado todo o tempo quase sem me mexer, e de luzes apagadas. Conto ao Braulio que consegui enganá-los, que tive muito medo, mas que consegui enganá-los e se foram embora. Está-se bem em casa do Braulio, e ele vai deixar-me ficar lá durante os dias que me faltam, isto apesar de o Braulio não saber que penso deixar-lhe os discos e livros, e eis que oiço qualquer coisa, assim como um som metálico, sim, é um ruído de metais que se roçam rapidamente e oiço também as pancadas na porta.

Estou colado à parede enquanto as pancadas na porta aumentam. Penso que se ficar assim, quieto, muito quieto e calado, pensam que não estou, que o apartamento está vazio, e então vão-se embora, vou ouvi-los descer a escada que range sempre, mas as pancadas na porta continuam e eu não sei se estou calado ou estou a gritar que não está ninguém, que não cheguei, que se vão embora dali, que preciso de silêncio, de silêncio e tempo, porque há muito tempo que um carro parou lá em baixo e continua de luzes apagadas, e na rua não há ninguém que possa ver a sua cor preta e as luzinhas que se avistam lá dentro de cada vez que acendem cigarros, mas as pancadas na porta continuam, interminavelmente as pancadas na porta, e posso ouvir, agora sim, a minha própria voz estrangulada de terror a gritar-lhes que se vão embora, que não está ninguém, que não estou, que nunca estive, e eles dizem que abra a porta imediatamente que senão começam a disparar e, enquanto continuam as pancadas na porta, eu trepo para cima do cadeirão e de lá chego ao aro da janela e abro-a e sinto como entra na sala o vento húmido de inverno que faz um ruído surdo chocando contra os móveis e posso ver que o carro continua lá em baixo de luzes apagadas, só que desta vez tem duas das portas abertas, e posso ver por cima do motor uma longa e rectilínea vareta cromada que corre a perder-se na sombra projectada no solo e vejo também duas meias argolas brilhantes debaixo da chuva, e as pancadas na porta parecem-me cada vez mais distantes, muito distantes, enquanto a imagem do carro se aproxima cada vez mais depressa das minhas pupilas e uma mulher grita num lugar qualquer que não seria capaz de precisar.

Um homem que vendia doces no parque

“É tão grande a vida. Há momentos pareceu-me que o que tinha feito estava previsto havia dez mil anos, depois achei que o mundo se abria em duas partes. Que tudo se tornava de uma cor mais pura e que nós, homens, não éramos infelizes.”

Roberto Arlt, El Juguete Rabioso

Eu nunca fiz nada de mal. E a única coisa que sei é que tenho de me levantar às seis da manhã para ter tempo de arrumar o cesto, que fica sempre em desordem. Tenho de ter tempo para calcular quantos caramelos de mentol, de anis ou de violeta terei de comprar. Tenho de ter tempo para calcular quantas tabletes de chocolate se partiram ou se derreteram nas embalagens, ou quantos soldadinhos de maçapão perderam a sua atitude de guerreiros e são agora imprestáveis pares de pernas ou carinhas sorridentes, com a espingarda de madeira também partida.

Tenho de ter tempo para fazer os pacotinhos de moedas de dez, vinte, vinte e cinco e cinquenta centavos. Com papel de jornal tenho de fazer uns cilindros muito perfeitos e tenho de escrever depois a tinta preta a quantidade de dinheiro que contêm. Tenho de ter tempo para fazer tudo o que disse, além de preparar a barrela, untar de margarina a fatia de pão e sair depressa com a mesinha desmontável e o cesto, para apanhar o autocarro das sete.

Eu nunca fiz nada de mal, mas tenho de ter muito cuidado com as pessoas. Há sempre os que não me conhecem, que olham para o meu cabelo cortado demasiado rente, que olham para os meus olhos que, segundo dizem, são muito grandes, embora a mim não me pareçam tanto assim, que olham para as roupas que me dão no asilo e que uso sempre limpas e passadas a ferro, e, o que é pior, há sempre os que tentam roubar-me qualquer coisa quando o cesto não está bem fechado por levar caramelos a mais. Isto acontece sempre às segundas e às quintas, que são os dias em que vou ao armazém e compro todos os doces de que preciso.

Quando chego à praça só lá estão os pombos, e parecem conhecer-me tão bem que o meu lugar é o único que não aparece de manhã como se tivesse nevado, perdido debaixo da caca dos pássaros. Eu acho que os pombos agradecem as migalhas que lhes junto em casa e que lhes trago todas as sextas-feiras num saco de plástico. Acho que os pombos sabem, e por isso respeitam o meu lugar, ao contrário do que se passa no sítio do mudo que engraxa sapatos. Ele está sempre a atirar-lhes pedras e tenta agarrar os mais novinhos. Diz ele que cozinhados com muito alho são óptimos para os pulmões. Eu acho que os pombos não gostam do mudo; o lugar dele aparece de manhã sempre coberto de merda branca, o que o enfurece imenso.

Quando chego à praça, a primeira coisa que faço é persignar-me diante da imagem do senhor dos milagres, mas, lá isso, a ele nunca peço nada. Não sei, tenho muita vergonha de lhe pedir seja o que for a ele, que tem sempre uma cara muito séria e tem sempre muitas velas das mais caras consumindo-se aos seus pés. Não. A ele não peço nada, só me benzo e sinto muito medo quando vejo os seus olhos terríveis que reflectem as chamas das velas, e que parecem também lançar chispas. Também sinto medo ao ver-lhe a capa de veludo roxo, da mesma cor da que tem o bispo nos dias de procissão, quando todos os santos saem a passear, e tenho de ter muito mais cuidado que de costume, porque nesse dia só há olhos para ver os santos, e no ano passado

derrubaram-me duas vezes a mesinha desmontável, pisaram-me os doces e os chocolates, e eu fiquei vários dias sem nada que comer.

A quem eu sempre peço que seja um bom dia é à senhora da piedade. A senhora é mais pequena que o senhor dos milagres e está todos os dias com a sua carinha de gesso muito sorridente, como se tivesse dormido muito bem, e como se de manhã, antes de todos nós chegarmos à praça, alguém a tivesse lavado com água de goivos. A ela peço que seja um bom dia, que não chova, que não me roubem nada, que venham muitas crianças das escolas e me comprem tudo o que tenho no cesto. Também lhe peço que não me deixe enganar quando alguém me pagar com uma nota grande e eu tiver de lhe dar o troco. Quando isso me acontece fico muito nervoso e, quando estou nervoso, a cara enche-se-me de suor, sinto picadas por todo o corpo e sinto que da barriga me começa a subir um cheiro mau que me pode afastar os clientes.

Quando estou nervoso quase não posso falar e então, sim, então sinto que os olhos me ficam grandes de verdade.

A senhora quase nunca tem velas finas acesas. Só daquelas velas que alumiam as casas das pessoas que vivem do outro lado do rio, a que chamam candeias. Dessas tem, das mais baratas, e já houve vezes em que eu lhe trouxe um pacote inteiro para lhe agradecer por me ter dado bons dias, por ter vendido quase todos os doces e chocolates, por nenhum soldadinho de maçapão se ter partido no cesto, por terem vindo muitas crianças à praça, por não ter chovido e por não me terem roubado nada.

Ao bater das sete e um quarto da manhã estou eu a armar a mesinha desmontável e a pôr os doces e caramelos por ordem, consoante os sabores e as cores, as tabletes de chocolate consoante os preços, deixando os mais caros sempre perto das minhas mãos e colocando as figurinhas de maçapão como num desfile, com os soldadinhos muito bem alinhados, sempre com o porta-estandarte à frente.

Gosto muito de pôr por ordem as figurinhas de maçapão.

Sempre que o faço lembro-me de outros tempos, em que uma mulher me levava pela mão a ver as paradas e me comprava gelados de baunilha. De outros tempos em que eu cantava rataplã-rataplã quando passavam os tambores e os bombos a cavalo fazendo tremer o chão. Por isso, às vezes, quando ponho as figurinhas de maçapão por ordem, também canto rataplã-rataplã, mas devagarinho, porque se alguém me ouvir fico muito envergonhado e nervoso, e já disse o que me acontece quando fico nervoso.

Quando toca o carrilhão das sete e meia com aquela música de que gosto tanto porque põe os pombos a dançar, já eu tenho tudo pronto e estou à espera de que comecem a chegar as crianças das escolas.

Eu nunca fiz nada de mal. A única coisa que faço é levantar-me às seis da manhã para conseguir despachar todo o meu trabalho. Sei muito bem, tenho a certeza de nunca ter feito nada de mal, e foi talvez por isso que fiquei tão nervoso no dia em que vieram os homens com óculos de sol e me pediram a licença de venda.

Eu dei-lhes a licença e eles riram-se, eu pensei que eram novos fiscais da câmara, que iam ver a licença e verificar que estava tudo em ordem, mas eles riram-se e levaram-me a licença.

Eu sei que os homens do automóvel virão hoje novamente, como de outras vezes têm vindo.

Já estou a ficar nervoso, tanto que já quase não sou capaz de falar. Já estou a encher-me de suor, já estou a sentir picadas por todo o corpo, já sinto que da barriga me começa a subir aquele mau cheiro, aquele cheiro rançoso de monturo de sapos que me pode afastar os clientes. Eles hão-de vir, comem um ou dois chocolates, dos mais caros, sem pagar, riem-se muito outra vez quando lhes pedir a minha licença, e lá tenho eu que lhes entregar a lista de todas as matrículas dos automóveis que pararam em frente da livraria esta semana.

Também sei que não me vão devolver a licença de venda, embora tenha pedido muito à Senhora da Pieddade e embora também a eles tenha dito que nunca fiz nada de mal.

O campeão

A porta da garagem estava aberta como um convite inocente, mas ele não se atrevia a atravessar a rua, a dar os poucos passos necessários e a transpor o largo portão de madeira da entrada.

Pensava no lobo de san Pablo,. Imaginava-o com a sua cara de bebedolas reabilitado reunindo os pertences do campeão para os levar à família, lá no sul.

A porta da garagem estava aberta e, como se tinham passado vários dias desde o seu regresso, aquela aparente normalidade conseguia aumentar a confusão que o atormentava.

Decidiu esperar. Para ele não era claro o que havia de fazer nem quanto tempo. Às vezes a espera é mais perigosa que o ataque, disse para consigo mesmo, mas acabou por se convencer de que, neste caso, era prudente, e, assim, passou de largo, andando pelo passeio fronteiro sem sequer espreitar o interior da garagem.

Alegrou-se por verificar que já quase não coxeava, embora a ferida ainda lhe doesse. Foi um tiro com sorte. Um projectil de carabina. Garand que entrou e saiu limpinho pela coxa sem comprometer qualquer nervo.

Seguiu até à esquina. Entrou no café e pediu uma gasosa enquanto punha as ideias em ordem.

A mulher atrás do balcão olhou para ele admirada. Conhecia-o. Tinha-o visto muitas vezes com o campeão, quando passavam a caminho da paragem de autocarros. Sentiu que estava a cometer um erro estúpido, um erro de principiante, e ele não era um principiante. A recente viagem de volta, mais o balázio na coxa, conferiam-lhe a categoria de veterano. Pagou a bebida e, de garrafa na mão, foi-se embora.

Depois de andar uns quarteirões, encontrou um jardimzinho recentemente regado e sentou-se num banco com lírios à volta. Mal se sentou foi rodeado de pardais. Os mais atrevidos picavam-lhe a ponta dos sapatos e procurou nos bolsos do casaco mas não encontrou migalhas: apenas, pegados às unhas, vinham restos de tabaco. Os pássaros perceberam que estavam a perder tempo com ele e levantaram voo perdendo-se nas copas das acácias.

Sentiu-se a salvo, como dantes, e pensou no lobo enquanto limpava o cinturão do campeão como se nada tivesse acontecido.

O cinturão do campeão era pesado. Tinha uma faixa tricolor de material elástico, destinada a cingir a cintura com elegância, e uma fivela grande, de bronze, que o lobo de san Pablo se encarregava de manter reluzente e na qual se podia ler, em

relevo: «viii jogos olímpicos pan-americanos. Categoria de meios-médios» e a palavra campeão, assim mesmo, em maiúsculas, escrita sobre um par de luvas cruzadas.

O campeão. Quando o conheceu não gostou nada dele.

O Ivan" encarregara-o da tarefa de contactar com ele, de o sondar, de dar os passos preliminares para determinar se o homem era de confiança. Naquela altura pouco se sabia dele: tinha sido expulso do partido comunista sob a acusação de ser um agente da CIA, um provocador, enfim, as consabidas desqualificações que naquele tempo se esgrimiam.

- É fácil de reconhecer - disse o «Ivan». - Tem o cabelo encarapinhado, mede qualquer coisa como um e setenta e no olho esquerdo tem uma pintinha branca. Outra coisa: é superforte.

Tinham marcado encontro nas grelhadas Roma, no princípio da grande avenida, no bairro do matadouro. O lugar não lhe pareceu muito adequado para um encontro daqueles, mas foi lá e, olhando de través para as caras dos operários que devoravam carne assada, identificou-o numa das mesas do fundo.

- Gonzalo"?

Ele respondeu-lhe apontando para uma cadeira.

- Chamo-me ,Pedro". Não achas melhor irmos conversar para outro lado. Aqui há gente a mais.

- Aqui estamos bem e podemos falar de tudo. Vamos comer umas tripinhas? Convido eu, compadre.

Aceitou sentindo que perdia um ponto valioso. Ele é que devia controlar a situação.

Fizeram o pedido e puseram-se de acordo quanto a um acompanhamento.

- É suposto falarmos de quê? - Perguntou o «Gonzalo».

- Vamos decidir. Um tema em que os dois estejamos à vontade.

- Tu entendes de boxe?

- Alguma coisa. Não muito.

- Bem. Disso. Expliquei-te a diferença de peso que há entre um mosca e um meio-pesado?

Especificou-lhe rapidamente a escala ascendente de três quilos e tanto que permite que os pugilistas mudem de categoria, cada uma com a sua designação.

As tripas chegaram fumegantes no seu braseirinho e incomodou-o a familiaridade do rapaz.

- Uma garrafinha de tinto, campeão?

- Que achas?

- Claro que sim. As tripas têm de ser empurradas com vinho. Aqui conhecem-te, não é?

O Gonzalo, respondeu que estavam no bairro dele e que o conheciam em muitos outros sítios.

- E isso de campeão donde é que vem?

Soltou uma gargalhada antes de informar que era efectivamente um campeão. Três anos antes conseguira o título pan-americano dos meios-médios, e até à data ninguém lho havia arrebatado.

Comeram em silêncio. Procurava as palavras iniciais para os argumentos que tinha de lhe expor, mas não as encontrava, nem nas tripas que iam desaparecendo nem na expressão alegre do Gonzalo.

- É bom o vinhito, não achas?

- É, é, muito bom.

- O patrão tem uma vinhazinha perto de Molina. Vem de lá. Só para os clientes da casa.

- Ouve lá, eu não vim para falar de vinhos. Sério. Temos de ir para outro lado. Aqui não posso falar, e é importante.

O Gonzalo olhou para ele com atenção enquanto dobrava o guardanapo.

- Calma. O Ivan sabe que eu estou de acordo. Quero lutar. Isso é tudo. Não sou um intelectual, não podia acrescentar nada ao que tens para me dizer. Estou de acordo e estou decidido. Isso é que importa. Não nos conhecemos e também não é a falar que o vamos conseguir. É no terreiro que se vêem os galos. De acordo?

Acabaram de comer e o campeão acompanhou-o até à paragem de autocarros. No aperto de mãos da despedida sentiu que a confiança estava a chegar.

Poucas semanas depois, não só o grupo contava com um novo membro, como, além disso, a garagem de reparações de que era proprietário veio a enriquecer a infraestrutura: servia de local de reuniões, de armazém de materiais de estudo e, à tarde, destinavam-na às práticas militares de que no futuro haveriam de precisar.

O Gonzalo vivia num quarto contíguo ao telheiro e aceitava de bom grado que o tratassem por aquele nome postiço, além do mais desnecessário como disfarce, já que bastava chegar a sua casa para lhe descobrir o nome verdadeiro impresso nos troféus colocados por ordem em cima de uma cómoda.

Às vezes era reconhecido por um ou outro cliente e, esquecendo a avaria do carro, saía a correr para comprar umas cervejas e regressava para se sentar nas caixas de ferramentas pedindo-lhe repetidas vezes que lhe contasse os três rounds do combate pelo título.

Ele punha gosto nisso, e os outros disfarçavam o nervosismo.

A situação mais crítica que viveram foi numa tarde em que estavam a esforçar-se em estudos de cartografia e de repente ouviram umas pancadas no portão. O Alonso pôs-se a espreitar pelo janelo de cima e quase caiu de costas quando verificou que lá fora estava um carro-patrulha. Não tiveram outro remédio senão abrir o portão e esperar pelos acontecimentos.

Entraram dois carabineiros seguidos de um sargento-ajudante que fedia a vinho.

- Desculpem o incómodo, mas tivemos um furo num... campeão! Que raio de coisa! Não me reconheces?

O subalterno atirou-se para o Gonzalo.

- Claro que sim, meu sargento López!

- Ajudante López! - Corrigiu o homem fardado, apontando para as insígnias.

Os dois polícias que o acompanhavam e o resto do grupo permaneciam mudos. O Gonzalo deixava-se abraçar, recebia as pancadinhas amistosas na barriga, e finalmente botou fala.

- Rapazes, apresento-lhes o sargento-ajudante López. Ele descobriu-me quando eu ainda mal calçava as luvas.

- E eras um peso-mosca - precisou o militar. - Eras um peso-mosca, e desde que te vi no ringue pela primeira vez, disse cá para mim: "este sacana tem estofo de campeão." É o olho clínico que tenho. Tinhas força nos punhos, mas não era aquela a tua categoria. Recordas-te do que te disse? "Cabrão, o boxe é como o casamento. Se um tipo não está no peso não pode oferecer um bom espectáculo". E sabem o que fiz? - Dirigiu-se aos que o acompanhavam. - Levei-o diariamente a comer na esquadra. Lembras-te, campeão? Lembras-te daqueles túberos assados que o Moyita cozinheiro te preparava? Lembras-te do sangue todas as sextas-feiras, meio litro de sangue puro, ainda quente. Lembras-te, campeão? Eu dizia ao carnicheiro: "trata-me bem esse borreguinho, com ternura, para que vá para o patíbulo bem confiante e morra descansado, sem pânico, sem soltar adrenalina, olha que o sangue dele é para endurecer o corpo de um sacana que ainda vai dar que falar., que mariquice com os pobres bichos, mas valia a pena.

- Campeão, diz lá se não fui um bom manager?

- O melhor do mundo - garantiu o Gonzalo.

- Tens aqui os troféus?

O Ivan piscou-lhe um olho indicando-lhe que os fosse buscar e acompanhou-o até à casa.

- O caso não é grave, mas pode gerar problemas se ele começar com perguntas incómodas. Está nas tuas mãos, Gonzalo.

- Calma. É um gajo porreiro e eu domino a situação.

Voltaram carregados de troféus. O subalterno contemplava-os com olhares sonhadores enquanto os dois carabineiros regressavam do carro-patrolha com uma garrafa de aguardente de pisco.

- Olhem para isto:, campeão peso-galo. Campeonato dos bairros. Concepción." E esta outra taça. Prata pura. "Campeão peso-pluma,, também em Concepción. E foi de lá que saltaste para o norte, meu sacana, para mostrar aos gajos da pampa a força de punhos de um tipo do sul. Aqui está a prova. "Campeão peso-ligeiro", em Iquique. - Quando pegou no cinturão com a grande fivela de bronze, o subalterno não conseguiu conter as lágrimas.

- E chegaste longe, meu sacana. Merda! Oçam isto e ponham-se de pé, seus imbecis. «Oitavos jogos olímpicos pan-americanos. Categoria de meios-médios. Campeão». Chegaste longe, meu sacana. Chegaste longe, porra!

O militar chorava copiosamente abraçando o Gonzalo enquanto os outros bebiam pisco da garrafa e passavam os troféus de mão em mão. Havia vários meses que funcionavam na garagem e nunca se tinham interessado por aqueles símbolos de glória, conseguidos nos três minutos de um round, na breve eternidade da vitória ou da derrota. Nisto chegou a pergunta inesperada.

- E estes gajos, campeão? São operários?

O Gonzalo disparou a resposta exacta.

- Não, meu ajudante. Os rapazes também calçam luvas e estamos a formar um clube de boxe cá no bairro.

O militar sentiu-se no seu elemento e, tratando-se de duros, ordenou-lhes que se pusessem em guarda.

- Peso?

- Sessenta e quatro - disse o Alonso.

- Superleve - resfolgou o militar.

- Peso?

- Oitenta. Pesado - respondeu o Ivan.

- Meio-pesado - corrigiu o sargento-ajudante.

- Peso?

- Setenta e três - respondeu o Pedro.

- Sobe dois quilos, sacana. Tens boa pinta de médio e gosto das tuas mãos pequenas.

Todos pensavam com alívio na ausência da «Paty». Imaginavam-na a declarar o seu peso e o subalterno a defini-la como mosquinha ou outro bicho leve.

Depois da visita, os polícias acostumaram-se à transparência do Gonzalo. Tudo estava a correr bem. Por um lado, ele e o Alonso encarregavam-se de fazer funcionar a garagem e, por outro, os vizinhos consideravam-nos como um grupo de entusiastas do ringue entre cordas que o campeão estava a formar. Assim, todas as tardes limpavam a garagem e, com três tambores de óleo mais a desmontadora de rodas, formavam um ringue de proporções quase regulamentares, onde continuavam as suas práticas militares. Para completar a camuflagem, adquiriram uns pares de luvas usadas, e o Alonso pendurou um enorme fardo de areia para endurecer as mãos. A Paty divertia-se vendo-os suar e dizia que pareciam personagens saídos de um conto de Rind Larner.

Passavam os meses e da Bolívia chegavam notícias cada vez mais animadoras. O grito de "Às montanhas voltaremos", lançado depois da morte do Che, encontrava cada vez mais eco entre os camponeses, entre os mineiros e entre os estudantes. Era o que diziam os comunicados. Agora sim, a Bolívia ia ser o coração do continente. Era o que garantiam os comunicados da organização, que também se referiam a um contingente argentino, a outro uruguaio, peruano, colombiano, que se juntariam à luta nas montanhas e nas selvas bolivianas. Era até possível contar com a participação de alguns cubanos, veteranos da Sierra Maestra, decididos a continuar o caminho iniciado pelo Che. Eles formavam o destacamento chileno

E preparavam-se numa garagem disfarçada de ginásio de boxe ao entardecer.

O tempo avançava e a data de saída parecia cada vez mais próxima. A rádio fornecia informações sobre actividades guerrilheiras nas proximidades de Santa Cruz, e o governo boliviano punha a prêmio a cabeça de «Inti» Peredo. Dizia-se: "a coisa está a arder lá em cima". "A coisa está a arder lá em cima", repetiam os comunicados.

Assim chegou o momento em que o Ivan anunciou que havia finalmente contacto aberto com a guerrilha, e a organização decidia começar os preparativos da viagem.

A primeira meta era Oruro. Ali se haveriam de encontrar com gente das minas, que os transportariam através da meada clandestina até às frentes guerrilheiras. Dispunham de uma data máxima para chegar a Oruro, visto que o desenvolvimento da luta significaria a militarização das fronteiras.

A coisa estava a arder lá em cima, e nenhum deles conseguiu dormir naquela noite.

Recordou-se, ao olhar para os canteiros de lírios suavemente acariciados pelo vento, de que nessa noite parara naquele mesmo jardimzinho para fumar um cigarro e dominar a euforia que o embargava. Depois, caminhara sem rumo despedindo-se de Santiago, daquela cidade que amava em segredo, sem nunca se atrever a confessá-lo. Era verão. A noite suave e tépida envolvia-lhe os passos num silêncio felino, e perguntava a si mesmo quanto tempo haveria de durar a luta nas montanhas. E que aconteceria depois? Tudo seria diferente. A guerrilha triunfaria na Bolívia e graças a isso os habitantes do continente recuperariam uma vocação de vitória. "Que honra aquela de viver numa época assim. Porque a história agora terá de contar com os pobres da América."

As ruas pareciam intermináveis. Cada pormenor era novo, desconhecido e belo. Foi andando, projectando imagens que se sucediam como planos vertiginosos de um filme em rodagem. Àquela hora os seus companheiros de faculdade dormiam, sonhavam, faziam planos para o fim-de-semana com as suas moças, para um baile, para um passeio até à praia; em contrapartida, ele fazia parte de um grupo com planos diferentes. O Che, antes de cair em Ñancahuazú, escrevera que o guerrilheiro alcança a dimensão superior do homem. O homem novo. Também ele o conseguiria? Quanto aos outros estava certo. O Alonso,, àquelas horas, estaria com a mãe, a quem comunicou a sua futura ausência dizendo que se ia embora para estudar na costa rica. A Paty se encarregaria de lhe fazer chegar todos os meses uma modesta soma posta à disposição pela organização para enfrentar os gastos mais imediatos.

A Paty, companheira do Ivan, aceitara de má vontade a sua obrigação de ficar. Nos últimos tempos tinha-os visto mais juntos que nunca. Amavam-se desde que se conheceram como militantes nas juventudes comunistas, durante a marcha de paz para o Vietname", desde Valparaíso até Santiago. Foram expulsos juntos do partido, acusados de ultra-esquerdismo, e juntos ingressaram na organização. O Ivan encabeçava o grupo. Era o único com experiência militar e, ao mesmo tempo, com maior capacidade política. E o Gonzalo tinha sido mineiro, pescador, operário da construção civil, mecânico de automóveis, e campeão de boxe no meio de tudo isso. O Ivan" repetia que o Gonzalo possuía disciplina e carisma. Podia ser justo e rigoroso ao mesmo tempo. Todos sentiam que o Gonzalo era o melhor. Um dia lhe haveria de contar tudo o que ia pensando pelas ruas adormecidas de Santiago.

Santiago. Os alemães da brigada Thelmann também se terão despedido assim de Hamburgo, de Berlim ou de Leipzig antes de marchar para Espanha?

Santiago. Os ianques da brigada Lincoln terão percorrido Chicago, Nova Iorque ou Cincinnati antes de partir para a frente do Ebro?

Santiago. O Che também se terá despedido de Buenos Aires?

Uns dias mais tarde chegou o momento de se reunirem, depois de resolvidos todos os problemas pessoais, para partirem a qualquer momento, embora não soubessem ainda como.

Ao entrar na garagem, o Ivan e o Alonso olharam para ele com a mesma atitude de espanto que ele adoptara ao ver o desconhecido dar murros no fardo de areia.

Era um homem robusto. O nariz achatado ressaltava ainda mais da sua cara de alcoólico. Atirava as mãos com suavidade, mas notava-se-lhe a contundência dos punhos. O casaco não balançava como quando um deles lhe batia, estremecia como um corpo pendurado, atento ao golpe seguinte, enrijecendo os músculos de areia para suportar o castigo aplicado por aquelas mãos certeiras.

O homem respirava compassadamente e parecia estar sempre parado em cima de um só pé.

- Venham - chamou o Gonzalo.

Fecharam-se na casa sem deixar de observar o desconhecido através dos vidros da porta.

- Não me façam perguntas até eu ter explicado tudo.

Até agora continuamos com o problema da viagem por definir. É certo que podemos fazê-la separadamente e reunir-nos em Oruro, mas também é certo que todos chamamos bastante as atenções, de bolivianos não temos nem cheiro, e de certeza que o exército anda agora à coca dos bichos esquisitos que atravessam a fronteira. Penso que até agora a minha transparência nos foi muito útil, e acho que nos pode servir para chegarmos a Oruro sem dificuldades. Além disso, penso num enorme golpe de propaganda, mas disso falo-lhes depois. Por favor, não me interrompam. Em Oruro há um campeão dos meio-médios, e eu desafiei-o. O homem aceitou o repto. É um pugilista militar. O combate será daqui a três semanas e todos podemos viajar com essa cobertura.

Estavam tão surpreendidos que nem sequer conseguiam pensar. O Ivan ordenou-lhe que acabasse de expor o seu plano.

- Preparei tudo e contamos com o apoio da federação chilena de boxe. Conheço lá vários tipos que me querem ver como profissional para ganharem dinheiro à minha custa, e eu enganei-os dizendo que este combate com o boliviano atirá outra vez o meu nome para a pena dos comentaristas desportivos. Proporcionam-nos as passagens. De autocarro até Antofagasta e a partir daí de caminho de ferro até Oruro.

Já falei atrás do golpe de propaganda. Vou ganhar o combate. Estão a ver o que isso significa?

- Mas, e nós?

- Tudo arranjado. O Ivan é o meu manager. O Alonso, o meu ajudante, e o Pedro, o meu massagista. Escusado será dizer que devemos viajar com os nossos nomes.

- E qual é o papel do homem lá de fora?

- Faz parte do golpe de propaganda. Preciso dele. O homem lá de fora é um boxeur caído em desgraça. Conheço-o bem e não posso encontrar melhor treinador.

Não precisaram de longas discussões para aceitar o plano proposto pelo Gonzalo. Permitia-lhes viajar limpos, legais e, sobretudo, consideraram os efeitos do golpe de propaganda: um desportista que, depois de obter um importante triunfo, se passava para a guerrilha com todo o seu séquito.

As semanas seguintes foram frenéticas. Os vizinhos souberam que o campeão ia à Bolívia defender o seu título e, embora os entendidos argumentassem que o que seria justo era ter o boliviano a desafiá-lo em casa, porque assim estatuíam as regras

ditadas pelo Marquês de Queensberry, esta viagem dizia muito da coragem do campeão, que saía para expor o seu título, e todos se mostravam satisfeitos com o lobo de san Pablo a servi-los no ringue.

Protegido pela transparência do Gonzalo, o grupo fechava-se em casa para rever uma e mais vezes os conhecimentos adquiridos. Cartografia, meteorologia, geografia, botânica medicinal, armar e desarmar, o a b c da guerrilha, enquanto lá fora o sargento-ajudante López se apresentava dia sim dia não a medir os progressos do campeão trazendo sempre um cesto cheio de ovos do campo, indicando-lhe que os devia comer crus, com casca e tudo, porque precisava de muito cálcio, de alho e de cebolas cruas para resistir melhor à altitude.

Do quadrado do ringue chegavam as instruções do lobo de san Pablo.

- Às cordas. Às cordas, campeão. Agora. Impulso. Saia. Um dois, um dois, atenção às pernas, um dois, um dois, um dois. Volte para as cordas. Cubra a cara. Atenção. Agora! Saia.

Um dois, um dois, um dois, o gancho da esquerda! Não, campeão, eu disse gancho, não disse directo. De novo para as cordas. Saia. Um dois, um dois, um dois. Atrás. Saia com um directo da direita, estômago, estômago, por cima! Agora, meia distância! Meia distância, campeão!

Assim chegou a última tarde em Santiago. Na manhã seguinte sairiam para a meia distância.

Desejavam estar com as famílias, ou com os amigos, ou sozinhos. O segredo das suas vidas iria quebrar-se dentro de pouco tempo e já então estariam longe. Apesar da necessidade de comunhão, foi impossível evitar a festa que os vizinhos improvisaram.

Em pequenos grupos chegaram à garagem com pão bem cozido, um braseiro, carne temperada, garrafas de vinho, linguiças, empadas, grades de cerveja, saladas multicores, e, antes de poderem recuperar da surpresa, estenderam um pano branco em cima da banca de trabalho. O presidente da junta de freguesia falou do carinho que todos sentiam pelo campeão, e evidentemente pelos seus colaboradores, do imenso orgulho que significava para o bairro tê-lo como vizinho e como se sentiriam felizes com a sua vitória.

- Mas se a sorte lhe for adversa, campeão, se não ganhar, se o boliviano no-lo devolver com um olho em compota, bem, o senhor compreende melhor que nós o profundo significado da frase olímpica: "o importante não é ganhar, mas competir." Se não ganhar, campeão, saiba que o nosso carinho continuará a ser o mesmo, mas, como o conhecemos, temos confiança nos seus punhos. Tenho dito.

Era generoso o vinho e as melhores partes do assado foram para o Gonzalo. Olhavam uns para os outros, e, sem o dizer, sabiam que aquela era a melhor despedida possível. E, quanto à vitória, quem podia ter dúvidas?

No fim da festa, o lobo de san Pablo aproximou-se do Gonzalo, para lhe garantir que durante a sua ausência tanto a garagem como os troféus reluziriam de limpeza.

- É uma pena eu ter problemas com a justiça e não poder sair do país. Se não, com que gosto o acompanharia para o aconselhar do ring side. Tome cuidado com as

cabeçadas, campeão. Os bolivianos são manhosos e têm a testa dura. Nem sabe como me sinto mal por deixá-lo só. Não é que pense mal dos rapazes, que são entusiastas, mas não têm futuro a combater com os punhos. Ainda lhe quero dizer mais uma coisa, e o senhor sabe que eu sou homem de poucas palavras. Obrigado. Muito obrigado, campeão.

- Eu é que tenho de lhe agradecer. Mas, que diabo! Trata-me da garagem e estamos quites.

- Não é assim tão simples. O senhor sabe que me tirou da merda. E a honra que foi para mim poder apoiá-lo com o pouco que sei.

- O senhor é muito bom, conhece técnicas e sabe aplicá-las no momento oportuno. Lobo, há ainda mais uma coisa.

É possível que não regressemos logo a seguir, é possível que me metam numa digressão. Isto deve ficar entre nós.

- Eu sou um túmulo, campeão.

- Eu sei. Há uma pergunta que sempre lhe quis fazer.

Donde vem isso de lhe chamarem lobo de san Pablo?

- Tempos passados. É de quando ainda era puto e combatia no México Boxing Club, da rua san Pablo. Era muito jovem então, e houve alguém que notou que quando melhor atacava era quando me encostavam às cordas, me encurralavam, como aos lobos. Mas isso passou. Agora estou acabado. A pele de lobo ficou grande para este cão velho. Eu já pendurei as luvas, campeão.

As palavras do pugilista apagaram-se ao mesmo tempo das últimas brasas e uma ténue fumaça confundiu-se com as sombras.

Ao ver as pontas de cigarro que o rodeavam, soube que estava havia muito tempo sentado naquele jardimzinho. O amargo sabor que lhe inundava a boca não provinha do tabaco. Soube também que já não sentia afeição por aquele jardimzinho, nem pela cidade. Não se amam os lugares a que se regressa derrotado.

Pôs-se de pé e começou a andar a caminho da garagem. Quando atravessou a rua doeu-lhe a ferida. Tinham-na tratado num armazém da guerrilha, com meios muito primitivos e, quando o deixaram numa passagem fronteiriça, avisaram-no de que não devia andar de mais.

Encontrou o lobo de san Pablo a tomar um chá-mate na cozinha. O homem teve um sobressalto quando o viu, e não conseguiu discernir se olhava para ele com ódio ou simplesmente surpreendido, até que deixou a cabaça e o abraçou a soluçar.

- Então é verdade?

- Sim, lobo. Mataram-nos.

- Mataram o campeão.

- E o Ivan... e o Alonso...

... O campeão. Aqueles conas da mãe mataram o campeão...

- Quando é que soube, lobo?

O homem não respondeu. As lágrimas empapavam-lhe o nariz achatado e respirava com dificuldade. Dirigiu-se, sempre a chorar, para a cómoda onde reluziam os troféus e de um deles retirou um recorte de jornal:

"Uma delegação de desportistas amadores chilenos foi morta na estação de Oruro, Bolívia, durante um confronto entre guerrilheiros do exército de libertação nacional e efectivos das forças armadas bolivianas. Segundo fontes militares do país vizinho, os desportistas chilenos faziam parte de um comando extremista que entrara em território boliviano para se juntar aos subversivos que operam na região montanhosa do Teoponte. O governo chileno solicitou às autoridades do país irmão uma investigação exaustiva do facto. Da delegação desportiva, que viajou com o apoio da federação chilena de boxe, fazia parte o campeão pan-americano de meios-médios..."

Devolveu-lhe o recorte.

- Vai um mate?

- Não, obrigado, lobo. Tenho que me ir embora. Olhe, aqui há algum dinheiro. Encarregue-se de levar os troféus à família. O senhor sabe onde vivem.

O homem disse que sim sem palavras.

- Adeus, lobo. Boa sorte.

Começou a caminhar para a saída. No telheiro estava ainda o quadrilátero formado por três tambores de óleo e a desmontadora de rodas. Numa ponta estava pendurado o fardo.

A voz do pugilista deteve-o:

- Espere um bocadinho. Não percebo. Às vezes não percebo muitas coisas. Deve ser por causa dos murros que apanhei na cabeça, mas eu gostava do campeão, ainda gosto dele, e não posso acreditar que seja verdade. Chegou a subir ao ringue?

- Não. Mataram-nos antes. Mal íamos a descer do comboio. Venderam-nos, eu salvei-me por...

O homem não o ouvia. Uma expressão de dor idiota sulcava-lhe o rosto de alcoólico.

- Então continua a ser o campeão - disse ele. Desandou dali e foi dar socos furiosos no fardo de areia.

Actas de Tola

Acta primeira

Muito bem. Tiveram o que queriam. Neste país, meus senhores, acabou-se o tempo dos revoltosos. Ordem e disciplina são as únicas instruções permitidas. Esses galarós acriançados!

- Quantos são eles? Doze?

- Vou mandá-los para um lugar tão deserto e chato que não tardarão umas poucas semanas e estarão a implorar que se lhes dê uma oportunidade de regressarem à cidade grande. Capitão Espinoza, procure-me aí no mapa o lugar mais merdoso e aponte-mo com o dedo.

O capitão fez soar os tacões, desdobrou uma grande carta geográfica em cima da mesa de operações e, obedecendo às ordens do investido, indicou um ponto amarelo situado entre duas linhas quebradiças de cor castanha.

- Aqui, meu general. Tola. ,segundo a partir de Antofagasta a linha recta do trópico de Capricórnio, que é a distância mais curta entre dois pontos...

- O trópico de Capricórnio?...

- Não, meu general. A recta.

- Deixe-se de floreados, Espinoza! Continue!
- Às suas ordens, meu general! Como eu ia dizendo, seguindo a recta do trópico de Capricórnio, e saindo de Antofagasta avançam-se uns trezentos quilómetros na direcção leste até chegar à cordilheira de Sal...
- Essa linha é transitável?..., como se chama? Capri quê?
- É uma linha teórica, meu general.
- Não me venha você também com imbecilidades teóricas, Espinoza! Continue!
- Às suas ordens, meu general! Depois de atravessada a cordilheira de sal, chega-se à famosa salitreira de Atacama. Um inferno seco, meu general. Lá as cuspidelas mumificam-se antes de chegar ao chão. Mesmo no meio da salitreira de Atacama situa-se Tola.
- Gosto, Espinoza! Gosto. Esses galarós têm alguma hipótese de escapulir dali?
- Negativo, meu general. Não há caminhos. E se alguma vez os houve, desapareceram engolidos pelo areal. É uma povoação morta, abandonada há mais de cinquenta anos, quando fechou a última oficina salitreira que operava na zona. Não há maneira de sair daquele túmulo. O único lugar povoado, san Pedro de Atacama, fica a uns cinquenta quilómetros para norte, e aí temos duas companhias de sapadores a controlar a área. Um pouco mais a norte é a pampa do Tamarugal, tão árida e inóspita como a própria salitreira. Para leste têm a cordilheira dos andes na sua parte mais inacessível, para oeste a cordilheira de sal de que já falei, e para sul a salitreira de Punta Negra, isto é, deserto e ermo por todos os lados...
- Sítio muito bem pensado, Espinoza. Para lá irão de férias esses galarós revoltosos. Assim, vão aprender de uma só vez para sempre quem é que manda aqui. Tem a certeza absoluta de que não há caminhos de saída?
- Positivo, meu general. Por lá só existem as linhas ferrugentas do caminho de ferro inglês que dantes punha em contacto as salitreiras. Se quiserem sair de lá pela via férrea podem esperar pelo comboio até rebentarem.
- Gosto, Espinoza. Gosto. Como disse que se chama a aldeola?
- Tola, meu general. Chama-se Tola.

Acta segunda

Mandam-nos para o norte, irmão. Foi o que ouvi dizer a um tropa quando nos levaram à cagadeira. Já estiveste alguma vez no norte? Duro como o raio o clima nessas paragens, meu. Durante o dia o pino do sol dá com tanta força que rebenta a pele da cara e todos os cristãos acabam com ar de cirróticos. À noite uma pessoa sente-se embrulhada num frio que entra até aos ossos, e de madrugada chega sempre a Camanchaca, um orvalho gelado que só a gente da pampa é capaz de suportar. Olhe. Parece que nos vamos já embora. Já viu que somos doze? Doze como os apóstolos. A propósito, não nos apresentámos. Aperte aí, Juan Riquelme para o servir em tudo o que puder. Como? Chama-se Pedro Arancibia? Irmão, temos... os dois nomes de santos. E em que é que gasta os ossos, don Pedro? Professor? Olhe que interessante. Eu? Eu sou farrusco. Como? Não percebe? Farrusco, camarada. Sou ferroviário. far...rusco. É o que nos chamam desde os tempos das locomotivas a carvão. Na minha família somos quase

todos farruscos. O meu velho, por exemplo, ganhou toda a sua vida como guarda de linha numa estação do sul, e eu trabalho como maquinista no Pancho. Não percebe? O Pancho. O expresso Santiago-Valparaíso. Bem, o que eu devia talvez dizer é que trabalhava, e que quando me livrar desta não acredito que me readmitam no trabalho. Tenho a certeza que tomaram nota do meu nome na lista negra apesar de há mais de vinte anos andar a deitar os bofes pela boca na companhia. Mas, coragem, meu! Não há mal que sempre dure. Vamos para o norte, don Pedrote, e isso também deve ter o seu lado bom. Como disse o oculista, as coisas da vida dependem da lente por onde a gente olhar para elas. Está a ver? Ainda não podemos dizer que estamos fritos, como disse o peixe enquanto o atiravam para a frigideira. Vamos no Pampino. E prepare-se, irmão, porque vai ser viagem comprida.

Acta terceira

Esta viagem é diferente e, absurdamente, de certa maneira, gostava de a resgatar. Sim, resgatá-la. Mudar o sentido da marcha do comboio, inverter tudo. Os assentos duros da carruagem de segunda, os olhares entre hostis e entediados dos soldados que nos vigiam, as palavras-siglas ff. cc. do estado, o vaivém dantes suavemente embalador e que provoca insónias agora. Se Neruda...

E já morreu. Se Neruda aqui estivesse, no assento à minha frente, cara a cara com a vida, haveria de lhe perguntar com a honestidade de uma criança: "don Pablo, que é que vai

Acontecer quando o comboio parar?" e ele respondia-me: "quando descansa o longo comboio juntam-se os amigos...", e de certeza que é o que há-de acontecer com todos os comboios do mundo, menos com este.

Chakatakak. chakatakak. chakatakak. Move-se. Avança a serpente de aço. Já se avista a secura de til til, quando na realidade deveriam ser os meloais do maipo a acariciar as janelas de verdura.

Chakatakak. chakatakak. chakatakak. Quando descansa o longo comboio juntam-se os amigos, entram, abrem-se as portas da minha infância..., somos doze que bem poderiam ser uma equipa de futebol, porque não? O unidos venceremos f. c. do bairro independência que se dirige ao campo da honra para medir forças com os bons rapazes f. c. de paine. De acordo com os velhos costumes desportivos, perderemos. Os visitantes terão sempre de deixar aos locais o prazer da vitória, marcando muito embora o tento de honra pouco antes do fim do encontro. Então os donos da casa serão generosos na sua euforia, e o aroma da vitela assada em lenha de peumo irá acompanhar-nos na viagem de regresso no último comboio, no comboio dos bêbedos, o comboio local de condimentados frangos a crédito e de garrafas de sumo de cana que se irão renovando em todas as estações.

"Chakatakak. chakatakak. chakatakak. Somos doze que bem poderiam ser uma alegre comitiva de amigos a caminho de um casamento. Onde? Quem se casa? Em Rancagua! É claro. Na primeira estação grande do sul, casam-se-nos, quem havia de ser?", o Ramón e a Olga. Vinho que chegue para dar banho aos cavalos, e arroz para atirar aos noivos! As velhas vão chorar partilhando uns goles de empreitada, e o noivo irá pensando nas pernas da sua amada enquanto nós saboreamos as perninhas de peru, grandemente eróticas a nadar na panela, mas... chakatakak. chakatakak. chakatakak.

Não são os vinhedos de Rancagua. Não é o ramal da cordilheira. Os que lá fora se desenham não são os breves comboios que trepam até às minas de cobre e regressam trazendo no ventre o eterno cintilar das fundições. Atravessamos a terra envelhecida de La Ligua, epicentro de catástrofes, bode expiatório do ódio que às vezes a terra nos manifesta com terremotos.

Chakatakak. chakatakak. chakatakak. Quando descansa o longo comboio juntam-se os amigos, entram, abrem-se as portas da minha infância, sacode-se a mesa..." na violenta luz da tarde Ollapel prepara-nos os olhos para enfrentarmos o impreterível deserto que dentro de poucas horas há-de começar.

Chakatakak. chakatakak. chakatakak. Porque é que a história destes dias não terá a amorosa lógica da ampulheta? Bastaria então invertê-la e estaríamos à entrada de Talca. Entre alamedas silvestres e rolas que esperam cansadas a chegada do caçador. Somos doze. Porque não? Como os doze da fama, uns longínquos espanhóis que perderam para sempre a porta de saída. Somos doze que, ordenadamente, tomaríamos lugar diante da máquina de caixote do fotógrafo na praça de armas quadrada e castelhana. Olharíamos o passarinho e logo nos tornaríamos doze negros de cabelo branco, todos de cabeça para baixo à espera de que o mágico da imagem reaparecesse do seu minúsculo templo flanelado e nos entregasse o postal com a legenda «Talca, Paris e Londres», heráldica orgulhosa de latifundiários arruinados, que continuam a marcar encontros

Às cinco da tarde, discretamente, a tomar onzes, não porque onze é o nome que se dá ao refresco que se toma entre duas refeições, mas porque onze são as letras da aguardente que eles emborcam em copinhos da altura de um dedo mindinho, enquanto o bar da estação se enche de gargalhadas e de frases de espanto produzidas pelas impecáveis rimas dos poetas, os vates do comboio rápido para Puerto Montt que declamam os versos, os bons versos, e oferecem aos passageiros, entre avelãs e pastéis, a flor acabada de imprimir da lira popular, mas... chakatakak... chakatakak... chakatakak. O comboio não pára. Não parará até avistarmos ovalle e, no meio da solidão e do silêncio, o tórumo tranquilo da mistral, da nossa Gabriela.

Chakatakak. chakatakak. chakatakak. Embarcou mais alguém? Esta carruagem foi inteiramente reservada para nós, os doze pestíferos, os que contraíram o cólera, a peste amarela, encarnada ou preta. Os doze que vão a caminho da sua quarentena de silêncio. Em La Serena quase tocamos o mar, o pacífico que embolorece a estátua de Francisco de Aguirre e nos esbofeteia a cara indicando-nos que dali em diante tudo será luz e mineral.

Chakatakak. chakatakak. chakatakak. quando descansa o longo comboio juntam-se os amigos, entram, abrem-se as portas da minha infância, a mesa sacode-se com a pancada de uma mão ferroviária, chocam-se os grossos copos do irmão e cintila o fulgor dos olhos do vinho... chakatakak. chakatakak. Passam nomes rodeados de velhas Calaminas. chakatakak... chakatakak... Vallemar... chakatakak... Punta de Díaz... chakatakak... chacarita... chakatakak... Copiapó aparecerá como um fantasma no meio do chuviscar, e o silvo do comboio removerá os espectros dos pesquisadores de ouro, de todas as fortunas arrebatadas pelo garrote do rei de paus. Chañaral.. kak... chakata. Antofagasta finalmente adormecida entre as penumbras de Huachaca que ainda fedem a

prata e a sangue como uma basílica romana... chakatakak... chakatakak... entre os olhares alucinados de lamas e vicunhas tomamos o rumo das alturas. Montanha. Tudo é montanha. Sierra de león. Montanha. Sierra del Carmen. Montanha. Sierra Septiembre. Montanha. Sierra Amarilla. Montanha. Sierra del Buitre. Montanha. Sierra sem nome. Não. Estes quatro paus foram baptizados. Tola.

Acta quarta

- Meus senhores. Por disposição do supremo governo e em conformidade com a legislação em tempo de guerra, vocês permanecerão neste lugar até nova ordem. Receberão abastecimento de quinze em quinze dias. Encontrarão aqui muito perto um poço com água perfeitamente potável. Não devem sentir-se abandonados. Uma vez por mês receberão a visita de um facultativo do exército para o caso de apresentarem problemas de saúde, coisa de que duvido, visto que a única coisa que aqui podem fazer é exercício, muito exercício. Como disse o nosso comandante-geral, mente sã em corpo sã. Meus senhores, desejo-lhes uma agradável estada neste tranquilo recanto da pátria e recomendo-lhes que pensem nos erros cometidos para que não os repitam. É tudo, meus senhores. Dispersar.

Acta quinta

- Moya. Estás a dormir, Moyita? Caraças, que faz cá um frio, Moyita. Não consigo dormir a pensar naqueles coitados que deixámos em Tola. Podem morrer por lá, Moyita. Eu sei o que estou a dizer. Eu sou das pampas, Moyita. Nós, os mamani, somos de um pouco mais ao norte. Sei do que estou a falar. Caraças. Que está frio. Observei-os muito bem durante toda a viagem e não me pareceram maus tipos. Reparaste como eles nos convidaram a fumar das suas beatas? Viste como nos ofereceram da sua comida? Porra que o nosso tenente García também é sacana. Ele também é um sacana desta zona e sabe que daquele poço não se pode beber nem uma gota sem acabar com uma grande cagadeira. É água sulfatada, Moyita, é preciso fervê-la várias horas antes de se poder beber. Porra que o cona da mãe é sacana. Aqueles cristãos vão morrer ali, Moyita. São paisanos, e os paisanos não sabem sobreviver como nós sobrevivemos. Que dizes tu? Quem os mandou meter em parvoíces? Tens razão, Moyita. Mas eu acho que teria bastado metê-los na gaiola. Para que é que se há-de obrigar os paisanos a cagar tanto? Está bem, eu deixo-te dormir. Já não te chateio mais. Mas que frio do caraças que está, Moyita. E o frio faz-me pensar nos paisanos.

Acta sexta

- Boa ideia essa de ferver a água, don Pedrote. Este lugarejo não está nada mal, não lhe parece? Há ainda várias casas habitáveis, mas eu penso que o melhor é continuarmos todos juntos na estação. Sabes? Acho que os tropas quiseram rebentar connosco por dois lados: pela água e pelo frio. Mas saiu-lhes o tiro pela culatra, porque temos lenha para vários anos e com a sua ideia de pôr a ferver a água vamos estar mais saudáveis que um iogurte. Mas eu queria falar-lhe de outra coisa, don Pedrote. Com o que lhe vou dizer o senhor vai pensar que tenho um parafuso a menos, mas calma, companheiro. Eu sou mais sério que uma foto e de loucos todos temos um pouco. Não está a perceber? Vamos ao grão, quer dizer, à galinha. O senhor reparou que desde que chegámos tenho andado a percorrer as linhas. Bem. O ponto está em que nas duas

direcções há vários quilómetros em estado impecável, é uma questão de afastar a areia e nada mais. Sabe? Pensei e tornei a pensar e de repente disse cá para mim: se calhar os rapazes gostariam de fazer um passeio turístico... vê como pensa que estou maluco? Tenho a certeza de que supõe que a minha ideia é formá-los em fila indiana entre os carris e depois pô-los a correr e a gritar pouca terra pouca terra. Não, don Pedrote. Está mais enganado que um cavalo. Venha comigo. Quero mostrar-lhe um tesouro.

Acta sétima

Não sei se chegarás a receber esta carta que vou entregar aos soldados quando nos trouxerem as provisões. Não deixo de pensar na viagem. Foi tão longa. Imagina tu doze homens mais os vinte soldados que nos vigiavam, a viajar no lento, no lentíssimo comboio do norte, no Pampino. Como vês, já aprendi alguma coisa, pelo menos o nome do comboio. Eu do norte apenas conhecia o que tinha lido nas crónicas dolorosas do tempo de Recabarren e Lafene, ou da guerra do pacífico. É muito diferente de tudo quanto se possa imaginar lendo bem abrigado em casa ou protegido do calor pelas paredes da biblioteca nacional. Estou bem. Estamos bem, muito bem, e é disso que te quero falar. Há entre nós um homem muito especial, Juan Riquelme, um ferroviário, que desde o início se evidenciou como «a alma da equipa», segundo as suas próprias palavras. É o pícaro espanhol em versão crioula. Pedro malas-artes no desterro. Veio-nos a contar a história de cada pequena aldeia que atravessámos e explicou-nos, com os ares de um Eisenstein a dissertar sobre a relatividade, a razão da lentidão desesperante do comboio do norte. Nos primeiros dias, para ser franco, preocupou-nos muito o seu comportamento, pensámos que havia qualquer coisa que não batia certo na cabeça dele. Levantava-se muito cedo e, munido de uma espécie de escovilhão que ele mesmo fabricou, andava a varrer a areia que cobria o carril direito da antiga linha, da linha férrea inglesa que antigamente servia as salitreiras. Víamo-lo avançar lentamente até que a sua figura não era mais que um incerto ponto no horizonte. Ao entardecer reaparecia com a mesma parcimoniosa lentidão, mas agora limpando o carril esquerdo. Repetiu esta tarefa vários dias sem dizer palavra e, no fim da segunda semana, convocou-nos para um telheiro afastado e, nem vais acreditar, naquele lugar estavam, estão, duas locomotivas velhíssimas, como aquelas que se vêem nos filmes do oeste norte-americano. Duas máquinas a carvão ou a lenha.

Duas máquinas de vapor, como pacientemente nos explicou Juan Riquelme. Vais pensar que enlouqueci, que enlouquecemos todos, que o sol nos secou o coco aqui no meio do deserto, mas a verdade é que todos estamos metidos de cabeça na tarefa de pôr a andar uma das máquinas. Além de Riquelme, o único de nós que entende de mecânica, de ferros e dessas coisas, é Arancibia, um professor de uma escola industrial que se fez unha com carne com Riquelme. Ambos nos garantem que é possível pôr a andar um dos mastodontes. Não penses que se trata de um possível plano de fuga. Não. Nenhum de nós é tão idiota que se proponha algo de semelhante. Trata-se simplesmente de, como dizer?, um jogo fascinante contra a adversidade, e em que a única coisa que é verdadeiramente importante é ganhar a possibilidade de continuar a sonhar...

Acta oitava

- ... Eh, mestre Riquelme..., chegue-se cá um bocadinho..., aí, está bem! Faça uma mijadela também, para dissimular, olhe que o tenente até na nuca tem olhos.

Mandei a carta à família e já responderam. O meu tenente não lhes quis trazer a correspondência porque diz que é preciso mantê-los incomunicáveis. Fá-lo por ser o cabrão que é. Eu li a carta da sua senhora e diz que todos estão bem e que à mais pequenina já lhe saíram três dentes de leite. Também há cartas para o professor e para dois dos seus colegas, mas não consegui lê-las porque ainda sou meio analfabeto e demoro muito tempo na leitura.

De nada. Oiça, mestre, nas ruínas da capela deixei-lhe as limas e a serra que me pediu. Foi só o que pude trazer porque o meu tenente anda meio à coca. companheiro, não se metam em enredos, olhe que esse imbecil é capaz de os fuzilar. Estou só a avisá-lo, companheiro. O tenentezinho é osso duro de roer...

Acta nona

- Com paciência, rapazes. Sabem de que é que um elefante precisa para apanhar uma formiguinha? De paciência. Esta máquina é qualquer coisa mais que um pedaço de ferro. É uma menina sensível. Vá lá, filhinha, diga lá o seu nome aos rapazes. Como? Diz que tem o nome escrito na caldeira. Barrigão, ussey? Diz que não fala castelhano, a cabrinha. Sócios, preparem os ouvidos. Chama-se Queen Victory e é um modelo pequeno que os ingleses dedicaram à rainha vitória quando ainda era só princesa. Os gringos levaram destas mesmas locomotivas para a Índia. Colega Arancibia, rebaixou-me o perno que lhe indiquei? Vamos a ver. Flor de chá! Como se vê que você tem dedos para piano. Companheiro! O senhor teria futuro nos caminhos-de-ferro. E vocês? Como vai a coisa com a serra? Mas com paciência, rapazes. Para começar precisamos de pedaços de lenha pequenos. Como é que lhes hei-de explicar? Olhem, esta menina precisa de que a tratem como uma senhora de boa família. Gosta de que a aqueçam devagarinho. Ah? De que é que se estão a rir? Arre, que são maliciosos. Se lhes digo que esta menina, depois de quente, gosta que lhe metam os paus grandes, claro que vão logo pensar em porcarias. Rapazes, aonde vamos nós chegar com esses pensamentos. Agora o que nos falta é remover a saída de vapor. Se tivéssemos um moitão... que é que estão a olhar? Não sabem o que é um moitão? A linguagem técnica para vocês é uma espécie de chinês. Um moitão, como o nome indica, é um conjunto de correntes e polés que permitem içar um objecto pesado. Ah! Tive aplausos. Nós somos assim, os que sujam as mãos. Mas é preciso trabalhar e vamos ter que o fazer à unha. Você, companheiro, passe-me aí esse pau. Vamos usá-lo como alavanca. Dêem-me um ponto de apoio e moverei o mundo, disse o grego, e ainda bem que não lho deram porque, senão, que lindo terramoto teria provocado.

Acta décima

Quando descansa o longo comboio juntam-se os amigos... este comboio, don Pablo, parou já há tempo de mais e, no entanto, a profecia do poema não deixa de se cumprir. Aqui estamos nós, os amigos, os doze da fama, os doze apóstolos que tentam a ressurreição de um bolorento dragão britânico. Como todos os homens, queremos fabricar um pequeno, minúsculo mas elementar milagre, e lá em cima, montado na máquina, está Juan Riquelme, o de mãos sujas, um desses tantos joões-ninguéns, ilustremente desconhecidos, mas certos de serem capazes de limpar as mãos engorduradas a um pedaço de estopa ou de história, de acender uma beata e, sem dar

importância de maior ao que fizeram, dizer ao milagre, como lázaro, levanta-te e caminha!

Se calhar, don Pablo, com ferramentas velhas estamos a escrever um novo verso que tire o longo comboio por alguns segundos da sua justa letargia. E tem de resultar. Se conseguirmos movê-lo um só centímetro que seja, será a vitória, o triunfo da alegria sobre o cuspido do ódio. E neste mar de areia, de sol, de vento e de chuviscos, prepararam-se estes doze argonautas, porque, como o senhor disse, don Pablo, o ferroviário é marinho em terra e nos pequenos portos sem marinha.

Desencontro pontual

Ortega deu corda ao despertador, preparou o sinal de alarme para tocar exactamente às quatro e meia da manhã e, para maior segurança, telefonou a um amigo pedindo-lhe que o chamasse a essa mesma hora.

Ao desatar os atacadores dos sapatos decidiu que era uma estupidez deitar-se, ir precipitar-se entre as brancas barreiras de uma insónia infalível. E, assim, afastou-se da cama, foi até ao lavatório e refrescou a cara com água fria. Depois, deitou o casaco por cima dos ombros, saiu para a rua e começou a caminhar em direcção à estação central.

Quando chegou ao enorme edifício cinzento não quis entrar logo. Detestava particularmente aquela atmosfera de aborrecimento produzida pelos passageiros que esperam um comboio suburbano entre cigarros e bocejos. Tinha tempo. Ainda faltavam mais de quatro horas para a chegada anunciada num telegrama de desumano laconismo. Entrou num café.

Chego comboio cinco um quarto stop espera-me stop Elena stop.

Quando a criada lhe trouxe o copo de conhaque soube que estava tranquilo. Verificou que a indisposição que havia semanas o afligia desaparecera e que, em seu lugar,

A absurda certeza de continuar apaixonado quase chegava a irritá-lo.

A chamada de Elena surpreendera-o na intimidade do seu quarto de homem só, no momento em que se dedicava a dissecar as recordações que gotejavam nas páginas de um romance de Semprún.

A inconfundível voz de Elena sobressaltara-o de tal maneira que ficara mudo, segurando no auscultador como se se tratasse de um réptil, e ela perguntou várias vezes se lhe tinha provocado um enfarte.

Com laconismo semelhante ao do telegrama disse-lhe que estava outra vez em Paris, que vinha de Madrid, onde ainda tinha alguns amigos, e que estava mais velha, bastante mais velha, repisou.

Quinze anos deixam as suas marcas perversas nas cãs e nas rugas que nos vão transformando a alma num mapa de lugares e emoções mortas.

"Tango", respondeu Elena. "Letra de tango."

Ortega saboreou o primeiro gole de conhaque e pensou que era absurdo envelhecer. Repetiu para si mesmo que era mórbido olhar-se ao espelho todas as manhãs e verificar como um trecho de vida, imprescindível, de nós mesmos, nos ficou num lugar qualquer do quarto onde dormimos, perdido para sempre. Amaldiçoando mais uma vez o escritor que tinha emboscado debaixo da pele, Ortega não pôde deixar

de sorrir ao pensar no seu quarto lá para as nove da manhã, quando a mulher da limpeza esvazia os cinzeiros, abre as janelas e sacode os lençóis. Que quantidade de cabelos, de recordações, de pedacinhos de papel, de sonhos, de caspa e de partículas da própria pessoa caem e servem de adubo aos roseirais do pátio.

Veio-lhe à ideia uma viagem com Elena, uma das tantas viagens de comboio de Madrid para Barcelona, e de Barcelona para Valência. Caminhante, não há caminho...

Durante essa viagem, agora impossível de localizar com exactidão nos labirintos da memória, Ortega tinha-lhe contado em pormenor o enredo de uma história que um dia havia de escrever. Era muito simples, um homem nasce num comboio, numa carruagem de segunda. É amamentado com o leite proveniente das diversas estações em que o comboio pára. O homem cresce, aprende as coisas triviais. Ainda que necessárias, que o amarram à realidade concreta, mas nunca abandona o comboio. Vive uma existência tranquila sem fazer outra coisa senão olhar pela janela até que o bichinho do amor começa a cavar a sua toca entre a pele e a camisa dele. O homem descobre então que possui um dom desconhecido, pode evitar qualquer espécie de complicação existencial pelo mero facto de se apeiar na estação seguinte e tomar o comboio em sentido inverso. Pode repetir esse ardil salvador sempre que quiser, quando a mínima dificuldade ameaçar transtornar a sua tranquila vida de passageiro.

"É o que se chama a filosofia de fugir com o cu à seringa" respondera Elena.

Quando o silêncio se restabeleceu, a voz de Elena formulava algumas perguntas pelo telefone.

"E tu? parece que te deixaste ficar sempre em Hamburgo. Suponho que te vou encontrar transformado num perfeito cavalheiro alemão. Também usas um daqueles barretinhos

de navegante? Tens contigo uma doce alemãzinha a quem metodicamente ensinas a odiar a ordem? Recebeste as minhas cartas? Respondeste alguma vez?", quinze anos. Paris. Aquela cidade idiota.

Haviam-se separado quando a última barricada era varrida por enfatiados trabalhadores municipais e o último grito de rebeldia bramia o seu arrependimento no gabinete de um pai de família acomodado.

Dos velhos comuneiros da CNT apenas restava um livrinho de endereços, a maioria deles riscados.

Elena.

Quando a sagrada ordem invadiu vitoriosa as ruas Parisienses e os franceses envergaram com mais fervor que nunca a estupidez da sua arrogância, haviam eles iniciado uma desordem de itinerários forçados, que levaram Elena a um caloroso país da América central, e a ele à verde cidade de Hamburgo, onde estava agora à espera, bebendo o terceiro copo de conhaque. Deparava ocasionalmente com velhos conhecidos, homens que ao recordarem aqueles tempos esboçavam uma careta amável, olhavam para o relógio e se desculpavam por terem de assistir a reuniões inadiáveis.

Através de alguns deles soube que Elena viajava por países de nomes que sabem a fruta, a aventuras de piratas, a horas silenciosas diante de mares transparentes, a peles de desejável tonalidade açucarada.

Pagou o consumo e começou a andar. Quando entrou na estação parou diante do quadro de chegadas e viu em que cais chegaria o expresso Paris-Varsóvia. Desceu as escadas e esperou. Ainda faltavam cinco minutos.

Ortega sentou-se num degrau e decidiu preparar as palavras necessárias. Palavras que serviriam de ponte para atravessar um abismo de quinze anos.

Mesmo que o evite, irão falar necessariamente daqueles dias, dos sonhos, do peçamos o impossível, do amanhã é o primeiro dia do resto da tua..., etc. Das instruções que às vezes, ao deparar com o Dani o vermelho, transformado num impecável editor de jornais e revistas ilegais, lhe subiam à garganta, formando uma mucosidade cansada, desejosa de expectorar o triste destino daquela história.

Uma voz anónima que informava da chegada do expresso arrancou-o às suas reflexões antes de ter encontrado as palavras. O comboio imobilizou-se e Ortega parou, ergueu a cabeça tanto quanto lho permitiam os músculos do pescoço e foi percorrendo as caras sonolentas dos passageiros que desciam e os rostos nervosos dos que subiam de bilhete na mão.

No meio dos empurrões, sentiu-se acometido de um nervosismo crescente. Nunca gostara de encontros nem de despedidas. A comuna fora para eles exactamente isso, a possibilidade de uma vida continuada, ilimitada. Trotou pelo cais fora percorrendo com os olhos o interior fracamente iluminado do comboio. Ia a correr ao chegar às últimas carruagens e o silvo que dava a ordem de partida surpreendeu-o no meio de uma corrida desarvorada, esquivando-se como um jogador de rugby dos passageiros atrasados, evitando chocar com os carros do correio. Os três minutos de paragem tinham-se desvanecido depressa de mais para quem esperara quinze anos. Pensou num erro de itinerário, numa confusão do telegrafista,

E quando o comboio já se movimentava viu o rosto de Elena desenhado nos vidros.

- Elena! - Gritou. - Elena!

A mulher limitou-se a responder-lhe com um sorriso. Enviou-lhe um beijo subtil, fechado entre os dedos, e indicou-lhe num dos costados da carruagem a palavra Varsóvia.

Ortega deixou-se ficar quieto, verificando como o comboio desaparecia num buraco de luminosidade matinal que se ia insinuando, e ao pensar no alvorecer jogou o jogo de a entender. Elena. Varsóvia. Lutar contra o poder. Foda-se! A mesma história.

Do jornal de ontem

Deitou café na chávena, um pouco de leite, meia colher de açúcar, mexeu e esperou que amornasse. Teve a mesma sensação de mau humor de todas as manhãs ao verificar que a manteiga estava congelada, que era um absurdo tijolo amarelo encerrado no seu invólucro transparente.

Repetiu a mesma cerimónia de todas as manhãs, isto é, tirou a fatia de pão para o cesto e acendeu um cigarro para acompanhar o café quase frio. Abriu o jornal.

Na segunda página estava a informação do tempo. Hoje, voltaria a chover. Um pouco mais abaixo encontrou uma nota de esclarecimento, rodeada de uma cercadura negra para destacar a sua importância de inserção paga. Na nossa publicação de ontem das novas disposições constitucionais, capítulo xv, página 62, coluna 2, parágrafo 6,

linha 5, onde se diz: serão condecorados pela nação, deve ler-se: serão condenados pela nação.

Feito este justo e necessário esclarecimento, consideramos cumprido o nosso dever de editores."

Acabou de beber o café, deixou a chávena no lava-louça e calçou os sapatos. Lançou um olhar ao seu casaco impecavelmente passado a ferro e à pasta pendurada junto da porta e decidiu que era hora de ir. Em cima da mesa de apoio estavam as chaves, o bilhete semanal do metro, o maço novo de cigarros, o lenço e a carta para a mãe.

Ao dar corda ao relógio de parede decidiu que tinha tempo para outra chávena de café e para um novo cigarro. Voltou a olhar para o jornal em cima da mesa e releu a nota de esclarecimento. As palavras ficaram a bailar-lhe na cabeça e foi à estante consultar o dicionário.

Condecorado. Que tem uma condecoração.

Condenado. Perverso, endemoninhado, nocivo. Aquele a quem foi imposta uma pena por actos contra a lei.

Aproximou-se do telefone e marcou o número do ministério, ouviu os toquezinhos que indicavam linha disponível e, quando escutou a voz de alguém que atendia na outra ponta da cidade, desligou o aparelho.

Regressou à mesa e serviu-se da segunda chávena de café. Decidiu que nestes tempos o melhor era não se comprometer, e fez um rápido inventário dos bens disponíveis: pacote e meio de cigarros, meia lata de café, um pacote de manteiga congelada, um pão inteiro, alguma fruta e uma garrafa de vinho.

Descalçou os sapatos e olhou para a rua pela janela. Pareceu-lhe que havia menos gente que de costume, mas as crianças da escola ali perto estavam a brincar às bocas de incêndios.

Decidiu esperar pelo meio-dia.

Estava ligeiramente adormecido em cima da mesa quando o grito da edição extra do jornal o fez saltar como uma mola em direcção à porta. Hesitou ao verificar que não tinha as chaves, foi buscá-las a correr e precipitou-se pela escada abaixo. Estava a pagar o jornal quando descobriu que estava descalço; sentiu-se um bocado confuso, mas pensou que em momentos como aqueles isso não tinha a mínima importância.

Regressou à mesa e abriu pressurosamente o diário. Na primeira página, emoldurada por um respeitável rectângulo, estava a nota de esclarecimento:

"Perante boatos irresponsáveis que apontam para uma infiltração de potências inimigas como causa do erro que cometemos involuntariamente na publicação das novas disposições constitucionais, capítulo xv, página 62, coluna 2, parágrafo 6, linha 5, onde se lê: serão condecorados pela nação, e se deve ler: serão condenados pela nação, sentimo-nos no dever de exprimir o nosso mais categórico desmentido e informar que tudo se ficou devendo a uma deficiência óptica do operário tipográfico. Faz-se este esclarecimento em conformidade com a lei.

Os editores."

Tirou a rolha da garrafa de vinho e com o copo na mão foi até ao telefone e marcou o número do ministério.

Ouviu longamente os toques de linha aberta, mas ninguém levantou o auscultador do outro lado. Desligou. Foi à janela e viu que começava a chover. A rua estava deserta. Só havia um cão, farejando entre os contentores do lixo.

Dirigiu-se para o roupeiro com uma sensação de tragédia que se lhe interpunha no paladar e o impedia de sentir o sabor do vinho. Tirou a caixa de sapatos que continha os documentos importantes e as cartas da mãe. Leu um por um os sobrescritos e por fim retirou o que tinha um timbre do ministério no extremo esquerdo. Voltou para a mesa.

"O senhor ministro tem o prazer de lhe enviar as suas mais calorosas felicitações por ter completado vinte e cinco anos de abnegado exercício de funções nos nossos serviços. O senhor ministro ordenou que estas felicitações figurem na ordem do dia e recorda-lhe que na segunda-feira, 27 do corrente, se realizará uma sessão em sua homenagem (no fim do dia de trabalho), no clube do pessoal.

Assinado (carimbo azul): o secretário."

Olhou para o calendário. A folha com o número 27 dançou-lhe nas pupilas e tornou a ler o esclarecimento do vespertino. Suspirou, ligou o televisor e perdeu-se na teia de um filme de espionagem.

Decidiu levantar-se quando o animador de serviço disse que com o hino nacional terminavam as transmissões do dia 27 e no ecrã começou a nevar. Olhou para o relógio. Era meia-noite e meia hora.

Diante do calendário meditou um segundo antes de arranjar violentamente a folha vinte e sete. Inaugurou a vinte e oito com um suspiro e com o crepitar da folha que se lhe amarrotava na mão.

Chegado ao quarto de dormir, pôs de parte a ideia de vestir o pijama. Disse de si para si que era preciso estar preparado para graves acontecimentos, e portanto deitou-se vestido e não apagou a luz.

Estava a fumar na cama quando ouviu deslizar o jornal por baixo da porta. Pôs-se rapidamente de pé, alisou o cabelo, procurou os óculos na mesa-de-cabeceira e saiu para ir buscá-lo.

O aviso de esclarecimento estava na primeira página, sempre cercado de austeros traços negros:

"É nosso dever informar a opinião pública do seguinte:

Primeiro: que publicámos oportunamente o esclarecimento e a lista de erratas que a lei indica, perante o erro em que incorremos involuntariamente na publicação das novas disposições constitucionais, capítulo xv, página 62, coluna 2, parágrafo 6, linha 5), onde se lê: serão condecorados pela nação devendo ler-se: serão condenados pela nação.

Segundo: que o mencionado erro involuntário se ficou única e exclusivamente devendo a uma deficiência óptica do tipógrafo encarregado do trabalho, e de modo algum à infiltração de potências inimigas, como distorcida e irresponsavelmente se tentou fazer crer à opinião pública.

Terceiro: que nenhuma responsabilidade nos cabe pelos fuzilamentos do excelentíssimo senhor presidente da república e dos seus doze ministros, que durante a madrugada foram executados no quartel dos hussardos da pátria, e que lamentamos profundamente.

Quarto: finalmente, salientamos que com estes necessários esclarecimentos damos por cumprido o nosso dever perante a lei, e consideramos encerrado o desagradável debate a que nos quiseram submeter.

Recordações patrióticas

Os editores."

Bebeu o café quase frio enquanto relia o anúncio. Tinha na garganta o desagradável sabor de muitos cigarros fumados durante a noite. Levantou-se. Vestiu o casaco. Pegou nas chaves, no bilhete do metro, nos cigarros, no lenço, na carta da mãe, na pasta e, quando estava quase a fechar a porta decidiu voltar atrás a buscar o guarda-chuva, já que o diário, na página dois, anunciava que hoje choveria outra vez.

Recordações patrióticas

Um homem levanta-se às sete da manhã e sai com toda a família postada em frente da casa, situada num bairro popular de Santiago.

Organiza uma ordenada formação militar e começa a içar o pavilhão argentino enquanto as bocas do clã entoam o hino da nação irmã com demonstrações de visível e sincera emoção.

O facto é observado por um funcionário do ministério dos negócios estrangeiros, que passa por ali devido a circunstâncias fortuitas, e consulta imediatamente a sua agenda de efemérides.

Acelera o carro e chega realmente alterado ao seu gabinete. Ordena à secretária que tome as medidas necessárias, com prévia revisão minuciosa das datas a recordar.

Às nove da manhã todas as instalações ministeriais se transformaram num mar de consultas e recíprocas acusações de inoperância administrativa e possíveis sabotagens. Como medida de emergência suspende-se o atendimento do público e é repelida com violência uma personagem de roupas estrambóticas, que alega em francês ser o único representante

Autorizado da República Federal Independente de Janubi, situada na costa sudoeste do lago de Sonalía, e que por um lapso do National Geographic aparece nos mapas com o nome de mar de Berenice.

Às nove e trinta e cinco minutos, o senhor ministro dos negócios estrangeiros compreende que está sozinho e que todos os que o rodeiam são uma caterva de inúteis. Por conseguinte, ordena como primeira medida o envio de uma oferenda floral ao monumento equestre ao general San Martín e telefona ao seu colega, o ministro da educação e cultura, para que ordene a concentração imediata de alunos e professores dos estabelecimentos escolares próximos daquela área.

Às onze e trinta e cinco, junto do pedestal do herói, há uns mil e duzentos educandos e meia centena de professores correctamente formados à espera da chegada do senhor encarregado de negócios da nação irmã, o qual foi surpreendido pela notícia na cadeira do dentista e de boca aberta por estar ainda quente a capa de ouro do incisivo esquerdo.

Às onze e cinquenta, hora protocolar, aparece no lugar dos factos o senhor encarregado de negócios, e, com palavras entrecortadas pela emoção, diz que este acto reafirma mais uma vez os laços indissolúveis que unem os nossos povos na sua marcha

para um amanhã melhor. A sua alocução provoca uma longa ovação por parte dos educandos, e o senhor encarregado de negócios olha com íntima inveja para os funcionários do protocolo chileno, que se lembraram, sabe-se lá por que diabo, deste dia memorável.

Segue-se no uso do estrado um funcionário do ministério dos negócios estrangeiros e invoca o heroísmo demonstrado por chilenos e argentinos na batalha que com tanta emoção estavam comemorando.

Os discursos são protocolarmente lacónicos, e conclui a cerimónia uma professora do «quarto de letras» do colégio Sarmento, que, com voz Fierro Melosa, lê uns versos do Martin. Depois, no meio das patas do cavalo heróico, são depositadas as oferendas florais e, num silêncio intimidante, ouvem-se os hinos das duas nações. Dão-se os últimos apertos de mãos, os carros oficiais retiram-se precedidos pelas sirenes da polícia, o orfeão sobe para o autocarro que o leva de regresso ao quartel, e os escolares ao parque.

Perspicaz funcionário que trouxera aquele quase olvidado facto histórico à memória do senhor ministro recebe um louvor na sua folha de serviços e será seguramente proposto para cargos de maior responsabilidade.

Entretanto, em frente de uma casa de um bairro popular de Santiago, uma família repete pela décima vez a cerimónia de içar o pavilhão argentino, já com a perícia de um coro polifónico na entoação do hino, porque tudo tem de estar bem preparado para o meio-dia, para quando chegar o irmão mais velho da sua viagem a Mendoza, com jeans kansas para todos e um long play do Gardel para o avô.

Pequena biografia de um grande deste mundo “*Não há razão para que as nossas histórias de hoje aconteçam agora.*”

Hünter Grass

Aquele comboio que se aproxima atravessando os pântanos, naquele comboio que ainda não podemos ver, mas sim pressentir nas maldições dos passageiros atacados por nuvens de mosquitos, naquele comboio, como sempre, vem a vida e a morte.

O senhor sabe, embora a sua atitude obstinada e ausente se negue a aceitá-lo, sabe, porque foi o senhor mesmo que mandou estender essa linha férrea que nos trouxe a desolação e que no seu ventre de aço nos levou a conhecer as desgraças de outras latitudes.

E eu falo-lhe, meu general, digo-lhe isto porque me encarregaram de o entreter a esta hora húmida da sesta até que chegue o comboio, pare, e os funcionários do governo desçam de lá com os papéis oficiais que nos dirão se o senhor é um herói ou um canalha. Mas o senhor não me ouve. O senhor insiste em permanecer de olhos cravados num ponto da rua, o senhor não me ouve e eu sei que está a olhar para o pedaço de lata azul que indica o nome da rua. Rua do rei dom Pedro. "Rei donde?" perguntaram uma vez uns aos outros os conselheiros municipais de serviço. A pátria teve sempre tantos heróis à espera nos arquivos do esquecimento, que teria bastado pegar num ao acaso para tornar contentes mouros e cristãos no baptismo de uma rua - por exemplo, esta mesma rua que começa nos bordéis contíguos à estação e acaba nas paredes brancas da cadeia.

Foi um rei castelhano, seus palermas. Encontram o nome em qualquer edição do almanaque Bristol." Bastou a indicação, meu general, para que os professores de história se apinhassem todas as tardes em frente da repartição dos correios à espera dos livros do chanceler López de Ayala, do conde de La Roca, Juan Antonio de Vera y Figueroa, livros que foram pondo em evidência a biografia terrível de um castelhano malvado que não se pôde ensinar aos alunos, e que porra esta, já tínhamos dado o nome dele à rua.

Com todo o respeito, meu general, tenho que dizer que o senhor me mete alguma pena com o seu aspecto de pássaro perdido.

Quando lhe abri a porta da cela para receber um pouco de luz do dia, o senhor ficou-se-me a olhar, assim como se quisesse encontrar uma resposta para o porquê daquele quartinho imundo em que o temos. Tenho a certeza de que se lembrou de outro quarto também escuro e a feder a ratos e a mijo de animais nocturnos, de outro quarto em que o prenderam precisamente no dia em que fazia quinze anos e estava cansado de vaguear pelos campos mendigando um pedaço de mandioca para enganar a fome.

Nesse quarto escuro o meteram, meu general, depois de muitas recriminações por ter deixado abandonado aos galináceos o cadáver de sua santa mãe. Quando lhe abriram a porta, um homem altivo apresentou-lhe cerimoniosamente os outros nove rapazes que olhavam para si desconfiados, que não podiam acreditar na elasticidade dos seus músculos rústicos, que gritavam: "olhem para o macaco! olhem para o macaco!"

De cada vez que o senhor trepava aos abacateiros do pátio para colher os melhores, os mais batidos pelo sol. Eram os outros,, meu general. Os que dormiam nos seus quartos frescos da casa grande, os que tinham as janelas devidamente protegidas contra o zumbido dos moscardos, os que descansavam por detrás do suspiro branco do mosquiteiro de tule que os isolava da peste dos aranhãos, malditos e diminutos insectos que de noite se metem entre os cabelos da cabeça e picam até os bons pensamentos. Pelo contrário, a si cabia-lhe dormir no quarto húmido que lhe arranjaram junto dos estábulos, porque o senhor, meu general, era um bastardo recolhido pelo senhor seu pai num rebate de consciência, semelhante ao que teve quando, depois de o espancar à paulada no mesmo lugar onde o surpreendeu perdido entre as mamas da cozinheira, o abraçou e, fitando-o fixamente nos olhos, lhe disse que tudo o que fazia era para seu bem. Que até aquelas chicotadas aplicadas com a vara da sua soberba de cavaleiro onnipotente, e que lhe deixaram as nádegas feitas em cardeal, eram para seu bem. Que compreendia que estava sentindo a necessidade de usar os atributos da virilidade, mas que de modo algum estava certo que começasse a atirar-se às fêmeas de serviço que ele abrigava em sua casa, e disse-lhe que o fogo dos primeiros anos é preciso saber medi-lo, porque, olha para mim, por exemplo, que num momento acalorado montei a que seria a tua santa mãe e a emprenhei sem querer. Tens de aprender que às mulheres do monte às vezes basta a gente olhá-las para as emprenhar, e não está certo começar a espalhar filhos por este mundo antes de saber assoar os ranhos.

E o senhor entendeu, meu general. Entendeu, entre outras coisas, que nesta vida há abismos que é melhor ignorar.

Entendeu que a sua pelagem de muar nunca conseguiria a docilidade do cabelo dos seus meios-irmãos, que a sua trunfa parda nunca conseguiria o brilho mate do sol

apanhado por momentos nos miradouros da casa. Entendeu que o seu coiro estava destinado a ter a lisura do tambor e a cor que as chuvas determinassem, mais as fomes por suportar. E, acima de tudo, o senhor entendeu, nas negativas risonhas das mulheres de serviço, que primeiro diziam não, não, bem vá lá, mas que seja à sombrinha, que era bom ter nas mãos e no sangue assegurados os rendimentos de um pequeno poder que se iria acrescentando com o passar dos anos e com a sabedoria das suas próprias decisões. Entendeu que esta vida é dos duros, meu general. Dos que abaixam a cabeça tanto quanto lhes é possível e escondem as mãos para que os outros não se defendam do rosário de ódios que lentamente se vai formando entre os dedos.

Tudo o senhor entendeu, meu general. E nesse quarto a feder a ratos e a mijo de um animal nocturno, o senhor esperou pacientemente que o senhor seu pai acabasse de cear, e, quando ele saiu para o seu costumado passeio digestivo na companhia dos cães, o senhor abordou-o e com todo o respeito disse-lhe que queria ser militar.

Parece-me que está a gostar que eu fale consigo, meu general. E tenho que o fazer, já que me encarregaram de o entreter enquanto esperamos por esse comboio que vem agora a atravessar os pântanos. O seu comboio, meu general. O mesmo comboio que a Company nos trouxe depois de o senhor se ter encarregado de calar a boca para sempre a todos os bandidos, poetas e professores primários que andavam por aí a chatear, dizendo em cada aldeia que a banana era a merda verde que emporcalhava as mesas dos pobres.

Ainda fumegam as fogueiras da memória, as mesmas em que o senhor mandou assar a fogo lento todos os ateus, os liberais, os que com discursos perturbadores se opunham ao progresso da pátria.

E assim se nos tornou militar, e dos bons. Tanto assim que uma manhã correu a pontapés todos os civis que conspiravam contra os interesses nacionais no palácio do comando, e disse que era preciso pôr ordem na cloaca, que se vira forçado a vestir as roupagens do poder e que seria por pouco tempo. E que tempos, meu general. Tempos festivos em que se ditavam solenes proclamações acompanhadas de fanfarras cívicas, convocando eleições democráticas, enquanto as mãos secretas do poder metiam subtilmente os objectos do património histórico debaixo da cama dos opositores. Os mesmos que mais tarde eram defenestrados pela população, pela chusma convenientemente inchada de valentia nas tabernas de sua propriedade. Pobres tipos, os opositores. Eram arrastados e pontapeados até faltar e, enquanto lhes restava boca, continuavam a jurar não saberem nada acerca dos óleos da imaculada Conceição, que haviam aparecido debaixo do tapete da casa de jantar numa rusga provocada pela santa ira do povo perante tão ímpio saque aos altares da pátria, porque tudo se pode roubar, porra, tudo menos a honra nacional, que não cabe em saco nenhum, como diziam os implacáveis fiscais do tribunal militar, antes de pedirem a pena máxima para os acusados, e a desonra pública mais a confiscação do seu património. Pena que não passava de uma macabra brincadeira sua, meu general, porque o que os cães não queriam já fora comido pelos galináceos do mangue, e dos acusados apenas restava o nome.

O senhor afirmou-se no comando e a nós não nos importava nada. Esse mesmo comboio que vem agora a atravessar os pântanos encarregava-se de o levar à cabeça do

seu exército impecável até territórios selvagens que nem sequer existiam na imaginação dos cartógrafos. O comboio passava cheio de trabalhadores e de varas de metal que prolongavam o progresso e regressava carregado de banana verde e de homens que, sem necessidade de qualquer música, não paravam de dançar a dança-de-são-vito, enlouquecidos pela febre e pela malária.

"Até onde vai chegar desta vez, meu general?", gritava-lhe a população concentrada na estação. E o senhor respondia-nos: "até à própria cidade perdida dos césaes, que tem o chão empedrado a oiro e o céu coalhado de esmeraldas maduras que caem quando sopram os bons ventos das mudanças astrológicas.

Vou regressar com a armadura de Ponce de León vestida. Hão-de ver, seus cabrões!", como o senhor nos falava, meu general, porra! da sua carruagem pessoal e acompanhado pelos misteres da Company, o senhor falava-nos e fazia-nos sonhar com a riqueza. Dizia-nos que, quando o comboio chegasse ao outro lado da floresta, teríamos de formar turnos para comer peixe dos dois oceanos em todas as sextas-feiras santas. Dizia-nos que teríamos uns pães tão grandes que era preciso desde já promulgar um decreto presidencial para lhes limitar o tamanho e para que pudessem entrar pelas portas das casas. Dizia-nos que teríamos tanto dinheiro que os meninos órfãos que cantam a lotaria retirariam previamente o número branco. E nós aplaudíamos, meu general, até que o seu comboio se perdia engolido pelo campo.

Lembra-se daquele dia em que o seu comboio regressou no meio de guinchos descompassados e na companhia dos místeres? O seu comboio, o que nos encheu as ruas de soldados que nos ajuntaram como bestas no meio da praça de armas para que o senhor nos dissesse que estávamos em guerra, que se acabava a festa e começava um tempo do caraças.

Num abrir e fechar de olhos, o senhor trocou-nos o som das guitarras por um coro de gritos lastimosos que lhe suplicavam, com bocas enegrecidas de ódio e pólvora: "deixe-me morrer de uma maldita vez, meu general, olhe que o obus me levou as duas pernas, a liberal e a conservadora, e agora não sou capaz de chegar a parte alguma. Olhe que estou todo borrado, meu general, pespegue-me um tiro aqui, no meio destes olhos que se apagaram muito antes de o conhecer no seu retrato das notas de cem pesos, dê-me essa honra, meu general., e o senhor respondendo: "não te faças de ferido, cabrão, que quem tem mãos ainda pode remexer a pissa".

E assim nos vestiu a todos de soldados, meu general.

O seu comboio foi equipado com uma carruagem de cirurgições que, de serra na mão, passavam revista aos moribundos e, em nome da pátria, iam aproveitando os membros que lhes pareciam utilizáveis. O comboio levava-nos inteiros até aos campos de discórdia e, no regresso, já não tínhamos a certeza de vir completos.

O comboio deixou de ser alegre para nós. As mulheres deixaram de esperar por ele para o senhor apadrinhar os sétimos filhos, como nos bons tempos, quando lhes pegava nos braços sem se importar se haviam sido legitimamente concebidos entre lençóis brancos ou se eram fruto dos desaforos do carnaval.

Lembra-se daquela manhã em que o comboio não se mexeu e o senhor ficou lá fechado, a esbofetear os engenheiros que lhe tinham fornecido mapas falsos? Foi esse o dia em que acordámos sitiados.

Não nos restava outra saída além da de invocar a sorte para nos tirar daquele mau bocado. E se o fizemos! Arrasámos os bosques e as plantações a fogo vivo. Arrasámos os trigais verdes e os bananais de mel, os bosques de eucaliptos para os tísicos e os pastos das vacas do poder. Arrasámos tudo. As chamas podiam ver-se dos dois oceanos e a fumaça enegreceu os rostos sacanas dos anjinhos do cabrão desse céu que nos abandonou. Arrasámos tudo com o fogo sagrado do patriotismo e semeámos todos os campos de trevo de quatro folhas.

Caçámos todos os coelhos e cortámos-lhes as quatro patas até deixar apenas milhões de bolinhas peludas e sangrentas que corriam em cima das orelhas, para que as tropas do meu general tivessem, não uma, mas quatro patas da boa sorte penduradas ao pescoço. Repartimos os escapulários oficiais do poder, que tinham estampas de todos os santos consignados no almanaque Bristol. Escapulários enormes que os mais hereges utilizavam como mantas, para se abafarem quando as febres do trópico se lhes metiam pelas entranhas. Por essa mesma altura, o senhor, meu general, sentado na poltrona do comando, promulgou o decreto presidencial em tempo de guerra que declarava cidadãos privilegiados todos os marrecos que se encontrassem em território nacional, com pensão vitalícia proporcional ao tamanho da marreca, e decretou ao mesmo tempo a expulsão imediata do país de todo o estrangeiro que não fosse corcunda. Em pouco tempo vimo-nos invadidos pela maior das emigrações de marrecos procedentes de todas as latitudes do sextante, invasão que aumentou com a chegada de milhares de estropiados quando o senhor, meu general, através de um novo decreto presidencial em tempo de guerra, ordenou que também eram cidadãos privilegiados os manetas que levantam as mãos contra os seus pais queridos, os coxos que transitam pelo caminho do mal, os cegos que cantam minha vida não me abandones com velhos acordeões e viram mais além do que é permitido nas ,sagradas escrituras, os desorelhados por ouvir mentiras dos ciganos, os gémeos colados pelas costas, que são filhos de primos que vivem em casas próximas, os sete-mesinhos, que são filhos de pais desconhecidos que amaram depressa de mais, e as mulheres tristes com nuvens galácticas nos olhos por suspirarem a olhar para o céu durante as festas de guarda.

Vieram, meu general. Vieram estropiados aos milhares.

Vieram tantos que a república sitiada se transformou num gigantesco dispensário de horrores para o privilégio. Um reino de horrores e mutilações. Um lugar onde estar inteiro constituía delito flagrante de traição à pátria. Um canto do mundo onde os ritmos dançavam tão descompassadamente que os músicos se enforcavam com as cordas dos violinos.

E a sorte respondeu-nos, meu general. Quando já estávamos desesperançados contemplando os erros inqualificáveis cometidos por Yamilet, a menina milagrosa de Talagante do Sul, que fez com que um cego não recuperasse a vista, mas que em compensação adquirisse uma prodigiosa velocidade de pernas e morresse em consequência da pancada que deu numa pedra que não conseguiu ver, e que fez com que um coxo não andasse direito, mas que pudesse ver o que se passava mais para além do horizonte e morresse atropelado pelo seu comboio militar enquanto contemplava feliz um trapezista que ia a atravessar as cataratas do Niágara a andar numa corda bamba e de olhos vendados. Nessas mesmas alturas de mágoas apareceu o senhor, meu general, de

novo acompanhado pelos místeres da Company, e disse-nos que era preciso trabalhar, carago, que já bastava de festas, que era preciso não sermos tão preguiçosos, que devíamos regressar aos bananais e denunciar imediatamente os provocadores que andavam por aí com a história de que tínhamos estado em guerra.

Desta maneira, meu general, todos aqueles episódios de hecatombe ficaram desterrados da memória imediata por obra e graça dos historiadores oficiais, escrivãos de Labita que faziam desaparecer as inscrições paroquiais, de tal maneira que, ó mulher, mas de que porra de morto é que me estás tu a falar? Se nunca nasceu, mal pode então ter falecido, mulher, são boatos inventados pelos traidores à pátria, chiça, as coisas que arranjam. E o senhor, meu general, esteve-se nas tintas para os barracões repletos de cadáveres à espera do comboio do inferno, assim como para as maldições das viúvas que juravam ter enterrado o seu homem com um par de pernas emprestadas que talvez lhe tivessem calhado muito bem para dançar o são-joãozinho, mas que sapateavam de uma forma aterradora nas noites sem lua, ou com um olho azul de marinheiro, que lhes ficava muito bem, mas que não deixava de pestanejar na memória.

O tempo foi passando, meu general. Vimos o senhor algumas vezes a atravessar os bananais na sua carruagem de comando. Mais tarde disseram-nos que andava pelo norte a armar guerrilhas, que os civis foragidos o haviam expulso a pontapés do palácio de comando. Depois chegaram-nos com o seu retrato de sempre, com a faixa dos presidentes a atravessar-lhe o peito, e na semana seguinte os agentes municipais arrancaram o seu retrato de todas as dependências públicas, lamentando que o papel fosse tão grosso e nem sequer servisse para limpar o cu, e por fim, ontem chegamos o senhor, meu general, desprovido de toda a autoridade resplandecente de outros tempos, a feder a mijo e a suor de mulas.

A estas horas, o seu comboio, meu general, já deve ter atravessado os pântanos. Já se pode ver como o povo vai despertando da sesta. Eu não durmo, meu general. Estou velho, como o senhor, e guardo o meu sono para a noite comprida da morte. Por isso me encarregaram de o acompanhar e de o entreter. Disseram-me também que tivesse cuidado, ah, sim, muito cuidado. E aqui estou, falando-lhe enquanto o senhor faz que não ouve e continua a olhar para o pedaço de lata azul com o nome da rua. Posso continuar a falar consigo. A minha missão é entretê-lo até chegar o comboio, mas o senhor, meu general, fique-me aí quietinho, olhe que tenho o bacamarte pronto, e se o senhor se me arma em esperto, com todo o respeito, meu general, eu carrego-lhe.

Já falta pouco. Já vai ver que daqui a poucos minutos o comboio pára, descem dele os funcionários com os papéis oficiais, que nos dirão se o senhor continua a ser um herói ou se, pelo contrário, acabou por nos sair um canalha.

O bibliotecário

"Sou Itzahuaxatin, o guarda das recordações e das perguntas, das razões e das dúvidas.

Trabalhei sem parar, sem ligar aos apelos do cansaço, do ruído dos ossos, do canto dos pássaros colocados pelo meu senhor Tecayehuatzin em gaiolas de ouro e finas pedrarias para ordenar o começo e o fim das jornadas de trabalho.

Esqueci a luz e as sombras. Transgredi o mandato dos deuses do sonho, os deuses menores, transcrevendo as recordações, as perguntas e as respostas que, depois

de ouvidas, se multiplicam no coração dos homens e no labor daqueles que as estampam com cores variegadas, em peles e lâminas de juta.

Viajei constantemente. Rasguei as minhas roupas e assim ando, apenas coberto pela pele do leopardo permitida pelo meu posto de conservador da memória do reino de Huexotingo, no claro vale de Tlaxcala. Em vão espero a voz que me detenha. Os deuses, por certo, nos terão abandonado. Moctezuma foi o primeiro e por isso o apedrejaram como a uma mulher sem vergonha.

Só há pouco, depois de uma das minhas viagens, abri as gaiolas para que os pássaros conhecessem a felicidade de voar, mas estavam todos mortos, asfixiados pela fumarada que se ergue de Huexotingo. A cidade arde entre lamentos que preferi ignorar para que a compaixão me não distraia da minha tarefa.

Em cada uma das minhas viagens transporto tudo quanto me permitem estas mesquinhas forças de ancião, e envergonho-me de reconhecer que não é muito. Tenho os braços finos. Outras foram as minhas guerras, e como desejo ter os músculos de um guerreiro asteca, o vigor que tantas vezes presenciei quando atacavam a cidade em busca de vítimas para os seus sacrifícios.

Depois dos assaltos, o meu senhor Tecayehuatzin chorava sem consolo durante vários dias, e nem as concubinas mais solícitas lhe conseguiam aplacar o pranto. Então chamava-me. A mim, Izahuaxatin, para que procurasse no meio dos arquivos o bálsamo dos poetas. Às vezes lia-lhe: são porventura verdadeiros os homens? Não serão uma invenção do nosso canto?" e às vezes as palavras conseguiam serená-lo, a respiração tornava-se-lhe compassada e o pranto dava precisamente lugar à ira. Uma verdade", ordenava-me ele.

E eu procurava nos arquivos de verdades, no meio dos milhares de livros ditados pelos poetas reunidos sob o abrigo do meu senhor Tecayehuatzin para dizer verdades imortais que consolassem o coração mais atribulado, os espíritos cobertos de chagas que se aproximavam de Huexotingo, a cidade da música e da poesia. E lia:

"Sabemos que só é verdadeiro o coração dos nossos amigos. Sabemos que só é verdadeiro o mandato dos sonhos."

O meu senhor concordava sem palavras e, sem abrir os olhos, com a nobre cabeça inclinada sobre o peito, estendia um braço apontando o lugar onde se ergueria o novo edifício para apagar o horror da tragédia.

Faço agora uma pausa. Apoio as costas numa parede de alabastro e sinto chegar-me aos sentidos o repugnante odor da carne chamuscada e do coral queimado.

Neste mesmo lugar em que descanso teve o meu senhor o sonho que me move. Foi numa tarde de tépida brisa, que subia do vale. Depois de ouvir os poetas falar das fatalidades, teve o meu senhor um sonho inquieto acaso motivado pelas palavras de Axahúantazol, o poeta cego: "a maior fatalidade é acabarem-se as palavras e a árvore ficar órfã de sons, sem ninguém poder anunciar o sabor dos seus frutos, as cores das suas folhas, a frescura da sua sombra.", assim falou o cego, e os demais poetas retiraram-se numa meditação dolorosa. O meu senhor caiu num sono profundo. Pouco depois acordou angustiado e de novo os convocou:

falou-me um quetzal de corpo vazio. Segurava-o Tlazaltéol, a deusa do amor, a que come os nossos excrementos para que possamos amar. A deusa tinha a boca cheia

de vísceras da ave. Não era capaz de falar, de modo que ordenou ao quetzal que o fizesse. Este bateu as asas, atirou-se a mim em voo picado e com o bico tirou-me o coração. Seguidamente obrigou-me a segui-lo até um fundo buraco. Ali o deixou cair, e ele mesmo se deixou cair morto."

Os poetas discutiram, e por fim deixaram que Axahuantazol interpretasse o sonho.

Tlazaltéol esvaziou o corpo do quetzal para que ele te amasse, mas a ave apropriou-se do teu coração sem doçura. Os deuses atraíam-nos, mas a ave guiou-te até um lugar onde o teu coração repousa a salvo das alimárias e guardado pelo pássaro mais nobre. E que é o teu coração, Tecayehuazin, senhor de Huexotingo?"

Às palavras do poeta cego sobreveio uma febril actividade. Em um lugar secreto do palácio das recordações e das perguntas, das razões e das dúvidas, das verdades e das fatalidades, iniciaram os escravos a escavação de uma galeria que conduz ao sopé da montanha. Ali se preparou a grande sala para ordenar os arquivos, as peles coloridas, as lâminas de juta.

Terminada a mansão, os punhais de obsidiana abriram os peitos dos escravos construtores e vazaram os olhos dos arquitectos. Foi o sangue deles que formou a argamassa dos alçapões que haverão de encerrá-la.

Tenho de continuar. Enfraquecem os músculos, queixam-se os ossos, as pernas não obedecem, insistem em subir degraus já depois de ter chegado ao chão. Mas tenho de continuar.

Transporto o coração do meu senhor Tecayehuatzin para as profundidades que o quetzal lhe indicara. Carreguei infinitas verdades, perguntas, razões. Transcrevi os motivos da serpente que engole o mar, a detalhada descrição de uma lavagem ocular, a génese circular dos deuses, as perguntas que geram a insónia, as verdades que levam ao delírio, a descrição do pássaro da felicidade cujo voo apenas se pode contemplar uma vez, as medidas da obscuridade, a mecânica que permite que o horizonte se coloque atrás das costas dos homens quando rodam a cabeça, e ainda me falta tanto! Mas tenho de prosseguir, tenho de continuar, até que as loiças desocupadas das prateleiras me indiquem que empreendo a última viagem.

O meu senhor Tecayehuatzin morreu. Morreram os poetas e os músicos, os sábios e os arquitectos, as mulheres e os eunucos. Morreram as crianças e os pássaros.

Depois do sonho do meu senhor soubemos que os estrangeiros descobriram a entrada para o vale de Tlaxcala. Os mesmos que causaram a humilhação de Moctezuma. "Um só deus têm", disseram os emissários atterrados. Que podíamos nós fazer para enfrentar esses que vivem na barbárie de adorar um só deus? E quantos deuses terá dizimado aquele deus para ser o único regente? Compreendemos o pavor dos nossos deuses, que nos abandonaram na sua fuga, e os braços actuaram certos reunindo madeiras, telas, tudo o que é inflamável, e, certas, actuaram as tochas multiplicando o fogo nos edifícios, como certas foram também as poções de despedida preparadas pelos sábios.

Ardeu Huexotingo. Os palácios ruíram entre lamentos de pedra e os corais são agora cinza de mar. Todos morreram. Menos eu. Todos morreram. Nenhum de nós se humilhará perante seres inferiores.

Tenho de prosseguir, tenho de continuar a transcrever os poucos arquivos que permanecem nas estantes, porque eu sou Itzahuaxatin, o conservador da memória e do tempo, eu que, quando decidir que o trabalho terminou, terei de deter-me à entrada da galeria que leva ao coração de Tecayehuatzin, senhor de Huexotingo e de Tlaxcala, e, aí nesse lugar, cravarei um pontiagudo estilete dourado no centro do meu peito, onde o deixarei sem lhe tocar, qual cobiçado apêndice do meu corpo. Estranha jóia que contemplarei enquanto aprisiono as mãos nas argolas salientes dos Pilares.

Quando vierem os estrangeiros para saquear este lugar sem idades e tentarem mover o meu corpo, ainda que seja pelo mínimo espaço de um cabelo, eles conhecerão a arte dos nossos arquitectos, os que calcularam o peso do meu corpo morto, e tudo ruirá como se nunca tivesse existido, e os meus ossos cansados serão os cimentos da eternidade do meu senhor, do meu povo, e de todas as palavras que se disseram e das que jamais se repetirão.

IMPREVISTOS

Mudança de rumo

Na terça-feira 17 de Maio de 1980 o comboio Antofagasta-Oruro saiu da estação chilena para uma viagem de rotina. A composição incluía um vagão-postal, outro de mercadorias e duas carruagens de passageiros, respectivamente de primeira e de segunda classe.

Iam muito poucos passageiros, e a maioria deles saiu em clama, a meio do longo caminho até à fronteira com a Bolívia. Os que ficaram, quatro na carruagem de primeira e oito na de segunda, prepararam-se para dormir estendidos nos assentos, agradavelmente embalados pelo balanço do comboio que com fatigada lentidão haveria de trepar os três mil e tantos metros até chegar aos pés do vulcão Ollagüe e à povoação do mesmo nome.

Ali, os passageiros que desejassem seguir viagem para Oruro tinham de apanhar um comboio boliviano, e o expresso Antofagasta-Oruro continuaria por mais uns cem quilómetros em território chileno até parar em Ujina, o término da viagem. A razão pela qual o expresso se chamava Antofagasta-Oruro, e não apenas Antofagasta-Ujina, é algo que nunca ninguém entendeu, e o mesmo se passa ainda hoje.

Era uma viagem aborrecida. A pampa do salitre morreu há muito tempo e as aldeias abandonadas até pelos fantasmas dos mineiros não constituíam espectáculo digno de menção. Até os guanacos, que às vezes enlanguesciam de tédio contemplando a passagem do comboio com uma expressão idiota, estavam aborrecidos. Vê-se um e já se viram todos.

E, assim, dormir a sono solto depois de esgotadas as garrafas de vinho e as conversas constituía a melhor perspectiva da viagem.

Na carruagem de primeira viajava um casal de recém-casados que desejavam conhecer a Bolívia - tinham a intenção de ir até Tiahuanaco -, um comerciante de panos com assuntos pendentes em Oruro, e um estudante de cabeleireiro que ganhara a passagem de ida e volta até Ujina num concurso da rádio. O futuro cabeleireiro viajava não muito convencido de um prémio como aquele recompensar com justiça o facto de ter respondido bem às vinte perguntas do concurso «o cinema e você».

Na carruagem de segunda tentavam dormir um boxeur da categoria dos meios-médios que daí a três dias ia enfrentar em Oruro o campeão amador boliviano da mesma categoria, o seu manager, o massagista e cinco irmãs da caridade. As freiras não pertenciam à delegação desportiva e ficavam em Ollagüe para uns exercícios de retiro espiritual.

O comboio levava dois maquinistas, o encarregado do vagão-postal e um revisor.

A locomotiva diesel arrastava a composição sem contratempos. Já tinham dezoito horas de viagem desde a saída de Antofagasta e ladeavam os primeiros farelhões que guardam o vulcão san Pedro e os seus quase seis mil metros de altura.

Mais umas cinco horas de viagem e entrariam em Ollagüe alvoroçando os morcegos dos campanários.

O maquinista aos comandos viu aparecer subitamente o banco de nevoeiro e não lhe deu importância. Os bancos de nevoeiro eram também pormenores rotineiros, mas, pelo sim pelo não, afrouxou o andamento. O outro maquinista dormitava sentado. Percebeu a manobra e abriu os olhos.

- Que se passa? Outra vez os guanacos?
- Névoa. Muito espessa.
- Não lhe dê mais.

A locomotiva entrou como um dardo no banco de nevoeiro e o maquinista descobriu uma coisa insólita. O raio de luz do reflector não perfurava a bruma. Desenhava-se redondo, como que projectado contra um muro cinzento e húmido.

Instintivamente, reduziu a marcha para o mínimo e o companheiro tornou a abrir os olhos.

- Que se passa?
- A névoa. Não se vê nada. Nunca vi na minha vida uma névoa tão espessa.
- Pois é. Será melhor parar a máquina.

E assim fizeram. O comboio retrocedeu uns centímetros e ficou imóvel.

O maquinista aos comandos abriu um janelo e deitou a cabeça de fora tentando olhar para o feixe de luz, mas não viu o vigoroso feixe de luz do farol. A verdade é que não viu absolutamente nada, e, alarmado, meteu outra vez a cabeça para dentro. Olhou para a frente e também não conseguiu ver o reflector aceso.

- Merda. Fundiu-se-nos a lâmpada.
- Que raio. Vamos mudá-la.

Pegaram numa nova lâmpada e saíram para a passarela com uma caixa de ferramentas. Os dois homens levavam lanternas na mão. O primeiro que saiu deu dois passos e parou. Pensou que a lanterna lhe tinha falhado. Mas, quando a virou para cima, verificou que estava acesa. A luz não conseguia trespassar a névoa, projectava-se alguns milímetros para além do vidro e morria.

- Sócio, estás aí?
- Estou, atrás de ti. Mas não te vejo.
- Isto está a meter-me cagaço. Dá-me a mão.

Tactearam na escuridão absoluta, deram as mãos e, com os corpos colados ao varandim da passarela, avançaram até ao reflector. Estava aceso. Ao passar a mão pelo

vidro de protecção, o poderoso feixe de luz tornava-a transparente, mas não conseguia penetrar nem um centímetro na névoa.

- Vamos voltar para trás. Não é preciso esperar mais.

De regresso à cabina de comando, o segundo maquinista accionou os interruptores do rádio para comunicar a paragem e o possível atraso à estação de Ollagüe.

- Gaita! Grandessíssima gaita!

- Que é agora?

- O rádio. Está morto. Não funciona.

- Só nos faltava essa. Que havemos de fazer?

- Esperar. E com paciência.

As horas começaram a correr lentas, como em todas as situações de incerteza. Deram as quatro da manhã, as seis, a hora prevista para chegar a Ollagüe, as sete, e completaram-se vinte e quatro horas desde que saíram de Antofagasta. A névoa continuava na mesma. Densa, tanto que impedia a passagem da luz diurna, a lacerante luminosidade do alvorecer andino.

- É preciso falar com os passageiros.

- De acordo. Mas vamos juntos.

De mãos dadas, os dois maquinistas desceram da locomotiva e, colando os corpos ao comboio, chegaram até ao vagão-postal. O encarregado alegrou-se quando os ouviu e uniu-se a eles a caminho da carruagem de primeira classe.

Subiram. O revisor, que se esganiçava a dar explicações ao fanqueiro, recebeu-os com alívio.

- Até quando é que vamos estar parados? Tenho à minha espera negócios importantes em Oruro - alegou o homem.

- Já pôs a cabeça de fora da janela? Não vê o nevoeiro que há lá fora? - Respondeu um dos maquinistas.

- E então? Os carris continuam no chão - acrescentou ele.

- Seja sensato. Os maquinistas sabem o que fazem - afirmou a recém-casada.

- Sócio, anda buscar os passageiros de segunda. É melhor estarem todos juntos.

O interpelado atravessou a outra carruagem, e os primeiros a aparecer foram o boxeur e os seus técnicos. O pugilista manteve a porta aberta para as freiras passarem.

Depois de uma curta discussão, que revelou que os recém-casados e o estudante de cabeleireiro eram os únicos do grupo dotados de paciência, puseram-se de acordo quanto à estratégia a seguir.

Segundo os cálculos dos maquinistas, estavam muito perto do vulcão san Pedro, num troço de curvas apertadas que desaconselhavam a mexer o comboio dali no meio daquele nevoeiro, mas também era possível que o banco de nevoeiro não fosse muito extenso. Talvez acabasse na próxima curva e, se assim fosse, estavam dispostos a retomar a marcha ao virar da curva. Mas antes tinham de ter a certeza, e portanto um voluntário teria de acompanhar um dos maquinistas na caminhada exploratória pelos carris. O boxeur ofereceu-se imediatamente argumentando que lhe viria bem a calhar um pouco de movimento.

Para não se verem obrigados a andar de mãos dadas, o boxeur e o segundo maquinista ataram-se pela cintura com uma corda, como os alpinistas, e puseram-se a caminho. Ainda não tinham dado um passo e já os passageiros que espreitavam à porta os haviam perdido de vista. Mas a ausência não durou por aí além. Arrastando o pugilista, que não percebia a decisão de regressar, o maquinista tornou a juntar-se ao grupo.

- Estamos em cima de uma ponte - disse o ferroviário.

- Quê? Mas em todo este trajecto não há uma única ponte! - Disse o outro.

- Sei isso tão bem como tu. Mas agora estamos em cima de uma ponte. Vem comigo.

Soltaram o boxeur e os dois maquinistas ataram-se com a corda.

Os homens não se viam. A humidade do nevoeiro tornava a respiração desagradável.

- Assenta os pés nas travessas. Vamos dar dois passos. Rápido. Agora tenta apoiar o pé no meio das travessas.

O outro ferroviário esteve quase a perder o equilíbrio. O pé atravessou a bruma sem encontrar resistência.

- Que porra. É verdade. Onde é que a gente está?

- Tens qualquer coisa pesada? Quero saber se há água lá em baixo.

- Percebo. Atenção. Vou atirar a lanterna.

Esperaram contendo a respiração todo o tempo que puderam, mas não ouviram o ruído esperado. Não ouviram ruído nenhum.

- Pois parece que é alto. Onde estamos nós?

Regressaram à carruagem e os seus rostos perplexos emudeceram os passageiros.

As freiras repartiram os restos de café que levavam em termos, o comerciante de panos passou revista à sua agenda de compromissos, os recém-casados deram as mãos, o boxeur pôs-se a passear nervosamente de uma ponta à outra da carruagem enquanto o manager jogava às damas com o massagista e o estudante de cabeleireiro puxou timidamente um rádio do bolso.

- Boa ideia! Ao menos há informação do tempo. São sete da manhã e é hora do noticiário - exclamou um dos maquinistas.

Juntaram-se em redor do rapaz e, efectivamente, ouviram o noticiário, primeiro com incredulidade, depois com inquietação, e por fim resignados perante a evidência.

O locutor falou do trágico descarrilamento do comboio Antofagasta-Oruro, que se dera na noite anterior nas proximidades do vulcão san Pedro. A composição, ao que parece devido a uma falha do sistema de travagem, saltara dos carris e caíra num precipício. Não havia sobreviventes, e entre as vítimas encontrava-se o conhecido desportista...

Olharam uns para os outros em silêncio. Nenhum deles cumpriria os seus planos nem chegaria a tempo aos encontros combinados. Outro convite imperscrutável e alheio à passagem do tempo chamava-os a passar para o outro lado da ponte, quando o nevoeiro levantasse.

Uma casa em Santiago

“Apertei os olhos com muita força para a reter, para a guardar dentro de mim, e depois abri-os bem abertos para me apresentar de novo diante do mundo.”

Osvaldo Soriano, la hora Sin Sombra

Tudo se passou muito rapidamente porque são assim as pressas do céu. Rompeu-se qualquer coisa no ar, as nuvens descarregaram a sua violência, e em poucos segundos o centro da avenida estava ensopado. De tal modo que apressei o passo em busca de um lugar onde me abrigasse, pensei em ir até à livraria El Cóndor, a única livraria latino-Americana de Zurique, de certeza que seria lá recebido pelo calor de Maria Moretti, que se precipitaria a tirar-me a gabardina e a oferecer-me uma grande chávena de café enquanto me secava a cabeça com uma toalha, mas o temporal aumentou e não tive outro remédio senão adoptar a atitude de frangos desesperados que caracteriza todos os peões surpreendidos por uma tempestade.

Então, por entre a cortina de água vi o letreiro colado a uma porta de vidro:

Exposição fotográfica de C. G. Hudson

Fachadas de casas

Entrei apenas obrigado pelo aguaceiro, e ao empurrar a porta estreita, pensei na quantidade de vezes que tinha passado por aquela rua sem dar pela existência daquela galeria, mas isso não me inquietou por aí além; é frequente abrirem e fecharem galerias de arte em Zurique, como em toda a parte.

As fotografias estavam penduradas num salão branco, a iluminação era óptima, e eu era o único visitante.

Em cima de uma mesa, os catálogos impressos com sobriedade davam pormenores da breve vida do fotógrafo: C. G. Hudson. Londres, 1947-1985. exposições individuais em Dublin, Nova Iorque, Paris, Toronto, Barcelona, Hamburgo, Buenos Aires...

À primeira vista as fotografias pareceram-me boas, embora esta apreciação não signifique nada. sabemos que o prazer ou o bem-estar que uma obra de arte proporciona provém de estados de alma que convergem por acaso.

A primeira fotografia mostrava o portal de uma casa veneziana no campo della Maddalena. As cores eram vivas, convidavam a apalpar a textura da pedra e a aspereza da madeira. Depois vinha a entrada de um casarão patricio da Maria Hilfe Strasse, em Viena. Seguiam-se-lhe uma grade bolorenta semiescondendo a fachada de uma villa romana, o perfil irreal e branco de uma casa em Creta (Aggios Nikolaos) e a pedra ativa e branda de um solar de campo catalão (Palau de santa Eulália).

De repente, entre o solar e um edifício estreito da rua dos relojoeiros de Basileia, a maltratada porta verde com a mão de bronze empunhando uma esfera.

Aproximei-me sentindo que a tristeza modelava uma máscara odiosa no meu rosto. Os passos levavam-me, não à fotografia de um lugar ou de um objecto conhecidos, mas a uma porta cujos interiores secretos me esperavam embrulhados na inclemência dos anos passados, na negação do tempo.

Era a casa. Reconheci o número vinte escrito num oval de latão azul. Por baixo das fotografias estava a legenda que dissipou qualquer possível dúvida:

«Casa de Santiago. Calle Ricantén».

Um frio desconhecido pôs-me as pernas a tremer, e um suor mais gélido ainda percorreu-me a espinha. Quis sentar-me, mas não encontrei onde fazê-lo, optei por despir a gabardina molhada e deixei-a no chão, junto da mesa dos catálogos.

«C. G. Hudson. Londres, 1947, 1985».

O fotógrafo morrera poucos anos antes e eu sentia a imperiosa necessidade de falar com alguém, com um empregado, com o director da galeria, com uma pessoa qualquer que me desse informações acerca dele, e que sobretudo me ajudasse a averiguar quando é que ele tirara aquela fotografia.

Vi uma porta que supus dar para o escritório do encarregado, chamei e, não obtendo resposta, girei o puxador e empurrei devagarinho. Do outro lado numa sala cheia de cartazes e utensílios de limpeza, uma mulher escondeu envergonhada o seu termo de café.

- Desculpe, não a quis assustar. Pode dizer-me a que horas chega o responsável da exposição? Sou jornalista e gostava de lhe fazer umas perguntas...

Respondeu-me que o dono da galeria costumava ir da parte da tarde, uma meia hora antes de fechar, que ela se encarregava da limpeza e que só estava à espera de que o aguaceiro amainasse.

Deixei a mulher e regressei para junto da fotografia.

Como não havia mais ninguém na sala atrevi-me a acender um cigarro. O tabaco conseguiu tranquilizar-me. Eu não tremia, mas a iminência de se fechar um círculo que eu julgava felizmente esquecido fez-me sentir infeliz.

Era a casa. E, entre ela e eu, o tempo, e mais qualquer coisa.

O amarelo desbotado da parede, o verde agressivo e de caserna da porta, e a rígida mão de bronze empunhando uma esfera eram manchas vergonhosas na estética dos outros portais fotografados, mas aquela fealdade intencional transportou-me para um cheiro de ladrilhos lavados que já quase não morava na minha memória, porque a alquimia da felicidade depende da correcta mistura dos esquecimentos.

Era uma tarde de verão quando passei os umbrais daquela casa. Essa é a única certeza que me resta. Lembro-me. Ia acompanhado do Tino e do Beto. Éramos o trio inseparável, os devoradores de lombinhos e de madrugada, os bebedores noviços de amor e do vinho tinto seco e áspero das piores tabernas, os senhores ingênuos dos bailes e da noite.

Em cada fim-de-semana se nos punha uma questão de honra: ser convidados para um baile, para uma festa, para uma paródia e, sendo possível, contar também com um trio de amigas novas para esgotar com elas longas horas de música e palavras cochichadas ao ouvido.

Os melhores programas era o Beto quase sempre a propô-los. O seu emprego como leitor de contadores na companhia da electricidade permitia-lhe conhecer muita gente, e assim nos arranjava convites para baptizados, aniversários, bodas de prata e outras celebrações familiares.

O Beto... e, diga-me, não se importa que eu apareça com dois amigos? São dois rapazes muito sérios, de boas famílias e somos como irmãos, sabe?, como os três mosqueteiros, um por todos e todos por correr tudo bem. São muito bons rapazes.

Foi um sábado de verão. Santiago rescendia a acácias, a jardins acabados de regar, a ladrilhos passados à mangueira convocando a frescura dos crepúsculos daquela «cidade rodeada de símbolos de inverno», e nós cheirávamos aglostora, aos esguichos de lavanda inglesa que perfumavam os nossos lenços, porque, como fazia notar o Tino, as mulheres estão sempre a pedir lenços.

O Tino... mas a pau, compadres. Sempre atentos. Amáveis também, mas nada de paixões. Só os tansos é que se deixam agarrar e, se não acreditam em mim, olhem para o Mañungo. Dantes acompanhava-nos para toda a parte, até que se deixou agarrar, todo ternurinhas, e agora anda como um gato à roda do talho...

Não. Não nos apaixonávamos. Essa era uma curva perigosa que evitávamos com toda a nossa vontade, porque se isso

Acontecesse a um, quebrava-se a unidade do grupo. E mulheres há muitas, ao passo que amigos...

Um sábado, um verão, o Beto e o Tino.

- Betinho, onde é a coisa?

- Na calle Ricantén, e promete.

- Garinas?

- Eu vi duas que são de mastigar.

- Fazes-me o nó da gravata, Betinho?

- Ao ataque. Mas ó Tino, que fedor a benzina! Ainda te limpam as calças com benzina? Claro, como são de casimira. Tudo isso é antediluviano, meu velho. Tens de usar roupa de terilene. O terilene lava-se e está sempre impecável, como se tivesse sido acabado de passar a ferro.

- Está bem, Betinho. Terilene. Vamos?

Pelo caminho abastecemos-nos de cigarros. Libertys para nós e frescos para as raparigas, que naquele tempo preferiam mentolados. Comprámos além disso a habitual garrafa de aguardente de pisco para os donos da casa, um cartão de honorabilidade que nos evitava ser incluídos na lista dos penduras.

Ricantén, número vinte. A porta era verde de caserna. Era enquadrada por uma parede amarela de tinta a cair e, na parte superior, tinha uma mão de bronze empunhando uma esfera.

O Beto fez as apresentações da praxe, deixámo-nos presentear com uns copinhos de ponche louvando a mão da dona da casa, examinámos o pessoal e poucos minutos depois já éramos chefes do baile. Luís Dimas, Palito Ortega, The Ramblers; Leo Dan. E aplaudíamos os velhos quando arremetiam com um pasodoble ou com um tango.

Lá para a meia-noite a partilha dos pares já estava feita. O Beto com Amália, que não largou um só momento, e o Tino com Sarita, uma rapariga de óculos que lhe traduzia em voz baixa as letras das canções em inglês. Eu invejava-os, aborrecido por dançar com meninas atrevidas de meias abaixo do joelho ou com a dona da casa, e já me resignava a ser o perdedor da noite.

Segundo os regulamentos do grupo, o perdedor era condenado a convidar para uma rodada de lombinhos e cerveja na fonte alemã. Estava eu a fazer as contas ao dinheiro que tinha

Quando apareceu Isabel, pedindo desculpa por chegar tarde.

Bastou-me vê-la para ficar sem fôlego. Nunca mais - e não sei se terei algum motivo para me congratular com isso - tornei a ver uns olhos como os dela. Mais que olhar, pareciam atrair, sugar a luz de tudo aquilo que percorriam, alimentando as suas pupilas de um resplendor húmido e misterioso.

- Vamos dançar? - Convidei eu.

- Ainda não. Queres sentar-te um bocadinho?

No sofá não tirava os olhos de cima de mim. Parecia estudar e medir as minhas reacções antes de aceitar uma aproximação maior. Eu sentia-me um idiota. Nem mesmo o clássico "estudas ou trabalhas?...", me saía da boca e, finalmente, como cúmulo da originalidade, perguntei-lhe se por acaso sabia dançar.

O brilho dos seus olhos aumentou. Sem dizer uma palavra, levantou-se, foi até ao gira-discos, interrompeu Buddy Ard e a sua balada da tristeza, pôs um novo disco com ritmos centro-americanos e, perante a surpresa de todos, equilibrou em cima da cabeça um jarro de ponche e começou a dançar com um prodigioso arquear de ancas e de ombros sem entornar uma gota.

Depois de deixar o jarro e de agradecer os aplausos, voltou para o meu lado.

- Então? Achas que sei dançar?

As horas seguintes passaram-se sem eu dar por elas. Dançávamos e eu descobria uma dimensão desconhecida na linguagem dos corpos. Sentia que verdadeiramente se deixava conduzir, que nela não era uma pura formalidade, antes desejava que a levasse por caminhos de súbitas aproximações e temporários distanciamentos. Deixava-se atrair sem resistência até se colar ao meu corpo. Numa volta da dança abriu-me o casaco para me encostar os seios pequenos e duros à camisa. Então apertei-a mais e, nas voltas prolongadas pelo balancear das suas ancas felinas, enfiei uma perna no meio das suas até sentir o contacto vulcânico do ponto em que se juntavam. Ela deixava-me actuar, deixava-se levar, atrair, com uma complacência que realçava com subtis gemidos e com os dedos cravados no meu ombro.

Quando numa aproximação percebeu a erecção que me avolumava as calças e colou o ventre ao meu corpo, senti que me subia como uma aranha até à cabeça o pensamento: "estás pronta, garina, garina assanhada, estás pronta", mas qualquer coisa superior me meteu vergonha. Então sacudi a cabeça, e aranha-pensamento caiu e, numa volta da dança, esmaguei-a debaixo de um sapato.

As horas passavam pertinazes e eu só queria continuar abraçado a Isabel, sem falar, girando um blues enquanto Charles perguntava quem havia do outro lado da sua cegueira,

Mas ninguém lhe respondia porque a união dos nossos corpos e dos nossos hábitos nos fazia esquecer todas as palavras, todos os idiomas.

Dançávamos de olhos fechados quando os convidados mais velhos começaram a abandonar discretamente a festa, e os donos da casa não tardaram a atrever-se a interromper o "Summertime" de Janis Joplin para nos dar a entender que já era muito tarde, que estavam cansados, que muito obrigado por terem vindo, e, com aquela diplomacia brutal dos santiaguenses, declaravam que cabaça, cabacinha, cada um para a sua casinha.

Não foi fácil separar-nos.

- Vemo-nos amanhã? - Dei comigo a implorar.

- Não posso. No próximo sábado.

- Que é que tens que fazer? Então depois de amanhã.

- Não faças perguntas. Não gosto de perguntas. Sábado.

- Está bem. Vamos ao cinema?

- Ótimo. Vem buscar-me às sete.

Saímos para a rua para completar o ritual de despedida.

Uns metros afastados, o Tino e Sarita, o Beto e Amália deixavam-se envolver pela brisa nocturna. Vendo que se beijavam, colados como lapas, achei conveniente que nos afastássemos uns passos. Quis beijá-la mas detive-me.

- Não. Nós somos diferentes. Voltamos a casa e eu dou-te algo melhor que um beijo.

Entrámos novamente. A sala estava quase às escuras. Cheirava a tabaco, a aguardente, a restos de ponche, a música gasta. Isabel fechou a porta.

- Vira as costas e não te voltes até eu dizer.

Diante da escuridão assaltou-me pela primeira vez a certeza do medo. Um medo inexplicável. Um medo cujo território começava na ponta dos sapatos e se prolongava até à beira de um abismo que a minha lógica precoce tentava negar.

- Agora volta-te.

Quando me voltei senti que um milhão de formigas me subiam pela pele. Isabel estava estendida em cima do sofá e as formigas eram pesadas e gordas. Tinha puxado o vestido até aos ombros cobrindo a cara e as formigas apoderavam-se-me do pescoço. Estava nua, e as malditas formigas asfixiavam-me.

Na semipenumbra distingui-lhe o brilho da pele, os seios pequenos violentamente empinados, coroados por dois botões escuros. Entre as pernas oferecia-me um triângulo de ténue musgo, sobre o qual caía, como um orvalho, o feixe de luz que se insinuava da rua. Eu continha a respiração para que as formigas me deixassem em paz.

- Vem - sussurrou ela ondulando as ancas.

De joelhos, deixei que a firme determinação das mãos dela, segurando-me na cabeça, vencesse o desejo de me precipitar. Deixei-me conduzir como numa viagem aérea. Isabel prendia-me a cabeça apenas permitindo que lhe aflorasse a pele com os lábios, e assim me levou desde os ombros aos seios, e do ventre aos definitivos hemisférios dos quadris. Eu era um ditoso argonauta à espera da ordem de descer no lugar exacto.

As mãos dela manobraram com decisão. Nem uma brisa se interpôs na minha descida sobre o vale de vegetações onduladas que culminava na senda das suas pernas abertas para que os meus lábios buscassem a harmónica ocupação antes de provar os desconhecidos sabores da sua boca vertical e secreta. E quis entrar nela. O desejo tapou cada um dos meus poros e determinou o ritmo do coração e dos pulmões para que nada estorvasse a língua exploradora que abria caminho para um mar de prazer em que queria mergulhar, para depois nadar para cima, porque intuía que a felicidade se encontrava do outro lado daquela cavidade humedecida pelos seus movimentos e pelas minhas

carícias. Queria entrar nela, entrar como num lugar que criasse. Talvez naquele momento tenha começado a saber que o amor é uma ingénua tentativa de nascer outra vez.

- Gostas de mim? - Perguntou ela de repente.

- Amo-te - respondi eu apropriando-me pela primeira vez do verbo.

- Então vem no sábado e ainda me amarás mais - garantiu levantando-se num enérgico salto.

O vestido caiu-lhe sobre o corpo com um movimento de cascata que arrasou as últimas formigas.

Saí da casa flutuando num ar leve. Os meus pensamentos eram uma mistura de sabores, luzes, cores, aromas, melodias. Charles Aznavour repetia Isabel, Isabel, Isabel, porque eu lho ordenava, e a certeza de saber que o mar morto é tão salgado que os corpos não conseguem ir ao fundo contribuía para a minha felicidade. Sentia frio, calor, medo, alegria, tudo junto e ao mesmo tempo.

O Tino e o Beto estavam à minha espera na esquina e também se notava que estavam felizes. Não paravam de brincar e de dar palmadinhas nas costas um do outro.

- Que tal iriam umas Pilsener? - Propôs o Beto.

- Que é que a água faz ao peixe? - Respondeu o Tino.

- De acordo. Eu convido - acrescentei eu.

Os dois pegaram-me pelos braços e obrigaram-me a correr no meio deles.

- Então? Larga. Que tal a despedida da zabelinha? - Perguntaram em coro.

- Não sejam imbecis - respondi eu libertando-me.

Continuámos a andar em silêncio. Eu ofendido com eles, e eles comigo. Por sorte não tardámos a encontrar um bar aberto e a ronda de cervejas encarregou-se de apagar toda a aspereza.

Santiago. Quantos anos passaram? Santiago. Estás aí ainda, cidade, entre os morros e o mar, rodeada de símbolos de inverno"?

Levar vida regalada, fazer conquistas não era em si tão importante como poder comentar isso com os amigos. O Tino e o Beto falavam das suas recentes proezas.

- Viram? De entrada, olhos nos olhos, e KO.

- Deve ser do terilene, Betinho.

- A sério. Eu tenho o meu estilo. O Marlon Brando é um pé comparado comigo.

- Bem, já que falas de estilo, olha que o meu também não é de terceira ordem.

Na primeira dança dei-me conta de que os gelados da Sarita se derretiam por este peito abaixo.

Eu ouvia-os em silêncio. Não podia nem queria falar-lhes de Isabel. Pela primeira vez descobria o valor do silêncio. A palavra intimidade batia-me na boca e de boa vontade aceitava o castigo.

Eles faziam planos para o dia seguinte. Tinham combinado juntar-se com as raparigas para o mesmo de sempre: cinema, cachorros quentes no Bahamondes, um

copo no Chez Henry, e depois o passeiozinho sob as sombras cúmplices do morro Santa Lucía, «tão culpado de noite e tão inocente de dia».

O domingo foi insuportável. Estive todo o dia em cuecas e fechado num mutismo que deixou os meus velhos pasmados. À tarde vi passar os meus amigos a caminho dos seus encontros, fiquei roído de inveja e acabei fechado a ler um romance de Marcial Lafuente Estefania, se fosse a ti não fazia isso, forasteiro, ciente de que os seus vaqueiros não conseguiriam afastar-me de Isabel.

Domingo, segunda, terça. A semana passou-se com uma lentidão desesperante. As horas de aulas prolongavam-se até extremos insuportáveis e as tardes a fumar parados na esquina perderam o seu encanto.

A esquina. A nossa esquina. Os degraus do talho, o nosso pequeno anfiteatro de empedrado gasto, onde, insensíveis, tantas vezes presenciámos o espectáculo dos sonhos quebrados pela vida diária, ou revimos o nosso próprio repertório de recordações frescas para um público de cães amistosos, ou de garotos a teimar que queriam ser como nós. A esquina alumiada por um candeeiro de iluminação pública que projectava as nossas sombras de répteis fugazes até as fazer cair pelo mesmo esgoto que levava as pontas de cigarro para um mundo escuro, subterrâneo, e nem por isso menos nosso. A esquina. Aquele lugar marcado mil e uma vezes pela nossa presença de machos precoces. A esquina. Sala de comandos, mesa de operações, roleta, confessionário daquela trindade de pássaros que não conseguiam prever a catástrofe que espera pelo fim dos primeiros voos, não serviu para mitigar a crescente ansiedade de pele e encontro, até que por fim chegou a manhã do tão esperado sábado.

A primeira coisa que fiz foi ir ao barbeiro.

«Caceres - estilista de cavalheiros. Corte e barba».

- À americana, em redondo e patilhas bem marcadas, por favor.

«Ao estilista Caceres. Diploma de honra. Primeiro concurso internacional de cabeleireiros. Mendoza. Argentina».

- E a poupa? Como quer a poupa? À Elvis?

«Ao estilista Caceres, com amizade. Nino Lardy, a voz chilena do tango».

- Não uso poupa. Penteio-me com fixador, lisinho, percebe?

«Caceres massagem capilar garantida não há calvo que me resista».

Engraxei os sapatos até o cabedal cantar como um canário.

Vesti-me com esmero. Pus de empréstimo a melhor gravata do meu velho, que me observava do retiro espiritual da sua análise hípica, e envolvido num aroma de lavanda inglesa lancei-me ao encontro de Isabel.

Ia nervoso. No miniautocarro notei que algumas mulheres se viravam quando eu passava e murmuravam à socapa.

De certeza que a mão se me excedeu com a lavanda, mas com o ar sai. E se alguém tiver a ideia de me chamar maricas a cheirar a puta, parto-lhe o focinho. «Sem espinhas.», Na mesma loja em que o fizéramos no sábado anterior, comprei cigarros e, pouco antes de chegar à calle Ricantén, aproveitei os espelhos de uma montra para rever o nó da gravata e o penteado. Estava impecável, e assim marchei à procura do número vinte.

Catorze, dezasseis, dezoito, vinte... vinte?

Debaixo do número vinte encontrei uma casa cinzenta com as paredes gretadas pelo último tremor de terra. Uma casa com guarda-vento à inglesa e janelas protegidas por barrotes de ferro.

Pensei que me tinha enganado na rua. Era possível, não estava no meu bairro, e retrocedi até à esquina para ler o letreiro de latão.

Calle Ricantén. Que diabo se estava a passar?

Veio-me depois à ideia que talvez na minha ansiedade tivesse confundido o número: era o cento e vinte, isto é, um quarteirão mais acima, e caminhei rapidamente sem me preocupar com o suor que ameaçava arruinar-me o penteado e o colarinho.

Sob o número cento e vinte também não estava a casa amarela, a porta verde de caserna e a mão de bronze empunhando uma esfera.

Também não a encontrei no duzentos e vinte, e a seguir acabava a rua.

Não estava a perceber nada. Queria amaldiçoar, insultar, chorar, dar pontapés no semáforo, gritar que algo ou alguém estava a divertir-se à minha custa, e assim, afrouxei o nó da gravata, desapertei o colarinho e pespeguei-me em frente da casa com o número vinte.

Toquei e uma velha de evidente mau humor abriu a porta, deixando apenas o espaço necessário para enfiar a cabeça.

- Desculpe, vive aqui uma menina chamada Isabel?

A velha negou secamente e fechou a porta.

Cheguei a esbofetear a própria cara para ver se recuperava a realidade perdida. A realidade era a casa que não estava, os vizinhos puxando de cadeirinhas de verga e de mesas baixinhas para disputarem partidas de bisca debaixo das acácias. A realidade era a ausência das paredes amarelas, da porta verde-caserna e da mão de bronze empunhando uma esfera, todos esses pormenores que num lugar qualquer do mundo estavam inutilmente à espera da minha chamada.

Não posso precisar quantas vezes percorri a rua espreitando pelas janelas, tentando reconhecer o salão da festa, os candeeiros, o sofá onde Isabel estendera a negligente promessa da minha felicidade, fumando sem parar, até que um nó na garganta e o maço vazio crepitando numa mão me indicaram que o mais sensato era aceitar a derrota e regressar a casa.

Foi o que fiz, e para não ostentar o fracasso diante dos meus velhos entrei no primeiro cinema que me apareceu no caminho.

Voltei para casa muito tarde. Entrei sem acender as luzes e fechei-me no quarto. Não era capaz de dormir. Precisava de rever tudo uma e outra vez, a ver se encontrava uma resposta.

Lá para as duas da manhã ouvi as notas do nosso assobio-chave. Eram o Tino e o Beto que regressavam de uma festa com novas conquistas para o dia seguinte. Chamavam-me para partilhar os seus triunfos e para eu lhes contar o meu, embora tivessem considerado o encontro com Isabel uma pequena traição aos interesses do grupo.

Deixei que a chamada se repetisse duas vezes antes de sair.

- Está cansado o grande homem? A zabelinha tirou-te o sumo? - Perguntou o Beto.

- Vamos até à esquina. Não quero acordar os velhos.
- Essa cara de segunda-feira... não me digas que te deixou ali plantado - inquiriu o Tino.

- Impossível. O encontro era em casa - acrescentou o Beto.
- Eu conto-lhes se prometerem não me gozarem. Não me apetece ser material de gozo.

Na esquina sentámo-nos nos degraus do talho. O Beto ofereceu uma rodada de cigarros.

- Pronto. Desembucha. Que é que aconteceu? - Perguntou o Tino.
- Nada. Não aconteceu nada. Nada.
- Nada como? - Insistiram em coro.

Pela primeira vez senti que não gostava deles, que não precisava deles e que a minha derrota era pessoal, íntima. A grande derrota do avançado que perde a grande penalidade decisiva no minuto noventa.

- Nada. Ou seja..., porra..., nada. Não encontrei a casa. Perdi-me. Enganei-me na direcção. Sei lá.

Ficámos os três em silêncio. Só se ouvia o chupar dos cigarros e amaldiçoava-me por lhes ter dito a verdade.

- Ouve lá, mas era muito fácil. Ricantén, número vinte - indicou o Beto.
- Tens a certeza? Era essa a rua?
- Claro, meu velho. Na semana passada fomos juntos. Juntos procurámos a casa e juntos a encontrámos. Olha, vamos reconstruir o cenário do crime: descemos do miniautocarro no cruzamento do Portugal com a dez de Julho. Na esquina comprámos beatas e a habitual, depois caminhámos uns quarteirões e já lá estávamos. Além disso a calle Ricantén é muito curta - acabou de especificar o Beto.

- Eu fiz o mesmo e não encontrei a casa. Com o número vinte havia outra.
- Um momento. Os que já tiveram meningite e não recuperam de todo pedem uma pausa informativa. Tu lembras-te de como era a casa? - Perguntou o Tino.

- Qual casa, a de agora?
- Não, poa. A casa da festa.
- Amarela cor de caca, com uma porta verde e uma aldraba de bronze.
- E que diabo encontraste tu hoje?
- Uma casa cinzenta cor de rato, com guarda-vento.

O Beto ofereceu outra rodada de cigarros, enquanto o Tino, sustendo o riso, começou a cantarolar «tem grelinhos, tem grelinhos no quintal, já não como mais grelinhos que me podem fazer mal».

Fiz menção de me levantar, mas o Beto segurou-me por um braço e mandou o Tino calar-se.

- Sem te aborreceres, meu velho. Tomaste uns aperitivos antes de sair?
- Não perguntes parvoíces!

Houve outro longo silêncio apenas interrompido pelo chupar dos cigarros ou pela passagem de um ou outro automóvel na avenida próxima. O Tino juntava as cinzas na ponta de um sapato.

- Bem. Às vezes acontece uma pessoa fazer confusões, enganar-se, ir para um lado em vez de...

- Mas eu não me enganei! Estive na calle Ricantén. Li cinquenta vezes o letreiro com o nome. Corri-a de ponta a ponta dos dois lados e em parte nenhuma encontrei a casa.

- Tem calma. Enganaste-te. Entraste noutra rua, possivelmente com um nome parecido. A mim também já me aconteceu isso em bairros que não conheço. Não esquentes mais a cabeça - aconselhou o Beto.

- Não me enganei, repito. Ou julgam que tenho um parafuso a menos?

- Uma casa não desaparece de uma semana para a outra. E se a tivessem demolido, pelo menos estaria o chão. Ponhamos também de parte os tremores de terra, pois, que eu saiba, na última semana não tivemos nenhum - ironizou o Tino.

- Vão à merda.

- Estás a fazer-te difícil, ó rapazinho. O melhor é ficarmos por aqui e consultar o travesseiro - cortou o Beto.

Deixaram-me sozinho, sentado nos degraus do talho.

Ali permaneci agarrando a cabeça com as duas mãos, até que a presença de uns gatos a cheirar-me as calças indicou a proximidade da alvorada. Atirei-lhes uns pontapés que não acertaram no alvo, os gatos olharam para mim com desprezo e decidi que o melhor era regressar a casa.

Dormi até já depois do meio-dia, até que me despertaram os assobios do Tino, mas neguei-me a sair, declarando-me doente. Almocei na cama a odiosa e clássica canja que a minha mãe preparava como complemento insubstituível do facto de se estar doente, e durante a tarde consegui afastar a espiral de pensamentos atormentados graças à ajuda quadriculada da charada dominical de El Mercurio.

Na segunda declarei-me curado, fui às aulas e nos dias seguintes fiz algumas tentativas de ir até à casa perdida, mas detive-me sempre antes de chegar à calle Ricantén. Tinha medo. Um medo confuso de verificar que a casa existia e que no sábado me tinha perdido quem sabe em que misteriosos despenhadeiros da cidade. Mas sentia muito mais medo de alcançar a certeza da inexistência daquela casa e de que tudo o que se passara antes, o baile, Isabel, o sabor do seu corpo, as formigas, o desejo, fizessem parte de uma maquinação incompreensível.

O meu medo foi aumentado por um sonho.

Acho que foi na noite de quarta-feira que sonhei que chegava a casa para o almoço e via a minha mãe pôr só três talheres na mesa.

"O pai não vem almoçar?"

"Quem?"

"O pai. Pergunto se ele não vem almoçar."

"Estás enganado. Nesta casa sempre fomos só três. O teu irmão, tu e eu."

"Não é verdade. O pai estava aqui connosco ontem à noite a jantar. O lugar dele é ali, ao pé do rádio."

"Estás a delirar. Sempre fomos três nesta casa."

Tremia perante a ideia de que a casa perdida fosse o início de uma série de desaparecimentos, e ao ver o lalo, o tontinho, o maluco do bairro, o mocetão anafado, de

idade imprecisa, que andava de boca aberta e olhar perdido, sem fazer caso das moscas que disputavam as suas babas nem dos insultos e das pedras que os garotos lhe atiravam, perguntava a mim mesmo se a sua loucura não teria começado também com um paraíso perdido que o pobre idiota continuava incessantemente a procurar.

Só na sexta-feira tornei a ver os meus amigos ou, melhor dito, eles vieram ver-me.

- Somos portadores de boas novas. O Betinho encontrou um certo passarinho. Estás a topar? - Disse o Tino à maneira de saudação.

- A Isabel?

- É correcta a resposta do concorrente! Ganha uma batateira! - Exclamaram eles, e moeram-me as costas de palmadas.

- Pronto. Castigo aceite. Soltem a língua.

- Arre. Só assim? Sem anestesia? Estás a ver, Tino? Julga-se o Speedy González. Dizemos-te as novidades com três condições. Primeira: não há nada potável nesta casa?

Como sempre, a licoreira do meu velho pagou as favas. Saí do quarto e regresssei com uma garrafa de aguardente de pisco e copos.

- Lamento dizer que acabaram os limões e terão de beber a sangue-frio. Como é que continua a chantagem? - Exportação. Como o teu velho sofre, como ele se castiga! - O Tino louvava a aguardente dando estalos com a língua.

- Segunda, como dizem os gulosos. Tens de reconhecer fidalgamente que és mais otário que o tipo a quem arrancaram os tomates, porque caso contrário teríamos de acreditar que as casas se esfumam, se perdem, são levadas pelos homenzinhos verdes, enfim, só isto, zás, e desaparecem.

Riam tanto que acabaram por me contagiar.

- Concorro. Enganei-me. Sou um parvalhão e meio. Se calhar preciso de óculos ou de uma bússola.

- Uma brúxula? Uma vélhula sentádula numa vassourula? - Guinchou o Beto.

- Eu acho que lhe peguei os resultados da meningite - disse o Tino.

Estávamos a suar de tanto rir, e eu sentia que gostava deles, que precisava deles. Eram meus amigos. Meus irmãos.

- Desembuchem de uma vez, seus imbecis de primeira.

- Sem ofensas. Estamos entre cavalheiros. A terceira condição é que não marques mais encontros aos sábados, a não ser que te decidas a violar os regulamentos do clube da malta.

- Prometido. Os sábados são do clube.

- Como se sofre com estes pagamentos! De beber e chorar por mais, a cachacinha! Anda, Betinho, conta-lhe como, onde e quando a viste. Não vês a cara de martírio dele?

- Com calma. Não quero ser responsável por um enfarte.

- Para que ouças: dei com ela de caras no arco Fernández Concha, no preciso momento em que me dirigia ao Ravera com a intenção de comer uma pizza, vocês sabem, aquela contribuição culinária dos italianos composta de massa, queijo e tomate.

- E orégãos - assinalou o Tino.

- Não me digas. Também levam orégãos?
- Claro. Para dar aroma.
- Ora vê como se está sempre a aprender.
- Mete a pizza no cu.

- Paciência. Com paciência e cuspinho é que o elefante comeu uma formiguinha. Posso continuar? Não me deu sequer tempo para a cumprimentar, perguntou logo por ti, e, ouve bem, rapazinho: ela não sabe que faltaste ao encontro, bem, por causa daquilo que sabemos. Não pôde ficar à tua espera em casa porque a obrigaram a ir visitar um parente que está doente. Esses parentes verbos de encher deviam ser todos mortos. Perguntou-me se não estarias aborrecido e respondi-lhe naturalmente que sim, que odeias gente que não cumpre o que promete, os que deixam o próximo plantado numa esquina com um ramo de flores e cara de peixe. Não te digo nada, meu velho. Derreteu-se em desculpas. Até deixou cair um par de lágrimas enormes e pediu-me que te dissesse que te espera este sábado à mesma hora - e sabes o que eu respondi? Lamento, zabelinha, mas parece-me que ele tem um compromisso inadiável para sábado... a garina empalideceu, mas insistiu propondo o domingo. Então eu enchi o peito de ar e falei-lhe com voz de catedrático: "zabelinha, o domingo é um dia que consagramos ao desporto. Já percebeu que nós somos muito saudáveis, não é?,

Muito desportistas; mas de qualquer modo eu digo-lhe, quem sabe se não poderá arranjar um bocadinho para ir vê-la." Felizardo de merda! que é que fizeste àquela garina? e agora segura as calças, que vem aí a parte mais dramática: escutou-me atentamente, pegou-me nas mãos e com os olhos banhados em lágrimas suplicou-me, suplicou-me, meu velho!, tão dolorosamente que me senti meio envergonhado por causa dos olhares que me lançavam os transeuntes. Até podiam ser de quem pensava que eu estava a fazer mal à garina. Suplicou-me: "diga-lhe que o espero no domingo à hora a que puder, às cinco, às sete, ou mais tarde. Não ponho um pé fora de casa. Por favor diga-lhe que vá.", Estás a ouvir? então como é que eu me portei?

Tirei a garrafa das mãos do Tino e enchi os copos.

- Porra que és um bom chato, Betinho! Cantaste-lhas! À vossa saúde, compadres!

- Mas desta vez aponta bem a direcção. Ricantén, número vinte, meu imbecilóide! - Disseram eles em coro, e foram-se embora.

Quando somos jovens confiamos nas correntes lógicas, e naquele momento senti que a minha reunia de novo todos os elos. Passei o resto do tempo contando as horas que me separavam de Isabel. Revi mentalmente várias vezes o caminho que me levaria a ela, até à comprovação de que não era um imbecil. Havia de lá chegar. Desta vez chegaria.

"Ora vejamos. Tomo o miniautocarro na esquina da Vivaceta com a Rivera, na paragem dos que vão para o centro. Primeiro pormenor importante. Comigo lá dentro, o miniautocarro avança até à calle Pinto, vira à esquerda e segue um caminho

A direito de quatro quarteirões passando em frente de farmácias, bicas de água gasosa, tascas, fábricas de gelados e a loja de sabões de don Pepe, o espanhol que fica

aborrecido de cada vez que alguém entra na sua baiúca. Don Pepe, meio litro de cloro. Chica, não são horas de vir comprar meio litro de cloro. Don Pepe, uma barra de sabão. Bebe o copinho. Chiça, e não me deixam ouvir em paz a porra da zarzuela das quintas-feiras. Don Pepe. Outro pormenor importante.

Passada a loja de sabões, chego à avenida independência e se quiser, posso descer aí, mas é melhor continuar mais uns quarteirões e descer em frente da igreja dos carmelitas. Desço.

Pormenor importante. Sigo a pé na direcção da cordilheira atravessando a pérgola das flores, ando depressa contendo a respiração para não contagiar o meu amor com odores de morte. Ao chegar à avenida Recoleta paro em frente do quartel dos bombeiros. Espero e subo para um miniautocarro da carreira portugal-el salto que vá para o sul. Pormenor importante. Comigo lá dentro, o miniautocarro atravessa o centro da cidade pela calle Mac Iver. Ao chegar à alameda, diante da biblioteca nacional, vira à esquerda e posso ver os jardins do morro Santa Lucía e a pedra da carta de don Pedro Valdivia. Tudo isso ficará para trás quando o miniautocarro virar para o sul pela calle Portugal. Por alturas do setecentos, toco a campainha, aquele curioso mecanismo composto por uma campainha de bicicleta e um cabo que vai de uma ponta à outra do veículo. Desço na esquina da dez de Julho. Pormenor importante. Ando para trás um quarteirão em direcção ao norte e depois ando dois para o poente. E pronto, terei chegado. No número vinte da calle Ricantén encontrarei a casa amarela, a porta verde e a mão de bronze empunhando uma esfera. Toco três vezes e será a Isabel a abrir. Isabel. Mais tarde hei-de contar-lhe o que aconteceu. Mais tarde. Ao sair do cinema Gran Palace. Lawrence da Arábia, acho que é o que lá vai. O Gran Palace. Aquele cinema tão bonito e tão fresco, com as paredes decoradas com sputniks que parecem flutuar no cosmos durante o jogo de luzes que antecede o espectáculo. Ou talvez não lhe conte nunca. Seria estúpido. Não ia acreditar. Ou então talvez conte depois de estarmos casados. Casados? Calma, rapaz. Irei casar com a Isabel? Calma, rapaz. Calma. É claro que primeiro tenho de terminar os estudos. Que acharão o Tino e o Beto? Vou casar, compadres, chegou a hora em que morrem os valentes e queremos que vocês sejam os padrinhos. Isabel. Que mimo de festa a gente há-de fazer. Calma, rapaz. Casar? Se calhar é verdade o que o Tino afirma e só os tansos se deixam agarrar. Serei eu um tanso? E que me importa isso?"

O domingo surpreendeu-me acordado muito antes do alvorecer e, à hora do pequeno-almoço, não parava de falar, para surpresa dos meus velhos.

- Calma. Podes cortar um dedo com a faca - aconselhou o meu velho enquanto abríamos as amêijoas dominicais.

Devorava-as uma após outra sem deixar de fazer comentários sobre como estavam boas e frescas. As amêijoas retorciam-se ao receber as gotas de limão.

- É de dor - disse a minha mãe, inimiga dos mariscos crus.

- Ora, ora. Até gostam. Olha como dançam - teimava eu.

Os velhos olhavam um para o outro, faziam comentários acerca das febres dos dezoito anos, e o meu irmão mais novo lamentava ter um cretino na família.

Pelas cinco da tarde acordei da sesta. O calor amainara um pouco, os velhos e o meu irmão devoravam uma melancia debaixo da latada, enquanto eu espalhava em cima da cama os atavios de cavalheiro galante, isto é, o uniforme de chileno.

As calças cinzento-escuras impecavelmente passadas, a camisa branca com esticadores enfiados nas pontas do colarinho, o casaco azul-marinho, e a gravata oxford, um presente recente do meu tio Aurélio e que, segundo as suas palavras, me tornava mais elegante que um cavalo de corrida. Tudo se completava com sapatos reluzentes e com os três lenços da praxe:

O branco, perfumado, no bolso superior do casaco, dobrado de modo a mostrar três pontas vistosas e que estava sempre à disposição das damas, o da algibeira esquerda das calças, que era pessoal, para os ranhos, e finalmente o da algibeira de trás, que servia de reserva, para sacudir o pó dos assentos, ou para realçar o brilho dos sapatos.

- Os encontros de domingo são graves - disse-me o meu velho metendo-me uma nota no bolso.

- Não venhas tarde. Amanhã tens aulas - lembrou a minha mãe, sempre realista.

O percurso efectuou-se como o imaginara, quarteirão após quarteirão, pormenor após pormenor, até que desci do miniautocarro no cruzamento da Portugal com a dez de Julho. Então vi o estrangeiro.

Era um tipo de comprida cabeleira loira e pele muito pálida, que, com os seus jeans desbotados e a sua jaqueta,

Me pareceu terrivelmente mal vestido. Trazia pendurado ao ombro um saco de fotógrafo.

Na esquina, à espera de que o semáforo autorizasse a passagem, coloquei-me atrás dele e vi-o enxugar o suor com um lenço amarrado. Atravessámos a rua e vi-o entrar na mesma lojinha onde eu pensava comprar cigarros, e por isso segui-o. Num espanhol entrecortado de dúvidas pediu cigarros sem filtro.

- De que marca? - Perguntou o empregado.

- Não sei. Dos mais fortes - disse ele.

- Dê-lhe libertys, são os melhores - intrometi-me eu.

O estrangeiro agradeceu-me com um gesto, recebeu os cigarros e levou as mãos aos bolsos. Passados uns segundos pediu desculpa por não encontrar o dinheiro e então pôs o saco em cima do balcão. Abriu-o. Lá dentro estavam duas máquinas fotográficas. Pegou numa pequena pasta que continha papéis e fotografias e procurou até encontrar umas notas. Pagou e, quando ia a meter a pastinha outra vez dentro do saco, caiu uma fotografia ao chão. Inclinei-me para a apanhar.

Era Isabel, ou parte dela. Reconheci-lhe o vestido, as pernas, os braços e o sofá onde estava sentada: era o mesmo em que estendera para mim a mais doce das promessas. Era Isabel embora se lhe não visse a cara, velada por uma mancha de luz. Devolvi-lhe a fotografia e saímos juntos da loja.

Na rua, reparei que lhe tremiam as mãos e que era incapaz de acender um cigarro. Dei-lhe lume e aceitei uma das suas beatas. Começámos a andar quase ombro com ombro.

- Tu... como se diz?..., conheces estes sítios?

- Pouco. Muito pouco. Que rua procuras?
- Que rua? Eh..., Ricantén..., é esse o nome.
- Ricantén. Eu também vou para lá.
- Que bom. Então vamos juntos.
- Vais ver a rapariga da fotografia, não é?
- Tu... tu... conheces?

Será que eu a conhecia? Conservava o seu aroma, o seu sabor mais secreto metido em mim, as formas do seu corpo, a sua voz. O seu convite a ser feliz, mas será que a conhecia?

- Chama-se Isabel.

- Olha..., temos que falar... tu e eu temos que falar, percebes? - Disse ele enxugando o suor da testa.

- Vais dizer-me que procuras uma casa amarela com uma porta verde.

- Pois é! Conheces a casa? Não me digas que conheces a casa!

- Com uma mão de bronze empunhando uma esfera.

Então o estrangeiro levou as mãos à cara. Depois, baixou-as e havia algo de suplicante no seu olhar.

- Olha... vamos juntos..., é ridículo mas...

- Tens medo de não encontrar a casa.

O estrangeiro tentou agarrar-me pelas bandas do casaco, mas fui mais rápido e fugi. Fugi. Corri tanto quanto as pernas mo permitiam. E por fim, extenuado, sentei-me na banqueta de um engraxador. Tinha os sapatos limpos, mas deixei que o homem os besuntasse rogando que o seu trabalho durasse horas.

Era qualquer coisa que se quebrava. Delicadamente, qualquer coisa se partia. Uma mão invisível trabalhava no meu rosto, modelando a máscara definitiva que haveria de encontrar em todos os espelhos.

O engraxador deu uma pancada nas solas, indicando que tinha terminado. Paguei e des preocupadamente pus-me a andar em direcção à calle Ricantén.

A casa cinzenta, o guarda-vento de tipo inglês, a campainha e o seu gasto mamilo de baquelite não me surpreenderam. Passei só uma vez em frente da porta e depois fui andando ao acaso até encontrar um cinema.

Revolta na Bounty. Enquanto Marlon Brando ganhava o amor de Tarita, eu ocupava uma cadeira da fila da frente para garantir o meu isolamento, e ali chorei o primeiro pranto de homem, pressentindo que se me estava abrindo um caminho infestado de dúvidas, fracassos, efémeras felicidades, os materiais da catástrofe que, contudo, tornam possível a odiosa fragilidade do ser. Chorei suavemente, quase metodicamente, com um pranto que me mostrava em visão retrospectiva um caminho de dezoito anos percorrido de surpresa em surpresa e ao qual nunca mais regressaria. Chorei com um pranto que misturava a primeira dor do que não pôde ser com a obstinada felicidade do belo que teria sido, na superfície branca e perfumada do lenço.

Não tornei a ver os meus amigos. O assobio-chave, o chamamento do Tino e do Beto, repetiu-se durante várias noites, mas neguei-me a sair. De manhã saía de casa muito cedo e regressava o mais tarde possível. O assobio tornou-se cada vez mais ténue, fraco, enfasiado, até que desapareceu, substituído pelo ar do Outono, pelas brumas do

inverno, pelos ruídos dos automóveis, pelas vozes das crianças que cresciam e se apoderavam da rua e da esquina.

Houve ocasiões em que os vi sair juntos de um ou outro bar, mas furtei-me ao encontro, afastando-me.

Com a sucessão vertiginosa dos calendários chegaram novos amigos, novas formas de alegrar as noites e de esgotar o tédio. Às vezes, ao passar pela esquina - pela nossa esquina - os degraus do talho doíam-me como um morto recente. Mas depressa me esquecia. Muito depressa. Os cavalos desiludidos não olham para os lados do caminho.

Sim. Era aquela casa.

Olhava para a fotografia e pensava no patético laconismo da biografia de C. G. Hudson.

Terá Hudson tirado a fotografia da primeira vez que viu a casa? Ou tê-lo-á feito depois do nosso efémero encontro? O Tino e o Beto ter-se-ão encontrado outra vez com as raparigas da festa? E os donos da casa? E Isabel? Foi tudo uma brincadeira de deuses aborrecidos? Terá Hudson feito a fotografia antes de entrar pela segunda vez naquela casa sentindo que devia deixar um testemunho? Terá sido Isabel a mais bela negação dos sonhos?

A mulher da limpeza libertou-me do poço autista dizendo-me que o encarregado da galeria não morava longe e que, se era importante para mim, ela podia levar-me até lá.

Agradei-lhe dizendo que não era preciso, que me bastava a informação do catálogo.

A gabardina continuava ensopada. Pu-la em cima dos ombros e saí para a rua. Já não chovia. O céu de Zurique mostrava-se diáfano e transparente. Tinha a mesma nitidez da fotografia de Hudson, que ao cabo de tantos anos me entregou uma desculpa, não sei, nem quero saber, se da felicidade ou da desgraça, por me ter enviado um convite porventura excessivamente apressado, ou talvez para um destinatário errado.

Rolandbar

Eu nunca soube da sua história. Um dia nasci ali, simplesmente. O velho porto modelou a minha infância. Com rosto de fria indiferença.

O cargueiro lançou amarras no cais quando o sol invernosco escorregava como uma nódoa de azeite e os turistas se aborreciam da inutilidade das suas kodaks. Os gonzos deixaram de se lamentar enquanto o trabalhador do porto deu o nó final no cabo de amarração.

- Então foi assim?

- Por assim dizer. Pedimos outra garrafa?

Os marinheiros panamianos sabiam o caminho para a praça Echaurren e, embora nenhum deles pensasse entrar na casa dos sete espelhos, a verdade é que sentiam como a terra lhes fazia cócegas entre as pernas.

- Vou bem por aqui?

- Sim, garanhão. Felicidades.

O capitão fumava na coberta. Escutava ausente as instruções do piloto. Por fim, bocejando, assinou o recibo que este lhe estendera.

- Então foi assim?

- Acho que foi. Mas tens de falar de mim. Diz que eu percebi que não tinha mais nada a fazer naquela casa. Diz que os olhares desdenhosos tinham desaparecido com o alvorecer e que o salão fedia a tabaco e a suor. O gira-discos continuava a girar com um som magnético francamente desagradável. Tentei lembrar-me rigorosamente de tudo o que tinha acontecido, mas uma dor aguda no olho esquerdo obrigou-me a levantar e, meio tonto, ainda fui até à casa de banho. Quando passei diante do quarto da Rosa, pude vê-la. Tinham deixado a porta entreaberta e consegui distinguir-lhe o rosto suado. Vi também um braço que lhe rodeava as costas. Um braço forte, peludo, um arco de escuras algas marinhas. Parei diante do espelho e vi a minha cara arroxeadada pelos muros. Os lábios inchados, o cabelo em desordem, com algumas crostas de sangue pegadas. Soube mais uma vez que tinha perdido o meu lugar naquela casa. "Está velho, mas dá com força.", foi o que pensei.

E Alberto tinha razão. O negro dava com força e conhecia todas as artimanhas de um bom lutador. O negro tinha muitos anos de porto às costas, muitos anos atrás de grades que quadriculavam os raios de sol, muitos anos a mastigar rancor e a puxar pela vingança.

- O espelho devolveu-te uma imagem derrotada, mas tranquila. A verdade é que a conta estava saldada e para vocês dois acabava-se finalmente o longo tempo de espera. Ou estarei enganado?

- Pois é. Eu pensava no caso. No caso. Aqui há uns anos ia eu vagueando uma tarde nas vizinhanças da Quintero quando vi de repente que estavam a atirar de um barco uns sacos à deriva. Esperei até escurecer, despi-me e nadei ao encontro dos volumes. Eram uns sacos de lona impermeável e lá dentro havia centenas de pacotes de cigarros americanos. Um tesouro, amigo, e eu sabia muito bem quem era o dono.

No porto não há segredos. O negro não teve grandes dificuldades em averiguar o nome do ladrão e enfrentou-o poucos dias depois perto da calheta do Membrillo. "Você ficou com uma coisa minha, ó sócio", foi tudo quanto o negro foi capaz de dizer.

Alberto fora mais rápido na resposta. Tinha-lhe enfiado o aço até ao punho e sentido na mão o calor do sangue do negro, que caiu à procura de uma palavra que não podia encontrar.

- O negro foi interrogado na clínica, mas não disse nem uma palavra. O problema é que numa algibeira lhe encontraram cinco gramas de neve, da melhor, da pura, branca, ainda não misturada, e juro-lhe, camarada, que não fui eu quem lá a meteu. A coca nunca foi o meu negócio.

- Então quem foi?

- Sei lá. Os próprios chuis, para o terem na mão e o obrigarem a cantar sobre a candonga.

- Em que é que ias a pensar quando saíste daquela casa?

- Nele. Nele, que ocupava o meu lugar na cama, e no cheirinho da Rosa, no cheirinho dos lençóis. "Que te faça bom proveito, ó velhinho", pensei. "No fim de contas acabaste por mamar cinco anos de cana."

- Não pensavas no alemão?

- Não.

Para Hans Schneider fora o seu cruzeiro número vinte e um pelas águas do pacífico sul. Como de costume, a sua primeira saudação foi para as gaivotas que poisaram junto da pia da cozinha. O alemão gostava de Valparaíso. Dizia sempre que era a sua última viagem, que lançava amarras e casava com uma das raparigas do Roland, mas tornava sempre a dar consigo na coberta no momento de zarpar, agitando a mão branca, enchendo os olhos de morros e de gatos.

Quando o negro entrou no Rolandbar, os fregueses estavam agrupados debaixo da roda do leme do S. S. Holmurd, que servia de candeeiro. O homem sentia no sangue uma velha paixão ressuscitada, e com razão. Cinco anos de prisão eram motivo de sobra. As fêmeas metidas furtivamente nos compartimentos não eram mais que sexo acorrentado. O negro estava à procura da Rosa. Tinha necessidade dos seus seios ainda duros na memória, dos seus lábios carnudos, da sua alegria de dança, da sua fidelidade tão especial, quando dela precisava.

Encontrou um enxame de marinheiros panamianos que denunciavam a sua origem ao som de ritmos tropicais, e alguns rufiões forasteiros.

- Onde é que se encontraram a Rosa e o alemão?

- No Herzog. Como sempre.

O velho hotel de sempre. Subiram para o quarto. A mulher despiu-se sem palavras e, quando viu aquela carne tão conhecida, o alemão afagou-a e disse-lhe que era tarde, que se sentia cansado, que queria apenas dormir umas horas acompanhado.

A mulher compreendeu e puxou para si a cabeça do alemão. O cheiro a laca enjoou-o, mas abraçou-a, e adormeceram.

- Vi-o mal entrei no Roland. Estava de costas a conversar com os panamianos. Quis ir-me embora, mas alguma coisa mais forte que o medo me disse que havia chegado o momento. Não se pode viver sempre à espera. Procurei na bolsa do meu saco e a frialdade da Solingen fez-me sentir protegido.

Naquele momento entraram a Rosa e o alemão. Vinham abraçados e não deram nem pela minha presença nem pela do negro. Sentaram-se no canto escuro dos salva-vidas. O negro aproximou-se deles a passos lentos. Não disse nada. A única coisa que fez foi parar diante deles.

"Negro, saíste!", exclamou a Rosa.

"Hans Schneider fez menção de se retirar, sabia da história do homem, mas este conteve-o.

"Fique, ó amigo. Eu sei que você é um homem bom.

"Pediram vinho e beberam sem mais palavras. A Rosa acariciava um braço do negro."

- E tu? Que fizeste?

- Fui também até à mesa. "Aqui estou eu," foi tudo o que disse.

"Estou a ver", respondeu o homem. "Parece-me que você e eu temos umas contas a ajustar.

"Certo. Pague-se, se quiser. Mas antes quero esclarecê-lo que não fui eu que lhe meteu a coca. Não gosto de trazer às costas os mortos dos outros.

"Isso também eu sei.

"E então?

"Temos tempo. A noite é comprida. Às vezes pode durar cinco anos."

Alberto tinha dado um passo atrás. Um raio de aço atravessou o ar rarefeito e a atmosfera tingiu-se de vermelho. Sobre a superfície hedionda do soalho de tábuas ouvia-se a respiração entrecortada de Hans Schneider. Aparara com o peito a única punhalada que cortou o ar da noite, e que num abrir e fechar de olhos torceu o seu destino original.

Alberto empunhava a navalha. Olhou para o negro com ódio e ia erguê-la outra vez, mas já era tarde. Os punhos do homem caíram-lhe sobre a cara tantas vezes que ao soltar a arma tinha um ninho de vespas na cabeça e estava à espera da entrada do aço em qualquer ponto do corpo.

- Mas não se passou nada. Acordei na cadeira, todo dorido e admirado de estar vivo.

- Em que é que ias a pensar mais quando saíste daquela casa?

- Numa frase. Homicídio casual. E ao mesmo tempo: cinco anos e, como não tenho antecedentes, soltam-me ao fim de três.

Alberto dirigira-se para a esquadra; pelo caminho comprou um jornal, cigarros, uma escova de dentes e, ao passar pelo porto, não se surpreendeu com a multidão de homens que estavam à espera junto do cargueiro. No porto não há segredos. A cidade inteira de Valparaíso sabia já que no barco panamiano havia uma vaga.

Quando não tiveres um sítio para chorar

Mas os meus deuses são fracos e duvidei.

Antonio Cisneros

*Quando não tiveres um sítio para chorar, lembra-te das minhas palavras e
vai a casa da mãe Antónia.*

É muito fácil dar com ela; basta indagares entre os homens do cais e, sem mais preâmbulos, logo te dirão como hás-de chegar ao velho casarão de madeira.

É provável que o portal te surpreenda e te faça sentir confuso. Hás-de pensar que te enganaste e que estás diante da casa do arcebispo, mas não pares, segue em frente, atravessa o guarda-vento ignorando os rostos andróginos dos querubins que enfeitam as paredes e toca uma vez só à campainha do albergue. Serás atendido por um ser vindo das profundas.

É, desde logo, um homem estranho. Nos bares do porto costumam dizer que um eléctrico lhe cortou as pernas quando ia a fugir de um marido ciumento e que, rastejando, foi desaguar a sua tragédia a casa da mãe Antónia. Diz-se também que esta se compadeceu do meio-homem agonizante e que, depois de pagar

A cauterização dos cotos, lhe mandou fabricar uma tarimba com um complicado sistema de molas que o arranca ao sono com o ruído da campainha e que o põe direito como a um boneco de meter medo. São muitas as coisas que se dizem no bar do porto, mas bem sabes como é a língua dos estivadores.

O meio-homem puxará de um maltratado livro de registo. Nele anotarás o teu nome, idade, ocupação conhecida, e acabará por perguntar o motivo do pranto. Se esse motivo não for para ti completamente claro, ou se o não tiveres, não te preocupes. Parte

do serviço da casa é proporcionar bons motivos para chorar aos gritos ou em silêncio. E isso fica inteiramente à tua escolha.

O meio-homem saltará para um carrinho e levar-te-á por um corredor escuro até encontrares uma porta aberta. Verás que no quarto há uma cama, uma cadeira e um espelho.

Hás-de sentir-te nervoso, isso é mais que certo, mas tens de confiar, confiar na mãe Antónia é que é importante. Serás atacado por um incontível desejo de fugir e, quando o quiseres fazer, verás que o limiar da porta está ocupado por uma mulher gorda, enorme, de dimensões tais que mal consegue passar para dentro do quarto.

Sem dizer palavra avançará ofegante ao teu encontro, vai empurrar-te para a cama, atirar-se para cima de ti e beijar-te na boca introduzindo a língua até às tuas amígdalas. Quando sentires que te ataca o primeiro aperto, ela deita-se ao lado e começa a despir-se sem deixar de olhar para ti. Não te assustes. Olhará para ti com ódio. Com um ódio incontível que lhe aumentará os arquejos. Ela é a mãe Antónia.

Verás uma desordem de carnes escuras. Um universo de mamas grandes como abóboras, mamilos quase tão volumosos como um punho fechado, um tonel donde nascem duas pernas imensamente grossas e, entre elas, debaixo de pregas de gordura, conseguirás ver o velo ralo de um púbis secreto.

Verificarás também que aquela massa de carne está em permanente movimento, que bastaria um bom punhal para abrir aquela bolsa e espalhar aquele ser gelatinoso por todo o quarto. Não dirá nem uma palavra. Apenas gemerá enquanto te assedia, e depois uivará como os lobos, retorcendo-se numa desaforada cerimónia de convite para o seu corpo.

Hás-de sentir-te encurralado, e lá do teu lugar o quarto tem

Quatro esquinas e não interessas a que escolheres para te refugiares, porque a verás suar, gotejar incansavelmente, ouvirás que de entre as pernas dela provém um som de sapos rebentados, ver-lhe-ás os olhos brancos, a língua de proporções inenarráveis pendendo-lhe dos lábios e, pelo ranger dos dentes, verificarás a dimensão dos seus orgasmos, e saberás que ela é incansável ao ver como a sua mão direita vai e vem perdendo-se-lhe entre as pernas.

Serás então tu a gemer, acobardado diante da tua própria excitação, mas não te preocupes, lembra-te que nada é obsceno se provém do desejo.

Arremessarás as tuas roupas em desordem e lançar-te-ás sobre aquele corpanzil, ofegando também como um cão. Terás a sensação de seres submergido por toda aquela carne suada e quente. Beijarás, morderás, procurando magoar, causar dor, dor que liberte, baterás com o teu sexo à procura do orifício secreto, enganar-te-ás sentindo que o instrumento, desajeitado e cego, arremete e se esvazia sem conseguir satisfazer o teu desejo crescente. Hás-de querer alguma coisa mais, a maldita alguma coisa mais da vergonha, há-de lembrar-te de que tens língua e, ao tentar introduzi-la entre as duas colunas das suas pernas, a mãe Antónia há-de atirar-te para o lado, porque a estorvas com a avalanche de prazer onanista que se aproxima.

Agora sim, pões-te de pé aterrado, agora sim enojado. Buscarás a tua imagem no espelho, mas esta nunca aparecerá. Só a mãe Antónia existirá na sua lua, só o seu corpanzil gemebundo, afogado aqui e além na sua própria saliva.

Vais vestir-te à pressa, tentar abrir a porta descobrindo que está fechada por fora, gritarás chamando pelo meio-homem para te tirar dali, vais oferecer-lhe dinheiro, o teu relógio de pulso, tudo o que tens em cima em troca de te abrir a porta, mas os gritos da mãe Antónia serão mais poderosos que os teus, e sem dares por isso estarás a chorar, de joelhos, arranhando a superfície de madeira.

Chorarás ignorando o tempo. Passarás do choro frenético ao choro pausado e quase silencioso do inocente, e, quando estiveres cansado, virarás a cabeça descobrindo que a mãe Antónia está vestida, sentada na cama, a olhar para ti compadecidamente. Agora vais chorar de vergonha, ela vai chamar-te para o seu lado e vai afagar-te a cabeça, assoar-te os ranhos, secar-te as babas, perguntar-te se já te sentes melhor, ou se preferes chorar outra vez. Se decidires repetir, não te preocupes, seja como for é oferta da casa proporcionar à saída uma gota de limão em cada olho e um cubinho de gelo para desinchar as pálpebras.

“My favorite things”

Está tranquilamente sentado contemplando a imobilidade da tarde. Jogando a adivinhar reflexos de água na janela, cintilações de luz exterior que se infiltram entre as plantas, olhando às vezes para o relógio sem a mínima intenção de descobrir o momento exacto em que se encontra porque, simplesmente, tanto faz.

Nada há mais imóvel que a tarde, com a sua rotina de mortes que se denunciam nas cortinas herméticas das janelas, nas chispas agónicas que evidenciam interiores em repouso, nas grades que frustram qualquer desejo de sair para comprar cigarros, na iluminação débil da rua que projecta obeliscos, sobre o empedrado. A tarde cola-se-lhe ao fumo do cigarro, adquire uma tonalidade azul perene, tão subtil que se quebra quando ele se lembra de que acaba de ler um artigo sobre a morte de Thelonious Monk e lhe parece estúpido ter-se sentido surpreendido em plena rua pelo aviso fúnebre e pelo responso por um homem que nunca conheceu e de quem esteve sempre separado por tal distância que pôr-se agora a calculá-la, talvez consultando a enciclopédia Espasa, seria apenas

Contribuir para tornar ainda mais funda esta imobilidade de sombras e aquele cheiro a mijo.

Sabe que num lugar qualquer da casa tem uma fita do quarteto de Thelonious Monk e sabe também que é John Coltrane que toca saxofone soprano, e que a primeira vez que ouviu ““my favorite things”” foi já há tanto tempo que não vale a pena percorrer os calendários da memória.

Procura de gatas, vai sacudindo o pó das fitas, lendo com preguiça as anotações feitas com tintas de cores, vendo a passagem dos anos nas inscrições já confusas, e encontra finalmente a fita desejada.

“My favorite things” e Thelonious Monk recentemente morto do outro lado do mundo e talvez com o mesmo cheiro a cigarro que inunda agora este quarto onde a tarde se deteve com todo o seu peso. No saxofone soprano estará o fôlego sensual de John Coltrane.

Tira a rolha a uma garrafa de vinho e prepara-se então para prestar a sua homenagem póstuma ao morto que grita das páginas do jornal. Põe a cassete no aparelho e senta-se à espera das primeiras notas, mas a única coisa que lhe chega aos ouvidos é o ronronar mecânico de um gato com asma.

Pensa que é uma deficiência da gravação, e é natural, as primeiras cassetes foram gravadas sem esmero, apropriando-se da música à pressa, encerrando as tonalidades que outrora se espalharam e encheram as salas de outros tempos sem maior preocupação além da ideia possessiva de não esquecer; aquela música foi testemunha de dias com começo e fim estabelecidos, mas sem apreciações excessivamente prematuras, ou porventura excessivamente atrasadas. Assim passam uns minutos, que se tornam insuportáveis, e chega à conclusão de que a cassete está danificada. Tempo de mais sem ser ouvida, muitas viagens; talvez com umas gotas de óleo torne a funcionar.

Vai então à cozinha, regressa com a faca do pão, estripa a fita e descobre que está cortada, quase imperceptivelmente cortada, e respira satisfeito.

Está outra vez de gatas no chão, na atitude atenta de um cirurgião diante de uma emergência. Sua um pouco, os dedos parecem-lhe grandes de mais, desajeitados para uma missão tão delicada, mas acaba por conseguir. Torna a colocar as tampas, com a ajuda de uma esferográfica dá à fita uma tensão aceitável, encaixa-a no aparelho e dispõe-se, agora sim, de certeza, para, dentro de poucos segundos, com “my favorite things” remover qualquer cisma acerca da imobilidade da tarde; e, para coroar o triunfo alcançado, enche um copo até acima.

Primeiro espanta-se com o que ouve. Pensa que pode ser um efeito de que não se recordava, mas acontece ser indiscutivelmente um pranto, sim, um pranto de mulher, um pranto debilmente reprimido e, por detrás do pranto, ouvem-se umas vozes, palavras de consolação, vozes que emitem as suas mensagens com uma tonalidade tão apagada que não consegue compreender com toda a nitidez as ideias expressas, e então põe-se de pé, aumenta o volume, cola os ouvidos ao altifalante e consegue reconhecer a mulher que chora. É sua mãe.

A voz entre soluços fala de sonhos e esperanças, lá do outro lado do mar grande, chora com um choro suave mas desolado e,

Por sobre as frases de consolo, consegue articular algumas palavras mais inteligíveis, qualquer coisa como que era uma notícia por que sempre esperou, qualquer coisa como que pena não poder estar lá com ele, e depois consegue identificar entre outras a voz do seu irmão: é a mais forte e decidida, é a voz que às vezes resmunga com todo o rancor possível a palavra merda; depois distinguem-se as vozes de tios e parentes mais distantes, para além das referências que a memória às vezes dá de presente. Parentes e amigos a quem tantas vezes prometeu uma carta que parou no cabeçalho e foi parar ao cesto dos papéis juntamente com as rolhas, as pontas dos inúmeros cigarros fumados em noites de espera e de sémen involuntário.

Está de pé a ouvir, tem a testa colada aos vidros, mas do outro lado da janela estão apenas as sombras de uma tarde que agoniza, e as vozes sucedem-se, e há um ruído de tigelas e sussurros que oferecem um copinho de conhaque a alguém, também impessoal, que diz que sirvam a velha, e depois pausas que são aproveitadas pelo despudor do gato asmático que desliza o seu ronronar por entre as vozes, o gato

invisível que habita em todos os gravadores do mundo e que turva a voz do tio Julio, que diz que felizmente a segurança social do país onde ele está é bastante eficiente, e os parentes mais distantes confirmam com os seus louvores a perfeição da burocracia europeia, e todos em unísono dizem que já não há razão para preocupações, que, embora estas coisas sejam sempre duras, é preciso pensar que, agora sim, o pobre vai descansar, que todos sabemos que saiu bastante doente da prisão e que, coitado, nunca disse nada, tão homem até ao fim, diz uma voz que se oferece para fazer as diligências no consulado e consultar amanhã sem falta os preços na Lufthansa, mas se calhar teria preferido ficar naquela terra junto do velho; sim, era isso que teria preferido, e carrega no botão de stop.

Olha para a rua e parece-lhe mais solitária e imóvel que nunca. Prepara-se para sair, mas desta vez sem pegar nas chaves, porque sabe que nunca tornará a atravessar a soleira daquela porta a feder a mijo, que nunca mais tornará a morar naquele apartamento de homem solitário, e que nunca mais ouvirá “my favorite things” interpretado pelo quarteto de Thelonious Monk com John Coltrane no saxofone soprano.

O último faquir

Claro que é verdade. Ninguém poderá dizer que você teve um amigo melhor que este que lhe está agora a falar enquanto engole as próprias lágrimas, e embora poucas pessoas nos conhecessem, acho que todas repararam nesta amizade imensa que assim se entremostrava, devagarinho, que é como se exprime a verdadeira amizade dos homens, que às vezes não precisa de maiores palavras, e se limita a encher o copo sem entornar o vinho.

Apenas uma amizade de homem. Amizade maço de cigarros atirado para cima da mesa sem mais explicações que a vontade de fumar que se adivinha. Amizade silêncio e palmada nas costas depois de ter ouvido horas a fio o rosário de desgraças que sempre o atormentaram. Uma amizade de homem que quase todos viram, quase todos menos você, tenho a certeza.

Lembre-se, compadre. Porque a verdade é que somos compadres, não é? Lembre-se de que fui eu que uma bela manhã lhe disse que tinha de fazer como os artistas de teatro, que é vulgar darem dois espectáculos por dia. Lembre-se de que fui eu que insisti consigo para se apresentar com categoria

E para respeitar o pedaço de talento que às vezes nos brota da angústia e do estômago vazio. E lembre-se também de que fui eu que cheguei um dia com o pequeno cartaz acabado de pintar numa cartolina branca. Que bonito me saiu! Se bem me lembro ainda:

Já não há dúvida que valha, e a verdade impõe-se neste mundo de farsantes. A imprensa e a televisão demonstraram-no a milhares de incrédulos. Ali Kazam é o último dos verdadeiros faquires que ainda nos restam. Ali Kazam come lâmpadas eléctricas como se fossem bolachas de obreia e engole lâminas de barbear como quem toma analgésicos. Ali Kazam consegue estas proezas graças à sua vida vegetariana, que faz mais efeito a aliviar carregos que um cavalo. Ali Kazam é magro mas saudável e agradece a cooperação do respeitável público que assiste atónito às suas representações. Duas vezes por dia Ali Kazam engolirá diante de vós toda a espécie de vidros e objectos

metálicos, retirando-se depois para descansar, para meditar sentado numa tábuia erigida de pregos.

Venham vossas excelências e respectivas famílias e vejam Ali Kazam, o último verdadeiro faquir que ainda nos resta nestes tempos de vigarice e imitação. Ali Kazam irá apresentar-se apenas durante alguns dias nesta cidade, após o que continuará a sua viagem em busca da paz e da verdade, que iniciou na sua pátria, a longínqua e misteriosa Índia.” E desculpe lá lembrar-lhe, compadre, porque a verdade é que somos compadres, não é?, que também fui eu que lhe pus o nome, porque, se eu não estivesse presente, você e a sua ideia do grande Maurício" não tinham ido longe. Pois se até o turbante foi feito por mim, compadre, cópia fiel de um que vinha nas selecções, porque às vezes sempre serve de alguma coisa a gente ler. Pois é verdade, compadre, saiu-me um turbante digno de um sultão, muito diferente daquele enchumaço de adesivo com que no circo lhe coroavam a cabeça.

Se estou a dizer-lhe agora todas estas coisas, compadre, não é com a intenção de lhe cobrar qualquer favor. Ná. O que fiz está feito e feito fica, apenas quero lembrar-lhe que, sem mim, você nunca se teria revelado, nem se teria lido o seu nome artístico em jornal nenhum.

Lembre-se de que no circo acabaram por destinar-lhe a mudança da serradura mijada pelos leões, porque quando lhe deu a câibra em pleno espectáculo de gala ficou mais que demonstrado que para homem de borracha você não tinha qualquer talento. E então quem é que reparou no seu corpo magrizona, todo a tiritar e a tentar inutilmente tirar o pé da nuca? Pois fui eu, compadre. O seu amigo.

Lembre-se de que eu me aproximei, sem ligar às gargalhadas do respeitável público e ignorando os insultos do empresário, de que o ajudei a desatar-se e lhe disse: compadre, vendo bem, o senhor tem uma irresistível pinta de faquir, e você, compadre, olhava para mim com esses seus olhos de carneiro à beira do sacrifício, e nem sequer fazia a mínima ideia acerca do imenso futuro que eu estava a forjar-lhe.

Quem lhe emprestou os livros de Lobsang Rampa para aprender alguma coisa sobre a Índia?

Pois fui eu, compadre. O seu amigo.

Quem foi que nem sequer piou quando você trocou os livros, sem os ter lido, por alguns garrações do tinto mais rasca?

Pois foi este coração, compadre. O seu amigo.

Lembre-se de que fui eu que lhe ensinei como fazem os marinheiros dos navios mercantes para mascar os vidros até os transformarem em farinha e os esconderem debaixo da língua. Lembre-se de que fui eu que lhe consegui as ampolas de tinta, daquelas que os mágicos usam no chapéu quando fazem o truque dos ovos, e lembre-se de que fui eu que lhe comprei as garrafas de aguardente, da mais forte de todas, da cana de curtimento, para lhe secar as gengivas, compadre, e ficar de boca dura. Puxe pela cabeça, compadre, e diga-me se não fui eu que lhe ensinei a maneira de meter as lâminas de barbear entre os dentes, devagar, muito devagarinho, sem tocar nas gengivas, para depois as poder partir mexendo-lhes com a língua. E não se esqueça do que me custou conseguir as injeções de anestesia para quando fazia o número de atravessar alfinetes nos braços.

Não que eu lhe esteja a cobrar seja o que for, compadre, porque somos compadres, não é? Apenas lhe quero dizer que ninguém, nem sequer você, pode dizer que teve na sua vida outro amigo melhor que eu. O amigo que o formou, que o levou pela mão pelos caminhos do êxito e lhe fez beber o vinho dos aplausos. Eu, pois claro, compadre, o seu amigo, aquele que fez de si um artista.

Mas você, compadre, e desculpe que lho diga agora nestas circunstâncias tão risíveis, você sempre foi um teimoso, mais teimoso que uma mula.

Tantas vezes lhe repeti: compadre, tem de compreender que para além do talento cada homem tem as suas próprias limitações, mas falar consigo, compadre, foi-se tornando cada vez mais impraticável, e se calhar, agora que penso nisso,

Porque a fama lhe foi subindo à cabeça.

Lembre-se de que quase me matou de raiva em todas aquelas ocasiões em que bebeu a aguardente antes de ter feito qualquer número e teve de explicar ao respeitável público que o seu andar tem-te-não-caias não era consequência de uma bebedeira, mas a natural debilidade do jejum observado por todo o faquir que se preza ou, para ser mais explícito, lembra-se, compadre, daquela vez em que lhe consegui a primeira actuação na televisão? Lembra-se de que na noite anterior, e sem me dizer patavina, deixou a capa empenhada num prostíbulo? Tive de correr um por um todos os bordéis do porto para recuperar a roupa de faquir e, perguntando ao putedo, acabei por encontrar a capa a servir de toalha numa mesa sebosa. "Compro-lhe a cortina," disse-me um maricas vestido de fandangueiro, como se não me tivesse custado vinte noites a picar os dedos para bordar os signos do horóscopo pela mesma ordem por que aparecem no almanaque Bristol.

Quantas vezes eu lhe disse: "compadre, não saia para os copos vestido com a roupa de faquir, não vê que assim pensam que é maluco?", mas você a dar-lhe, que o confundiam com o embaixador do Paquistão.

Ai, compadre! Ó compadrezinho, desculpe lá eu repetir, mas você foi teimoso, mais teimoso que uma mula.

Agora que estou sentado, agora que fumei quase um maço de cigarros, penso e torno a pensar, e por mais voltas que dê não consigo imaginar onde diabo foi buscar o sabre.

Segundo o anão, você terá dito já com bastantes copos no bucho: "chegou a hora de Ali Kazam fazer uma proeza que nunca se viu neste circo de merda. Chegou a hora de Ali Kazam, o último faquir, deixar de comer pregos e tachas de sapateiro e engolir um sabre inteiro. Um sabre de cavalaria, sem sal e até ao punho."

Quando me chamaram, compadre, eu estava tranquilamente sentado junto do meu copinho de vinho, você sabe, desses copinhos sossegados que eu tomo, esses copinhos sem escândalo, esses copinhos silenciosos em que me concentro e vou criando os novos números com que colhemos tantos aplausos. Para lhe ser franco, compadre, estava a pensar num truque formidável, num número espectacular para o qual apenas precisávamos de duplicar a dose de anestesia nos seus braços, e, acima de tudo, estava a aprender a confiar em si. Estava quase a confiar em si e, como prova, compadre, lembre-se de que o deixei sozinho nos três últimos espectáculos, mas, como diz a bíblia,

já vê, você nunca conquistou totalmente a confiança das pessoas; sempre com os seus repentes de última hora.

Quando me chamaram, compadre, fui a correr. Você sabe que nunca o deixei sozinho nos seus momentos de apuro, e desculpe lá, compadre, mas palavra que me deu vontade de rir quando vi como o levavam sentado na maca, de pernas cruzadas, com a boca horivelmente aberta e meio sabre metido no corpo.

Quando o vi, quase virei costas, mas acabou por me dar vontade de rir vê-lo naquela situação, de olhos fechados e com dois fiozinhos de sangue a escorrer-lhe da boca. Deu-me vontade de rir ver como os enfermeiros lhe agarravam as mãos para que não tentasse tirar você o sabre ou metê-lo até ao fundo para ganhar a aposta.

Desculpe que lho diga agora, compadre, mas você nunca seria capaz de mudar.

Disse-me um enfermeiro que já lhe tiraram o sabre e que mo vão entregar daqui a pouco. Eu perguntei se o que me vão entregar é o sabre, e o enfermeiro disse-me que também, mas que se referia a você. "Logo que acabarem de o cerzir, entregamo-lo," disse-me ele.

Lá fora, compadre, está uma mulher a chorar. Porque é que não me disse que era casado, compadre? Gela gritou-me um chorrilho de insultos e ameaçou mandar-me para a prisão porque eu é que sou o responsável da sua tolice de se julgar faquir. Eu engoli os insultos, compadre, você sabe como eu sou. A única coisa que lhe disse foi que "eu ensinei-lhe um ofício, minha senhora, digamos que sou o manager dele e, além disso, o seu melhor amigo", mas ela continua a gritar lá fora que eu sou o único responsável pela sua loucura.

Mas ora aqui me tem, compadre. À espera de que mo entreguem, não sei se embrulhado na mesma capa que eu lhe bordei e que tão bons tempos nos proporcionou, se num lençol, se num saco de plástico. Seja como for. Aqui tem o seu compadre, o seu melhor amigo, sempre a postos, como nos bons tempos.

Não sei o que se vai passar depois, mas quero que uma coisa fique bem clara desde já: eu fui o seu melhor amigo, compadre, aquele que lhe ensinou os truques que deixavam o público de boca aberta, que lhe bordou a capa e lhe comprou os talismãs da boa sorte, este que o acompanha agora separado por uma parede branca, este que terá de pagar o caixão, as velas e o padre, que há-de conseguir a coroa em nome do sindicato dos artistas de circo, que lutará por que a sua morte seja considerada um acidente de trabalho, que pedirá um minuto de silêncio por alma de Ali Kazam no espectáculo de logo à noite.

Abre-se agora uma porta, compadre. Dois homens trazem uma maca e consigo reconhecer uma das suas sapatilhas pontiagudas.

Um dos homens pergunta: "quem se encarrega do corpo?", e eu respondo: "sou eu." "Parente?", pergunta o enfermeiro.

"Não, o seu melhor amigo," digo-lhe eu, porque é verdade.

Notícia de um lugar desconhecido

Incerta a origem das informações que falam da cidade.

Por outro lado, a indolência dos historiadores, arqueólogos, antropólogos, etnólogos e outros cientistas, que insistem em acusar de charlatanice aqueles que referiram a história, contribui para manter a incerteza.

O que ficou dito não deve surpreender-nos. Sabemos que o conhecimento é parcial e se baseia em arbitrariedades. Com efeito. O botânico que se prepara para descobrir a sexualidade do ficus inicia o seu trabalho procurando a confirmação da meta hermafrodita que já esboçou. Se, passados vinte anos, a verdade, que é sempre casual, insiste em demonstrar-lhe o pecaminoso jogo da cópula que tem lugar em cada vaso, o botânico não hesitará em proclamar a degeneração absoluta do ficus e sugerirá a proibição da sua cultura no mundo inteiro.

Regressemos às informações que falam da cidade. Talvez a única referência historicamente rigorosa seja a de Juan Ginés de Sepúlveda, o humanista, contemporâneo de Frei Bartolomé de Las Casas, que em 1573, sentindo a chegada da morte, reuniu à sua volta os poucos parentes e próximos que não se juntavam ao público de escárnio que as suas ideias provocavam. E esses aproximaram-se do seu leito de moribundo mais atraídos pelo boato de um possível testamento que por outras considerações de ordem piedosa.

O humanista, do seu leito de ancião lúcido mas consumido pelas febres do peito, repartiu equanimemente os bens que possuía. Mobiliário, loiças, imagens religiosas, roupas, barris de vinho, um ou outro bácoro, passaram para a propriedade dos presentes, até que o ancião deixou de ter mais qualquer património além de um pequeno cofre, uma modesta jóia de Correaria Salamantina que ele insistia em manter em cima da barriga, agarrando-se a ele como que para o proteger dos olhares cobiçosos.

Quando o abriram, os herdeiros sentiram-se defraudados.

Lá dentro não havia uma só jóia, nem um só dobrão, nem uma só peça de metal precioso, nem uma só fieira de pérolas. Apenas um molho de folhas amarelentas, gretadas por muito terem sido manuseadas e lidas, e escritas em grossos caracteres. Eram onze folhas das cinquenta e duas que compunham a carta raríssima, uma missiva enviada pelo grande almirante do mar oceano a suas majestades de Espanha a 7 de Julho de 1503.

Como é publicamente conhecido, a carta raríssima foi assim chamada devido a dois pormenores que nela se consignam. O primeiro é a confissão de um terrível sonho, povoado de apocalípticas visões, que terá acometido o grande almirante nos piores momentos da sua quarta viagem às Índias e de toda a sua existência. O segundo é uma frase: "o mundo é pequeno" - que dificilmente se compreende num marinheiro que viveu desafiando a adversidade e negando o horizonte como fim da empresa humana.

Tal afirmação, de que "o mundo é pequeno", encheu a cúria de consternação, mais a corte espanhola, os banqueiros ingleses, os leitores e escribas de então, que decidiram omitir os fundamentos da opinião do grande almirante. A omissão foi cometida extraviando vinte e seis folhas da carta raríssima. Segundo os historiadores, ou se extraviaram misteriosamente durante a travessia, ou foram atiradas pela borda fora por um parente do marinheiro Rodrigo de Triana. Seja como for, o caso é que onze daqueles documentos foram ter às mãos do humanista por meios que desconhecemos.

O que na realidade sabemos é que nessas onze folhas o grande almirante descreve, numa linguagem que se avizinha da heresia, a existência de um lugar, de cuja existência soube apenas por dele ter ouvido falar, e ao qual chamou sucessivamente mococomor, mojojomol e mocojotón. Mais tarde, Juan de Cáceres, expedicionário ao

serviço de Cortés, virá a falar-nos com todas as letras de moxoxomoc no seu “Tenebrosus Egressus”, prolongada e letárgica crónica escrita poucos meses antes de os astecas lhe terem aberto o peito no altar dos sacrifícios.

A descrição de moxoxomoc consignada nessas onze folhas manuscritas devemos-la nós à excelente memória de Ruy per de Sepúlveda, que contava treze anos quando o seu tio-avô, Juan Ginés, o humanista, as leu perante a audiência de cobiçosos defraudados. Ruy per de Sepúlveda guardou a narração na sua memória, mas porventura muitos pormenores valiosos se terão perdido na lenta debilidade do tempo, se é que não foram arbitrariamente deformados. Quanto a este último ponto, não devemos inquietar-nos nem ser levados a condenar o memorizador. Sabemos que a narração oral é a mãe da literatura, porque cria e recria constantemente as situações de acordo com o ânimo e conveniência do narrador. além disso, devemos notar que, passados três séculos, entre os descendentes de Ruy per de Sepúlveda não se contou qualquer homem de letras ou interessado na história. Os descendentes de Ruy per de Sepúlveda praticaram a narração daquelas onze folhas como passatempo durante a noite de eclipse lunar, como gracinha para ganhar um copo de sumo de cana nas tabernas, ou como enredo de saltimbancos. Mas com tudo isto, e apesar de tudo isto, conseguiu chegar aos nossos tempos.

Segundo os Sepúlveda, o grande almirante situava a cidade de moxoxomoc num ponto qualquer hoje fronteiro entre o México e as Honduras. A cidade, se é que é possível aplicar-lhe tal nome, era composta de dois enormes edifícios rectangulares, muito altos, de pedra finamente trabalhada e decorada com relevos que representavam figuras humanas nas mais diversas atitudes - razão pela qual se não estranhava que o ilustre marinheiro falasse de monstros -, e ambas as construções se erguiam sobre um árido solo de cascalho.

É difícil não cair nos pormenores inócuos com que os Sepúlveda foram ornamentando a narração. Não tardou que, se nos fiarmos na resenha de tesouros fáceis de encontrar, de Alonso de Sepúlveda, cunhador de moeda no vice-reino de La Plata, moxoxomoc fosse apenas e nada mais que a fabulosa cidade perdida dos Césares, mas tudo isso não passa de lucubração irresponsável.

Por se referir que a cidade era formada por dois grandes edifícios não se deve pensar nem em fortificações militares, nem habitações colectivas. Os dois edifícios erguiam-se precisamente um em frente do outro, segundo a linha de deslocamento solar. Estavam separados entre si por umas cem jardas, e ambos tinham as portas de entrada orientadas para poente e as de saída para oriente. Cada um dos edifícios tinha apenas duas portas, uma de entrada e outra de saída, e os interiores haviam sido desenhados em forma de labirinto. Estreitos e rectilíneos passadiços levavam, quebrando-se aqui e ali, à porta de saída. As paredes desses passadiços estavam cobertas do lado esquerdo por estantes que se erguiam até à cobertura, repletas de códices redigidos na escrita maia, e com banquinhos de pedra.

A arquitectura destes edifícios não deve espantar-nos. Supõe-se que a língua moxoxomoc corresponde ao dialecto uaxactum, e os uaxactumes dominavam as matemáticas proporcionais cinco séculos antes da nossa era. Há também os que sustentam - e, entre eles, Yuri Knorozov - que moxoxomoc corresponde ao dialecto zotzil, mas tal não desautoriza o que antes se indicou.

Se nos limitarmos ao que o grande almirante descreve, ambos os edifícios formavam uma estranha biblioteca. No primeiro entravam, quando perfaziam cinco anos, os descendentes da casta dos sábios, e não mais o abandonavam até chegarem à saída do labirinto, trinta anos mais tarde. Dia após dia, ano após ano, aprendiam. Primeiro liam os códices, mais tarde interpretavam-nos, discutiam-nos, tornavam a interpretá-los e a discuti-los, até dominarem cada segredo das artes, das ciências, da criação e das origens. Finalmente, possuíam tal sabedoria que conseguiam guiar o rumo dos sonhos, o único empreendimento que os homens jamais se atreveram a assumir.

Ao saírem do edifício, pálidos como a pedra, quase transparentes, hesitantes perante a alternativa de caminharem ou levitarem, eram festejados durante sete dias na esplanada que separava os edifícios. Eram saudados como «os que não precisam de falar, porque possuem todas as perguntas e conhecem todas as respostas». Eram o objecto dos festejos; em sua honra sacrificavam-se donzelas e escravos, mas eles permaneciam ausentes. A sua única participação consistia em copular com as virgens eleitas para preservar a casta dos sábios.

Ao oitavo dia ingressavam no segundo edifício, na segunda clausura que iria durar outros trinta anos, durante os quais iriam percorrer o labirinto, desta vez plasmando as suas ideias e reflexões, as suas novas perguntas e novas respostas em lâminas vegetais, com tal disciplina, com tal rigor, que, quando se encerrava o ciclo de sessenta anos, a biblioteca do primeiro edifício via duplicada a sua riqueza.

Os iluminados pagavam a luz com novas luzes.

Lá fora matavam e morriam. Multidões deixavam as tripas nos altares de sacrifícios. Os deuses vendiam cada vez mais caros os seus favores e, aos sessenta e cinco anos, os iluminados, enfeitados com a categoria dos sábios, isto é, absolutamente nus, abandonavam a porta final do segundo edifício para se porem a andar com a inútil solidão da sabedoria.

Que aconteceu a esta fabulosa cidade-universidade-biblioteca? Não sabemos, e talvez nunca o venhamos a saber. Talvez não seja mais que fruto da efabulação dos Sepúlveda, erradamente atribuída à pena do grande almirante. Ignoramos também o destino das onze folhas vistas pela última vez nas mãos trementes do humanista.

O que ao certo sabemos é que Ruy per de Sepúlveda transmitiu a crónica aos seus descendentes e estes, por sua vez, a transmitiram em tabernas, tugúrios e autos nas viagens.

Ruy per de Sepúlveda foi alvo da risota de Sevilha até ao momento da sua morte, em 1680, mas hoje, no momento em que escrevo com a visão de moxoxomoc, por algum estranho desígnio, ainda fresca na minha memória, não posso deixar de estremecer ao pensar no grande almirante redigindo febril os escritos da sua desdita, ao pensar em Juan Ginés de Sepúlveda conservando-os sem que de modo algum lhe fosse claro para quê e para quem. Talvez o humanista intuisse que os sábios daquela cidade incerta antecipavam a inutilidade do saber que hoje nos persegue. Comove-me pensar no primeiro transmissor da informação, ignorado para sempre sob o peso dos séculos.

Terá algum expedicionário de Cortés penetrado nos labirintos? Terá sido um ou terão sido muitos? E depois que se passou? Terão regressado ao velho mundo para

formar sociedades secretas? E, se o fizeram, terão conseguido sobreviver mais tarde à inquisição?

Donde provirá a resistência ao poder daqueles que sabem, desses que não conhecemos mas de quem recolhemos com horror o fruto dos seus conhecimentos?

Talvez todas as dúvidas levantadas por este relato já estejam resolvidas, formuladas e reformuladas milhares de vezes nos brancos labirintos de moxoxomoc.

Uma outra porta do céu

Mas que importa esta ressaca se lá por baixo há algo quentinho que devem ser as empadas, e entre por baixo e por cima existe outra coisa ainda mais quentinha, um coração que repete que se fodam, que se fodam, que se fodam mesmo, que insubstituivelmente se fodam, puta que os pariu.

Julio Cortázar

Paris. Não sei. Penso que por estas mesmas ruas, talvez olhando pelas mesmas janelas e sentindo o mesmo calorzinho do fumo no estômago... não sei. Falo do papão, é claro. E ao dizer falo, estou a pensar no meu quarto de trabalho. Lá fora é ainda inverno. Tenho uma luz agradável, em cima da mesa o maço de cigarros aberto e insinuante e, contudo, caminho por estas ruas que, tenho a certeza, o papão percorreu de mãos nos bolsos, jogando o jogo do vento a fazer voar as abas da gabardina e a conferir-nos um aspecto de pássaros perdidos.

Descubro também muitas coisas. Não sei. Será talvez porque nos ficheiros do mundo apareço ainda abrangido na categoria dos homens jovens. Isto de caminhar de cigarro na boca, puxando fumaças curtinhas, esquecendo-me da sua presença, aprendi-o eu com Heinrich Böll, o velho bom de colónia, e gosto disso da mesma maneira que gosto de caminhar por Paris a esta hora da tarde.

E, acima de tudo, gosto de sentir que não me esqueço do papão.

Caminho e falo. Caminho por Paris e falo com os meus amigos de Madrid, sentado no meu quarto hamburguense. Onetti tem razão: é preciso renunciar aos territórios físicos e habitar o território da imaginação.

Nestas páginas é 12 de Fevereiro e, como permanecerão esquecidas no meu canhenho, nelas será sempre 12 de Fevereiro.

Inverno na Europa. Se eu disser agora o nome do papão. Irá pensar que se trata de um truque barato para chamar a sua atenção. Por outro lado, se já leu que é 12 de Fevereiro, é possível (e eu desejo-o fervorosamente) que tenha percebido esta primeira chave. Se assim for, há-de recordar-se e fará aquele gesto de abrir involuntariamente os olhos de maneira a que as pestanas se ergam e tornem a cair com uma mestria digna de Marcel Marceau. Se depois de tudo isto continuar a ler, sentirei que acaba de propiciar-me duas amistosas palmadinhas no ombro e que poderei então continuar a falar e a escrever.

Percebe com que liberdade nos podemos entender? Se lhe apetece tomar um conhaque, acender um cigarro preto e enroscar-se como um gato no seu lugar preferido, adiante. Você e eu estamos cumprindo a função mágica da literatura.

Não poderia falar do papão se não tivesse a certeza de que você existe e é meu cúmplice.

Paris. Como explicar? Temporadas breves, é claro. Quando muito, umas semanas, e desde que os franciús começaram a ficar duros com os vistos, apenas umas horas enquanto espero a combinação ferroviária que haverá de me levar a Madrid ou de regresso às margens do Elba. Em geral viajo com pouca bagagem, e por isso posso ir a pé da Gare du Nord até à Gare d'Austerlitz evitando a linha cinco do metro que nas horas de ponta tem um cheirete que nem lhe conto.

Paris. Não sei. Gosto porque vivo a presença de outros. Moro com e na recordação de outros de quem gostei, de quem gosto.

Ainda não cheguei a conhecê-lo na intensidade da língua e do sangue, embora uma vez tenha deixado um bocadinho de corpo numa velha casa do Boulevard des Batignoles e tenha acabado ao murro com um ianque ex-campeão de pesos-médios. Não sei. Como explicar? Naquele tempo não era eu, o de agora. Era a sombra de Hemingway correndo as ruas em busca de alhos-porros e das espirais do lápis do mestre.

Paris. Lembro-me agora de que tenho sérios problemas com as retretes Parisienses. Quando era ainda muito novo fracturei uma perna a jogar ao toma-lá-dá-cá com uns polícias, e desde então sinto-me completamente inepto para o tipo de ginástica que a cultura sanitária francesa exige. Mas basta de divagações. Você quer que eu lhe fale em linguagem de escritor de contos e já começámos dizendo que é 12 de Fevereiro".

Tinha de esperar oito horas para a correspondência com o comboio espanhol e, como sempre, decidi andar a pé para sonhar o tempo. Um dia horrendo. Frio e chuva. Essa chuva sem vento, decididamente vertical, que em poucos minutos ensopa até aos ossos e que, protegido pela gabardina, me fazia sentir privilegiado. Ora diga lá se não é de dar o prémio Nobel ao inventor do tecidinho aborrachado que nos isola entre o forro e o pano.

Num momento de distração meti os pés numa poça e, ao descobrir que as peúgas de lã absorviam água, tomei a decisão de me meter num botequim pobremente iluminado. Dobrei a gabardina junto do aquecimento e encomendei um conhaque duplo. O sítio não era mau. Alguns fregueses a ler o jornal da tarde, e de um rádio escapavam-se baixinho as notas de um concerto para flauta. Mozan, o conhaque que me descia lentamente pela garganta, e sentir que as peúgas iam secando. Ouvi-os então falar atrás de mim.

Eram eles. Eram eles, sem dúvida. Não podia vê-los e tanto fazia, já que nunca os tinha visto antes. Mais, acho que só o papão conheceu em pormenor os traços fisionómicos deles. Mas eram eles, como é que hei-de explicar? É, no fundo, a coincidência. Diz Borges que sabemos muito pouco acerca das leis que regem a casualidade, e tem razão. Eram eles.

Não me quis virar para lhes ver as caras. Também me não deixei vencer pela tentação de lhes falar. Não sei. Adivinhava que era inútil. Sem ser crente, sei desse território a que chamam limbo, só que nunca pensei que tivesse a aparência de um café mal iluminado na subida para Montparnasse. Eram eles e falavam argentino.

- Que o pariu - dizia aquele que, pela voz, adivinhei ser o mais velho. - Encontramo-nos na bancarrota mais terrível e você gasta os últimos recursos a comprar o jornal.

- É preciso estar informado - replicou o que parecia mais novo. - A imprensa é a ponte que nos une ao mundo civilizado. É a mão que modela a massa da nossa futura opinião. O quarto poder. Além disso, comprei-o porque tem o programa hípico. O Fortunato corre na sétima.

- E para que diabo nos serve saber que o Fortunato corre na sétima, se nem sequer temos uma manga para lhe atirar às patas? Numa dessas ganha essa pileca e então o sofrimento é a dobrar. Que o pariu.

- Bem se vê que vossemecê desconhece o poder da imprensa, colega. Se estivermos bem informados podemos aproximar-nos do hipódromo, procuramos por lá um tipo com cara de indeciso e, vossemecê sabe, boa-tarde. Desculpe se o incomodamos, acontece que nos encontramos com um pequeno inconveniente financeiro que nos impede de apostar no cavalo que vai ganhar na sétima. Somos primos da mulher do cavalo, quero dizer, da mulher do jóquei, e pensámos que, em troca de uma pequena percentagem dos ganhos, poderíamos partilhar com o senhor o segredo... está a entender? Percebe agora porque é que gosto de estar sempre bem informado?

- Meu deus! Que optimismo! Poderia dizer-me com que raio é que vamos pagar a entrada no hipódromo? E outra pergunta sem importância: pretende que vamos andar a pé no meio deste dilúvio?

- Pois bem. Em Saint-Denis há uma passagem que funciona dando-lhe uma patada, disse-me esta manhã um haitiano.

- Meu deus!

- Desde quando é que está tão místico, ó chefe?

- Que pena que eu tenho dos abandonados. Conhece o poema? Desde que o mestre se nos foi, bem ficámos a curtir ao sol.

- É certo. Dantes nunca nos faltava nada. E tinha sempre uma garrafa de grappa à mão. Há quanto tempo é que não metemos uma grappa entre o peito e as costas? Acha que foi para o céu?

- Não diga parvoíces. O meu misticismo não dá para tanto. A teologia do desespero tem os seus limites.

O criado interrompeu-os. Com uma cara de animal sem dúvida aprendida na legião estrangeira, plantou-se à frente deles decidido a não mexer um cabelo até terem pedido alguma coisa.

- Um café - disse o mais velho.

- Por agora eu tomo só um copo de água. Almocei uma coisa pesada que se farta, sabe?

O criado afastou-se rezingando. Eu quis virar-me e convidá-los para uns copos, para comer, para o que quer que fosse, mas uma sensação mais forte que o pudor pregou-me à cadeira, e alegrei-me com isso. No fim de contas, conheço as dificuldades económicas que sempre os caracterizaram, o papão falou muito sobre esse assunto, e, além disso, os tipos como eles arranjam-se sempre.

- Podíamos ter encomendado dois cafés e dois croissants.

- E um pato com laranja, não? Receio ter de lhe fazer um rápido inventário dos bens. Eu tenho três francos e cinquenta, um bilhete de metro, que duvido seja aceite pela

máquina porque está molhado, e sete cigarros. Você, colega, tem o seu maldito jornal, os fósforos e a chave do quarto.

- Tempos de crise. Reparou na cara de burro do criado? Que é que aquele filho da puta queria? Que encomendasse um faisão assado?

- Quanto nos darão pelos livros?

- Vender os livros? É a única recordação que temos.

- Preconceitos? Você fanou duas coroas no dia do enterro.

- Alô! Cuidado com as acusações injustas. É certo que fanei duas coroas. Mas fi-lo pensando que ele haveria de gostar. Que flor de conto de fadas teria mandado... não se esqueça de que vossemecê me ajudou a vender os cravos nessa noite.

- É verdade. Apresento as minhas desculpas. Estamos os dois o que se diz embrulhados.

- Oiça. O Fortunato chegou em quarto na semana passada e em terceiro na anterior. O prognóstico diz que, a correr em terreno húmido, tem a melhor das hipóteses. O Fortunato, filho da Valquíria e do lord Jim. Com estes antecedentes o cavalicoque é seguro. Que pena.

- Pois. Que pena. É melhor irmos à oficina do Gilles para passar o desgosto. De repente apanhamo-lo a cozinhar esparguete e por causa da chuva somos obrigados a ficar...

O que parecia mais novo levantou-se declarando que ia meditar um bocadinho nos lavabos. Vi-o de costas, estatura mediana, embrulhado num casacão aos quadrados, uns três tamanhos acima do dele. Senti que o outro se dirigia a uma mesa próxima e pedia lume. Era o momento exacto. Tinha na mão uma nota de cem francos que tinha dobrado convenientemente em quatro enquanto eles filosofavam. Dei rapidamente a volta, estiquei o braço e meti a nota no meio das páginas do jornal. Regressei à minha posição.

O mais novo regressou da casa de banho abotoando o casacão. Não lhes queria ver as caras, ainda não, de tal modo que simulei atar um dos sapatos quando o homem passou ao meu lado.

- Então? Pensou? Seduz-lhe a possibilidade de esparguete no Gilles?

- Não nos resta outra. O Fortunato, o Fortunato. Logo havia de ser neste tempo de vacas magras. Olhe, deixe-me repetir-lhe a biografia da pileca...

- Vá lá. Que se passa? Você ficou mais pálido que um peido.

- Ó chefe... o senhor acredita em milagres?...

- Deixe-se de parvoíces. Já lhe disse que o meu misticismo...

O silêncio dos dois homens indicou-me que tinham descoberto a nota.

- Encontrou-a na casa de banho?

- Não fale tão alto. Não. Aqui. Agora mesmo.

- Deve ser do velho do quiosque.

- Impossível. Li o jornal todo, página por página. Tê-la-ia visto.

- É um milagre!

- Eu disse-lhe que tínhamos de pôr umas velinhas ao defunto.

- Um grande círio de catedral é o que lhe vamos pôr! Um círio de catedral enfeitado com velinhas de bolo de anos! Vamos pedir qualquer coisa, tremem-me os dentes com vontade de morder.

- Aqui não. Este lugar é de muito baixa categoria. Deixe-me fazer contas. No bistrô do Paul, um bife com batatas fritas custa vinte e quatro. Uma garrafa de vinho corrente, vinte. Com os impostos e tudo soma oitenta. Ficam-nos vinte livres para nos pormos a caminho do hipódromo, e de passagem abastecemos-nos de cigarros.

- Então de que é que estamos à espera?

Saíram à pressa. O mais velho atirou umas moedas para cima da mesa e algaraviou em francês dizendo ao criado que guardasse o troco para as férias. Nesse momento chegava à minha cabeça uma certa frase de Umberto Eco que falava do direito de intromissão, e decidi que também eram meus, que tinham o direito de saber que, apesar de nunca nos termos visto, éramos, contudo, velhos conhecidos. Tinha tempo e, se assim não fosse, não tinha importância. Era a melhor oportunidade para conhecer o hipódromo de Paris acompanhado de peritos e fazer depois uma enorme farra à saúde do papão.

Paguei a conta, vesti a gabardina e saí para a rua. Continuava a chover e consegui vê-los no momento em que dobravam a esquina.

- Polanco! Calac! - Ouvi-me gritar enquanto corria para os alcançar.

Ao chegar à esquina não encontrei mais nada além da rua vazia, estranhamente iluminada pelo empedrado húmido. Dos homens, nem rasto, engolidos porventura sabe-se lá por que outra secreta também porta do céu.

Fim

Scannerização e Arranjo

Amadora, 25 de Fevereiro de 1998